

*Francisco  
Carvalho*

*BARCA*  
dos *SENTIDOS*

*POESIA*



Acho difícil sufocar a poesia de Francisco Carvalho nos estritos limites do seu Estado.

Almeida Fischer

O que tem de radicalmente popular, em fusão homogênea com o que tem de erudito, confere a esta poesia um sabor de vida, a par do mérito literário que de há muito se lhe reconhece.

Anderson Braga Horta

Francisco Carvalho é um torturado e alia a transcendência à ardente humildade. Trata-se de um irmão de Pessoa e de Drummond, intenso, dramático, humano.

Antônio Carlos Villaça

Consciente de que o verso moderno reside, principalmente, na sua essência, Francisco Carvalho é um depurador do Modernismo, caminhando sempre em busca da maturidade estética. Dono de uma linguagem vincadamente pessoal, de reflexão crítica, alça vôo, através do humor e da ironia, aos mais longínquos exílios do homem.

Carlos Augusto Viana

E vai compondo o seu belo monólogo lírico-filosófico, sem concessão à vulgaridade e ao mau-gosto, realizando-se com segurança incomum, na ampla modulação do seu canto.

Artur Eduardo Benevides

Entre o sonho e o real, o mundo físico e o metafísico, vai Francisco Carvalho compondo a sua partitura musical, sem se servir de outro instrumento senão o das palavras (as palavras significantes, essenciais).

José Alcides Pinto

É uma poesia de linguagem condensada, rica no ritmo, som e técnica de repetição, com bastante carga de significados. O mito, a metáfora, a imagem, elementos da poética tradicional e universal, inserem-se na sua expressão com muita facilidade e riqueza criativa.

Cyro de Mattos

É preciso ver a obra de Francisco Carvalho como um todo — e nisso o prêmio Nestlé consagrou um dos melhores poetas brasileiros contemporâneos, pouquíssimo conhecido.

Fausto Cunha

Aqui se encontra a grande poesia moderna produzida neste fim de século; a grande poesia de um exilado em seu próprio quadro geográfico. Poeta de vasta cultura e de vastos recursos expressivos, vem escrevendo a partitura coreográfica dos mais diferentes ritmos e da mais encantatória sonoridade.

Yacílton Almeida

O compromisso de Francisco Carvalho será com a palavra reveladora do mistério poético.

Moreira Campos

Poeta autêntico, amante de sua arte, trabalha com esmero e profundidade os seus versos. Vem, assim, erigindo uma obra conceituada, respeitada em todo o Brasil e já amplamente reconhecida pela crítica especializada.

Pedro Paulo Montenegro

---

**E**m todas as culturas e religiões, o número sete emblematiza o mistério, a perfeição, a completude, possuindo, portanto, um valor único. O Judaísmo celebra sete solenidades, os sete braços do candelabro de ouro, os sete irmãos Macabeus. No Cristianismo, a simbologia do sete estende-se numa amplidão litúrgica, bastando citar os sete dons do Espírito Santo, as sete dores da Virgem Maria, os sete anjos e os sete demônios, os sete sacramentos, os sete diáconos, os sete selos do Apocalipse, os sete pecados capitais e as sete virtudes. Segundo o Islamismo, "tudo o que existe no mundo é sete, pois cada coisa possui uma ipseidade e seis lados." No Budismo, sete são os emblemas de Buda. Segundo a Bíblia, Deus descansou no sétimo dia, tendo, portanto, a semana sete dias. A escala musical possui sete notas, o espectro solar, sete cores, a rosa, sete pétalas.

"Canção do Emparedado", de Francisco Carvalho, inscreve-se na simbologia infinita do sete, como uma oitava maravilha do mundo da arte. O poema, misteriosamente, estrutura-se em sete estrofes, com sete rimas, com sete versos — o terceiro de cada estrofe — escandido em sete pés. Coluna vertebral ou parede do poema épico, o número sete rompe essa engrenagem técnica para se constituir em signo nuclear na alquimia dos signos elaborada pelo Poeta. O diálogo se faz com a África, continente de Mandela, que assiste impotente aos acontecimentos do "apartheid", dilacerador do coração da África do Sul. Da floresta africana pulam tigres e serpentes para dentro do poema, pintando de selvageria a epopéia de Mandela. As rimas se entrelaçam numa urdidura de sete redes, misturando cor: "amarela"; luz: "estrela"; a instância militar ou da guerra: "sentinela e cidadela"; a arte: "cinzela"; a tempestade: "procela"; e a essência: "flor singela", talvez uma rosa, que se despeta em sete tons poéticos.

Latuf Mucci

---

# BARCA dos SENTIDOS

Boa noite Maciel,  
com simpatia e  
homemagem do

Amor

2/8/50

Copyright © 1989 Francisco Carvalho

*Projeto gráfico e capa:*

Assis Martins

*Revisão:* Leonora Vale Albuquerque

*Revisão final:* Francisco Carvalho

### FICHA CATALOGRÁFICA

C323b Carvalho, Francisco

Barca dos sentidos; poesia. Fortaleza,  
Edições Universidade Federal do Ceará,  
1989.

312 p

1. Literatura cearense — poesia.

I. Título.

CDD: 869.8131

CDU: 869.0 (813.1)

*Francisco  
Carvalho*

*BARCA*  
dos *SENTIDOS*

*Poesia*



FORTALEZA-1989

## **OBRAS DO AUTOR**

- Cristal da Memória — 1955**  
**Canção Atrás da Esfinge — 1956**  
**Do Girassol e da Nuvem — 1960**  
**O Tempo e os Amantes — 1966**  
**Dimensão das Coisas — 1967**  
**Memorial de Orfeu — 1969**  
**Os Mortos Azuis — 1971**  
**Pastoral dos Dias Maduros — 1977**  
**As Verdes Léguas — 1979**  
**Rosa dos Eventos — 1982**  
**Quadrante Solar (Prêmio Nestlé) — 1983**  
**As Visões do Corpo — 1984**  
**Flauta de Bambu — 1987**

### *Endereço do Autor:*

**Rua Tte. Marques, 318**  
**Presidente Kennedy**  
**60.355 Fortaleza — Ceará**  
**Fone: 228.1784**



***Aos meus netos***

***Thiago***

***Rachel***

***Diego***

***Armando***

***na poesia e no coração***

***À Memória de Minha Mãe***



## BARCA DOS SENTIDOS

Sânzio de Azevedo

QUANDO Mallarmé abordou o problema da sugestão na poesia, em trecho de entrevista que se tornaria famoso (“Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco.”), (1) estava de certa forma enunciando um dos princípios básicos não somente do Simbolismo, mas de toda a lírica de nosso tempo.

Com efeito, nunca a polivalência dos signos foi tão amplamente explorada quanto na estética do Modernismo, onde o sentido de muitas imagens, pelo seu caráter cifrado, derivou para o campo do hermetismo. Quanto ao aspecto estrutural, no que tange à carpintaria do verso, é sabido que, no Brasil, depois do quase esgotamento do versilibrismo, a chamada Geração de 45 revitalizou certos poemas de forma fixa (entre eles o soneto), o que, para a miopia de alguns, pareceu um retorno ao Parnasianismo, como se Camões, Ronsard, Baudelaire e Fernando Pessoa não houvessem escrito sonetos...

Francisco Carvalho, poeta cearense que, tendo estreado em 1955, deu-nos obras do porte de *Dimensão das Coisas* (1967), *Memorial de Orfeu* (1969), *Os Mortos Azuis* (1971), *Pastoral dos Dias Maduros* (1977), *Quadrante Solar* (1983), *As Visões do Corpo* (1984), e outras, é bem um representante dessa estirpe de artistas que cultivam uma poesia agônica, poesia que reflete aquela luta com as palavras, de que nos fala Carlos Drummond de Andrade.

Por sua participação na *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos* (1965), editada nos dez anos da UFC, já despertava a admiração de Domingos Carvalho da Silva, que destacava, “integradas num texto de dicção veemente e pessoal”, expressões como “ave solidão”, “búfalos sublevados”, “nudez total de íntimos usos”, “dedos têxteis” e outras, típicas, a seu ver, do poder criador dos poetas dessa geração. (2)

(1) Apud MICHAUD, Guy. *Message Poétique du Symbolisme*. Paris, Nizet, 1947, p. 774.

(2) SILVA, Domingos Carvalho da. “Uma Antologia Cearense”. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16.10.65.

Francisco Carvalho, de quem reproduzi, na minha *Literatura Cearense* (1976), o "Soneto à Rendeira" (de *Dimensão das Coisas*), o soneto XXXIX e "Cadeira de Balanço" (do *Memorial de Orfeu*) e "Homenagem" (de *Os Mortos Azuis*), deu-me o prazer e a honra de ler os originais deste livro.

Trata-se da *Barca dos Sentidos*, livro plural, onde o poeta se mostra em todas as facetas de sua maturidade artística e de seu poder criador. Volume alentado, somente um longo estudo poderia dar uma idéia global dessa obra. Entretanto, é interessante percorrer suas mais de 300 páginas, destacando os pontos que, na minha opinião, merecem registro especial.

Logo na abertura do livro, a "Ode Visionária" instaura aquele clima cínico, beirando o Surrealismo, que povoa grande parte da poesia carvalhiana: "Potro de ancas inclinadas sobre as espáduas de Deus / Esta vertigem do sonho que me cega / Com o seu fulgor de constelações enlouquecidas / Sou réptil e pássaro / Andorinha assassinada pelas flechas do albatroz / Dormido nas torres do mar / Com o seu perfil de arcanjo vingador." Não falta, nesse longo poema, a imagem telúrica do pai, presente noutros livros do poeta: "Nunca mais os teus olhos afagando as distâncias luminosas / Onde os bois se fartavam de relva e eternidade."

Livro de várias faces, *Barca dos Sentidos* apresenta alguns poemas de cunho humorístico, o que desvia o poeta daquela gravidade característica da Geração de 45. É o caso, entre outros, do "Diário Sentimental dum Cínico" ("tomei um porre de vodca por causa de Érica. Tudo acabado."); "Peru ,Pilantra", que lembra alguns passos da poesia infantil de Vinícius de Moraes ("plumas de bardo / — tudo acabou em molho pardo."); e "Soneto com Rimas Frutais" ("Se goiaba, rima com paladar / E se abricó, rima com minha avó.").

Mas o que realmente predomina no livro é a angústia do poeta em face de seu destino ou, mais ainda, do destino da humanidade. Em "Canção", diz ele: "Não vou esperar que a bomba / seja jogada do céu / sobre a raça de Caim / ... Não vou esperar que os sinos / dobrem por mim." A preocupação com o futuro do mundo na era nuclear está patente em diversos textos, como em "O Dia Seguinte", um dos pontos altos dessa obra: "O dia seguinte será um dia degolado pela foice / atômica. Um dia em que os mortos / não serão reconhecidos em suas próprias casas." Há mesmo uma "Canção da Expectativa Atômica".

O "Soneto da Neurose Urbana" ostenta versos irregulares, como este, de gaita galega (ictos em 4, 7 e 10): "Cintilação de metais na alameda", e rimas apenas eventuais, como se pode ver da leitura dos tercetos:

Buzinas. Apitos. Buzinas. Bêbados  
Ao volante. Luz alta. Motor frio.  
Signos no ar. Sonhos na contramão.

Ignição zero. Fúria pornográfica.  
Hora de metamorfoses banais.  
Cintilação de espantos e metais.

Podemos, porém, com absoluta segurança, afiançar que essas quebras de ritmo, fugindo à norma clássica do soneto, correspondem à intenção do poeta de, expressivamente, aliar o estrato fônico à camada semântica; assim, o desequilíbrio rítmico figura a própria neurose de que trata o poema. E uma prova evidente disso é não só o fato de conhecermos vários sonetos absolutamente regulares de Francisco Carvalho, noutros livros, como também, no livro de que ora se trata, haver o "Soneto de Outubro", vazado em decassílabos regulares, e com esquema rimático em ABAB / ABAB / CDE / DCE, o que em nada compromete a modernidade do soneto:

Miragens deste outubro sazonado  
Espigas desta espera luzidia.  
Meus dedos de profeta alucinado  
Enxugarão os olhos da agonia.

Libertarei o verbo amordaçado  
E acenderei o lumiar do dia.  
No peito e nos cabelos do afogado  
Vou desfolhar rosas de maresia.

Na espádua deste arcanjo sedutor  
Vou esculpir a insígnia do pecado.  
Rosa dos tempos, passa por Gomorra

Um rei que vai morrer decapitado.  
Vou esquecer os olhos deste amor  
Para que deles viva e nunca morra.

Em "Transformação do Poema", questiona o autor a função da própria poesia, ao dizer, em tom de exortação: "Quebra o teu alaúde de poeta metafísico / esquece a elegia e o madrigal / atenta para o sangue da notícia / escorrendo das veias do jornal." Mas, apesar de também ele ter sua face metafísica, na medida em que mergulha nos grandes problemas existenciais, Francisco Carvalho volta e meia se integra nos dramas da humanidade oprimida, como na "Primavera dos Mortos", em que diz: "Os meninos da África / não brincam de ciranda. / Os meninos da África / brincam de morrer." E no "Poema Crucial" afirma: "Chega um momento em que a liberdade / não pode conviver com a baioneta do déspota."

Tanto fala ele da morte em toda a sua obra que, em "Explicação", revela que alguns se queixam de suas "perplexidades metafísicas", e indaga: "Como não falar da morte, meus amigos, / se a morte bebe do nosso vinho / e come da nossa ceia?"

Mas o poeta também fala do amor, como nos “Três Sonetos” (“Teu corpo a fruto exótico me sabe / e esta nudez partida sobre a cama” — I; “Quando te despes dentro do meu quarto / fico alumbrado, fico em desvario” — II; “Beijo-te a flor dos seios suspendidos / te acaricio as ondas dos joelhos”), ou quando, em “Marinha”, exalta a “Amada, domadora de procelas e temporais / Bela como um pássaro que vai alçar vôo”.

A um contumaz leitor de versos românticos, de ouvidos acostumados à melodia das frases cantantes, há de soar extremamente rebarbativa a sinfonia bárbara dos versos livres do “Poema do Acontecer”, onde encontramos trechos assim: “Acontece o óbito do mito. Acontece a revoada dos algarismos / ao redor de tua cama. Acontece a revolta das iguarias / à hora da ceia. Acontece a senilidade dos teus desejos.”

A *Barca dos Sentidos*, já o disse, é um livro plural, e esse mesmo leitor hipotético vai por isso poder embalar os sentidos com o doce lirismo das rondalhas de “Vai Rute aos Campos de Booz”, onde o poeta demonstra o domínio que tem da difícil arte de fazer coisas simples: “Aonde vais, ó moçita / com teu seio a palpitar? / Tu vais aos campos de Booz / aprender a joear? // Vais recolher as espigas / que sobram do segador? / Ou vais aos campos de Booz / ceifar o trigo do amor?”

Um momento de rara beleza encantatória é a “Ode a um Falcão”; já por si uma ave cuja presença se reveste da magia das coisas não muito comuns, o falcão é aqui magnificado pelo verbo do poeta: “Eu te saúdo, ó anjo de rapina / Expulso pela cólera dos deuses! / Teu corpo de pluma e vento trespassando os astros / Com o fulgor de uma flecha de cristal. / Eu te saúdo, ó navegador solitário! / Teu olho veloz circundando o mar.” O mesmo sortilégio vamos encontrar no poema “O Falcão”, vazado em heptassílabos e com rimas toantes nos versos pares: “De que país subterrâneo / Veio o falcão solitário? / — Em cada pluma do corpo / Vestígios da eternidade.”

Interessante e hábil a maneira como o poeta, em “Mourão Mourão”, se apropriou da frase popular usada quando se perde o dente de leite (“Mourão mourão / toma este dente podre / e me dá outro são.”) e a vai desenvolvendo: “Toma este olho insone / cego de solidão / e me dá outro são. // Toma este corpo aflito / fanado pela estação / e me dá outro são.” (...) “Toma este rosto pálido / de morto sem remissão / e me dá outro são.” Para, afinal, concluir: “Mourão mourão / toma este mundo podre / e me dá outro são.”

Muito poderia ainda dizer a respeito deste livro de Francisco Carvalho. O que aí fica, entretanto, parece-me dar uma idéia da importância da publicação da *Barca dos Sentidos*, obra que certamente marcará a literatura do Ceará e do Brasil, porque é o testemunho da experiência e da arte de um grande poeta.

# LIVRO I

*Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevralgico da palavra.*

*E antes de mais nada te escrevo dura escritura. Quero como poder pegar com a mão a palavra. Sei que vou atingir o alvo.*

*O que saberão de mim é a ponta da flecha que se fincou no alvo.*

*Clarice Lispector*





## ODE VISIONÁRIA

I

As andorinhas semeiam reminiscências nas esferas  
Meu coração é um veleiro com seus mastros submersos  
Apunhalando os olhos dos temporais  
Vou de encontro às correntezas do prodígio  
Passarei a eternidade e as quatro portas dos elementos  
A procura desse potro de crinas espantadas  
Que expele relâmpagos das entranhas  
E que me embriaga com seu hálito  
De garanhão fecundador.

Potro de ancas inclinadas sobre as espáduas de Deus  
Esta vertigem do sonho que me cega  
Com o seu fulgor de constelações enlouquecidas  
Sou réptil e pássaro  
Andorinha assassinada pelas flechas do albatroz  
Dormido nas torres do mar  
Com o seu perfil de arcanjo vingador.

Da proa desse veleiro fantasma  
Me acena a reminiscência ensangüentada de um rei  
Destronado pelas hordas do touro solar  
Um rei empurrado para o cadafalso  
Com o seu cetro constelado de negras pedrarias  
Um rei sem seu brasão e sua túnica  
Um rei decapitado pelos adivinhos taciturnos  
A sombra da oscilante cidadela  
Mas ninguém lhe viu o peito devorado  
Pelas sete serpentes dormidas na catacumba circular  
Onde os cisnes do império se afogaram  
O rei como um pêsego podre  
Quando a alma lhe escapa pelas frestas da memória  
Como se desprende o odor das estações  
Pelas narinas de um cavalo.

## II

O verso é um potro de ancas inclinadas sobre  
as espáduas de Deus  
Eis-me cavalgando esse velocino de pêlo enfeitado  
O anjo da agonia à minha espera  
Que o profeta não volte a cabeça nem procure  
Deter o passo ante o fulgor sombrio  
Das possessões da morte.

O verso é um potro em cio desfraldando o estandarte  
do sol  
O estandarte do vento coroadado  
Pelas nuvens de cabeças aneladas  
Como princesas evadidas de reminiscências medievais  
Não deter o passo, este verso esguio  
Como o talo de um punhal ou a lâmina de um trigo novo  
Roçando a cabeleira do verão  
Não deter o passo, deslizar para o âmago do tempo  
Cego e neutro como o seixo  
Que se desprende iluminado da cabeça da montanha  
Não deter o passo, galgar a escadaria  
de espuma dos dias e os seus degraus de areia  
Como o profeta quando lhe foi determinado  
Trespasar os labirintos do prodígio.

## III

O verso é um potro de patas naufragadas  
No oceano da memória  
Um potro que carrega a madrugada dentro da cabeleira  
Um potro que se desfaz como o orvalho  
Quando os raios do céu despetalam os caminhos  
E as suas memórias sepultadas  
O verso é um potro mordido pela infância tenaz  
que despedaça o meu peito  
Com seu secreto fogo.

Quando a tarde regressar com as pombas  
E o seu trigo de ouro e as suas espigas de sol  
Quando as pombas desfiarem o seu linho visionário

De cristal sobre a transparência das aranhas  
Quando as pombas ébrias de azul  
E entontecidas de imensidade regressarem  
Ao convívio das águas e dos astros  
Quando as pombas rebentarem o elo derradeiro  
Dessa cadeia de assombros  
Que liga o coração às distâncias acorrentadas  
Quando a tarde mergulhar com as pombas  
Nesse mar de horizontes e espelhos  
É preciso deter o passo e levantar as mãos  
Para as esferas da súplica.

#### IV

O verso é um potro dispersando as entranhas do rei  
Sobre um jardim de espadas  
É preciso deter o passo como se estanca o jorro  
          luminoso de uma vela  
O jorro azul de uma artéria ligada às entranhas de Deus  
É preciso deter o passo até que as deusas implumes  
Vejam sazonar o seu trigal de delícias  
Deter o passo que os anjos não esperam pelas bodas  
Das eras nem pelo holocausto  
Das formigas nem pela benevolência da posteridade  
Deter o passo como se detém o êxtase  
Da carne e do sangue  
Deter o passo como se detém a onda que transborda  
Das reminiscências do mar.

Deter o passo como se prende entre os dedos a madrugada  
Sonolenta que passeia pela solidão do quarto .

Deter o passo como se detém a claridade de uma cobra  
Que ficou se multiplicando dentro do espelho

Deter o passo como se detém o salto da vertente  
Que despencou do coração da montanha.

## V

O verso é um potro acorrentado às ilhargas de Deus  
Um potro de galope rosado como a aurora  
Quando investe com as suas armaduras de metal  
Contra as legiões que pelejam na sombra

O verso é um barco passando ao largo  
Com o seu tombadilho em chamas  
Um barco regressando de algum mar esquecido  
Com os seus portulanos de areia e os seus clarões.

O verso é uma âncora de fogo  
Preso pelos braços à memória dos navios  
O verso é uma paragem distante  
Trazida até nós pela reminiscência dos pássaros.

## VI

A palavra é uma loba feroz numa jaula de cio  
Estou perdido nos caminhos do êxtase  
Conheço profundamente o mistério e os seus umbrais  
A porta de cristal do futuro não se abre  
Para os emissários da lei  
O futuro está escondido no ventre da metáfora  
E do tempo e não se desvela para ninguém  
Ninguém é visionário às barbas de Deus  
O futuro não se desvela aos nossos olhos de limo  
A não ser para as formigas e os répteis  
Que adivinham as leis e as mutações do universo  
O odor do vento e da chuva  
O calafrio da tempestade e do trovão  
O futuro é como um potro selvagem que se esconde  
Nas grutas da montanha ou como o raio  
Que caiu do céu partindo a escuridão pelo meio.

Os filhos de Sodoma e de Gomorra  
Foram sepultados numa tumba de sal à beira da noite  
As aves do apocalipse pousaram velozmente na sua memória  
Somos governados pelo apocalipse

Os filhos deste século semeado de tumbas  
Somos violados pelo apocalipse  
Os herdeiros desta era salpicada de sangue  
Somos degolados pelo apocalipse  
Os párias deste tempo sem entranhas  
Somos atravessados pela espada do apocalipse  
Os súditos deste império em chamas  
Somos consumidos pelo fogo do apocalipse  
Os bastardos dessa prole atômica  
Somos amortalhados pelo apocalipse  
Os cadáveres deste cataclisma orbital  
Somos afogados pelo apocalipse  
Os descendentes dessa estirpe de deuses abortados.

## VII

Esta Mulher pariu um deus  
E o amamentou com os seus peitos de ovelha  
Esta Mulher afagou com as mãos  
A fronte sonolenta e anelada de um Deus.

Esta Mulher expulsou um Deus  
Das entranhas e o agasalhou nos seus braços  
Como as pombas escondem as distâncias azuladas  
Sob as asas quando anoitece.

Esta Mulher pariu um Deus  
Redimido pelo sangue de estirpe inumerável  
Um Deus trespassado pelo amor  
Como pela luminosidade de um punhal.

Esta Mulher pariu um Deus  
Para abrigar o universo sob as dobras da túnica  
Esta Mulher atravessou a eternidade  
Sobre as asas velozes das estações.

Esta Mulher pariu um Deus  
E foi dormir sobre as palhas do asno  
Esta Mulher fundou o arco-íris  
E ligou com ele as sete hierarquias do universo.

Esta Mulher os reis a visitaram  
Com suas urnas repletas de ovações  
Esta Mulher foi perseguida pela estrela  
Visionária de um rei.

Esta Mulher nasceu coroada  
Para encarnar o mistério da criação  
Esta Mulher pariu um Deus  
Quando os sinos do vento repicavam na tarde.

## VIII

Quem viu o olho da cadela magnetizada pelo cio?  
Quem viu a rosa arder como as velas da celebração ardem  
Nos castiçais?  
Quem viu a andorinha recomeçar a parábola  
Azul na tarde esvaída em chamas?  
Quem viu o caracol escrever a secreta caligrafia  
Da ressurreição e do espanto?  
Quem viu o suicídio da estrela na eternidade veloz?  
Quem viu a majestade do crepúsculo  
Desabar sobre o espinhaço dos bois?  
Quem viu os bois ruminar as espigas da paz?  
Quem viu os braços da paz alvorecendo sobre as pombas?  
Quem viu a morte despencar do vértice dos dias  
E cair sobre nós como um pêssego podre?  
Quem viu os barcos passando com as suas velas  
De sangue no horizonte sombrio?  
Quem viu o homem levantar os braços para o céu  
E sacudir dos ombros todas as servidões?  
Quem viu o homem escrever na areia  
Os signos da mulher, da liberdade e da canção?  
Quem viu o homem distribuir com as mãos  
As migalhas do gesto e da ceta?  
Quem viu a nudez da mulher e do pássaro  
Alargando a manhã com seu fulgor?  
Quem andou despencando às bordas da volúpia  
E não viu que feroz nostalgia  
A escorrer das barbas velozes de Satanás?  
Quem não subiu a ladeira escorregadia  
Do gozo taciturno ?

Quem não partiu o pão em sete pedaços?  
Quem não provou da ceia dos cinco sentidos?  
Quem não celebrou a festa dos sete pecados capitais?  
Quem já não sentiu o verso em chamas?  
Quem já não acordou com a memória aos gritos?  
Quem não bebeu na taça de cobre do sarcasmo?  
Quem não se embriagou de amor?  
Quem não se rejubilou com as núpcias do coração?  
E com as nódoas do lençol?  
Quem não teve sete faces voltadas para o sonho  
E um só rosto voltado para a porta?  
Quem não abriu a porta para a sala vazia  
Onde os mortos se vestem para a ceia?  
Quem não viu a borboleta pousada na memória dos mortos?  
Quem não derramou o sangue dos castiçais?  
Quem não comeu do pêssego podre?  
Quem não bebeu do vinho da reminiscência?  
Quem não brindou às libações da alma?  
Quem não ergueu o braço para desfraldar o dia?  
Quem não viu o século arder como um pedaço de cedro?  
Quem não viu o sarcasmo da tumba romper  
O sigilo da pedra e ficar ressoando no ar?

## IX

E tu meu pai que agora te divides  
Com a terra e com as dimensões do tempo  
Que apalpaste o assombro com as mãos  
Os signos da morte dependurados no ângulo do olho  
As patas dos cavalos deslizando em teu peito  
A morte caudalosa como um rio  
A escorrer das vertentes do teu corpo  
A morte crescendo nas entranhas  
Como um girassol de caule enroscado no infinito  
A morte selando as tuas pálpebras  
Com seu lacre de sono e cera  
A morte te afastando do convívio da terra e da semente.

Nunca mais os teus olhos afaçando as distâncias luminosas  
Onde os bois se fartavam de relva e eternidade  
Nunca mais os teus olhos consolando as pedras do caminho

Nunca mais os teus pés tecendo o linho das estradas  
Nunca mais os teus braços abarcando o horizonte  
constelado de pombas  
Nunca mais os teus braços desfraldando o estandarte  
azul do dia  
Nunca mais as tuas mãos apaziguando o sono das ovelhas  
As tuas mãos consolando a terra  
Nunca mais as tuas mãos debulhando o ouro das espigas.

Nunca mais as tuas mãos desenhando adeuses  
No vento e nas asas das andorinhas  
Nunca mais a tua voz pastorando as cabras  
Enquanto os cabritos mamavam o leite azul da mansidão  
Nunca mais os teus braços desfraldando gestos  
De paz e os teus dedos professando  
Os rituais do vento e da flor  
Nunca mais o teu olhar cativo da cabeleira luminosa  
Das teias de aranha  
Nunca mais o teu olhar flutuando sobre o lamento  
Dourado das abelhas nupciais  
Teu olhar zumbindo como a abelha que regressa à colmeia  
Com seu odre repleto de pólen  
Nunca mais o teu olhar cavalgou o horizonte frio  
Onde as estrelas dormem.

Nunca mais o teu olhar andou a cavalo sobre as nuvens  
Nunca mais decifrou a caligrafia dos rios  
Nunca mais aprendeu a canção nas laudas negras da noite.

## X

Melhor do que brandir a espada  
É brandir o verso  
Melhor do que brandir o verso  
É desfolhar o grito  
Melhor do que desfolhar o grito  
É segurar a lâmpada  
Melhor do que segurar a lâmpada  
É beber da água do cântaro  
Melhor do que beber da água do cântaro  
É tanger as cordas do pântano



Melhor do que tanger as cordas do pântano  
É tocar os peitos da harpa  
Melhor do que tocar os peitos da harpa  
É beber o leite da vaca  
Melhor do que beber o leite da vaca  
É sonhar o bezerro azul  
Melhor do que sonhar o bezerro azul  
É semear andorinhas no ar  
Melhor do que semear andorinhas no ar  
É ceifar as espigas do acaso  
Melhor do que ceifar as espigas do acaso  
É boiar nas ondas do espelho  
Melhor do que boiar nas ondas do espelho  
É dormir sem memória  
Melhor do que dormir sem memória  
É roubar o rubi da rima  
Melhor do que roubar o rubi da rima  
É gastar o ouro de Roma  
Melhor do que gastar o ouro de Roma  
É despir as vestes da nudez  
Melhor do que despir as vestes da nudez  
É disparar flechas na lua  
Melhor do que disparar flechas na lua  
É despencar do ombro de Deus  
Melhor do que despencar do ombro de Deus  
É girar a maçaneta da porta  
Melhor do que girar a maçaneta da porta  
É iludir o ópio da serpente  
Melhor do que iludir o ópio da serpente  
É vaziar o olho da bomba atômica  
Melhor do que vaziar o olho da bomba atômica  
É irrigar a flor da liberdade  
Melhor do que irrigar a flor da liberdade  
É derrubar a cidadela do rei  
Melhor do que derrubar a cidadela do rei  
É cuidar das entranhas da Ásia  
Melhor do que cuidar das entranhas da Ásia  
É regar um oásis na Ásia  
Melhor do que regar um oásis na Ásia  
É mamar nos peitos da Ásia  
Melhor do que mamar nos peitos da Ásia  
É sacudir os fantasmas da Ásia  
Melhor do que sacudir os fantasmas da Ásia  
É libertar a alma da Ásia

Melhor do que libertar a alma da Ásia  
É não tombar às portas da Ásia  
Melhor do que não tombar às portas da Ásia  
É plantar centeio na Ásia  
Melhor do que plantar centeio na Ásia  
É juntar os ossos da Ásia  
Melhor do que juntar os ossos da Ásia  
É abrir as asas da Ásia  
Melhor do que abrir as asas da Ásia  
É cobrir a nudez da Ásia  
Melhor do que cobrir a nudez da Ásia  
É pastorar os ventos da Ásia  
Melhor do que pastorar os ventos da Ásia  
É costurar a pele da Ásia  
Melhor do que costurar a pele da Ásia  
É repartir a fome da Ásia  
Melhor do que repartir a fome da Ásia  
É não pilhar a ceia da Ásia  
Melhor do que não pilhar a ceia da Ásia  
É celebrar o cio da Ásia  
Melhor do que celebrar o cio da Ásia  
É saltar como o tigre da Ásia  
Melhor do que saltar como o tigre da Ásia  
É voar como a águia da Ásia  
Melhor do que voar como a águia da Ásia  
É embarcar num foguete orbital  
E explodir as cinco torres de calafrio  
E pólvora do Pentágono. Amém.

## XI

O poema é um ovo  
Com a sua casca e o seu mistério feroz  
Um ovo que conduz no olho  
O princípio dos tempos e o começo da eternidade  
O poema é um ovo que se abre  
Para a porta que se fecha  
Um ovo com a sua sombra e a sua claridade  
A sua verdade e a sua fantasia  
O seu sorriso e sua lágrima  
A sua túnica de ouro e o seu manto de mendigo.

O poema é um ovo que se distrai  
Como um prestidigitador que se diverte com seus punhais  
Um ovo que atira os seus punhais  
E voa como um pássaro às bordas do trapézio  
Um ovo que imita os gestos de Deus  
Os gestos da liberdade e da criação  
Um ovo que aprendeu a multiplicar os pães  
A converter água em vinho  
A curar os cegos e paralíticos  
A amansar os ventos e as tempestades  
A domar as feras e andar triunfalmente sobre as águas.

O poema é um ovo inescrutável  
Como um fantasma detrás de uma porta  
Um ovo fechado como a porta da muralha do reino  
O poema é um ovo de azul  
Um ovo do tamanho do arco-íris  
Um ovo no raio da roda  
Um ovo no centro do universo  
Um ovo egocêntrico  
Um ovo em delírio orbital  
Um ovo metafísico  
Um ovo hermético  
Um ovo astronauta a galope no dorso da lua.  
O poema é um ovo hipnótico  
Um ovo supersônico  
Um ovo neutro como a bomba de nêutron  
Um ovo cômico como a bomba atômica  
Um ovo redondo como uma onda  
Um ovo esférico como a circunferência da noite  
Um ovo infinito como o céu  
Um ovo vertical como a profundidade do mar  
Um ovo como uma árvore  
Um ovo como uma pedra  
Um ovo como uma espada  
Um ovo como a escada do prodígio  
Um ovo como um espelho  
Um ovo como a cartola de um mágico  
Um ovo como um adeus  
Um ovo como a bengala de um cego  
Um ovo como uma âncora  
Um ovo como uma anca  
Um ovo como o relincho de um potro  
Um ovo como a vela de um barco

Um ovo como o salto dourado de um leopardo  
Um ovo como os peitos da amada  
Um ovo como a foice do sexo  
Um ovo como um grito submerso  
Um ovo como um segredo  
Um ovo como o sigilo da esfinge  
Um ovo como a bola de cristal do adivinho  
Um ovo como as tábuas da lei  
Um ovo como o ópio da serpente  
Um ovo como a carruagem de um bêbado  
Um ovo como a espiga guardada no celeiro  
Um ovo oval  
Um ovo ovalóide  
Um ovo circular  
Um ovo como a cauda de um planeta  
Um ovo cítrico  
Um ovo enorme como o orbe  
Um ovo como o labirinto de dédalo  
Um ovo como a rocha de Sísifo  
Um ovo como a paciência de Penélope  
Um ovo como um asteróide  
Um ovo como um quasar  
Um ovo como um ângulo isósceles  
Um ovo como a velocidade de um átomo  
Um ovo como um óvulo  
O poema é um ovo *ab ovo*.

## XII

Vi as arcadas do céu  
Desabarem sobre mim  
Vi Dante ao violoncelo  
E Homero tocar flautim.  
Vi as falanges do espaço  
E o seu fulgor ondulado  
Vi o arcanjo Gabriel  
Pousado num leopardo.  
Vi depois o leopardo  
À esquerda do Padre Eterno  
Satanás dono de todas  
As possessões do inferno.

Vi o dragão derramando  
Fogo veloz do seu olho  
Vi Jesus Cristo boiando  
Sobre as águas do Mar Morto.

Vi o túmulo partido  
De todas as dinastias  
O olhar de Nossa Senhora  
Florido de pedrarias.

Vi Beatriz debruçada  
Sobre a esfera oscilante  
Da tristeza em que boiava  
A alma ancestral de Dante.

E vi Dante erguer os olhos  
Para o sereno equilíbrio  
Das sete alturas azuis  
Pastoradas por Virgílio.

Vi quando o rio de enxofre  
Cobriu a crosta do orbe  
Vi a sombra de Caim  
Despencar dum grito enorme.

Vi Caim lavando as mãos  
Nas águas negras do Letes  
Em vão tentava apagar  
O sangue antigo das vestes.

Vi Caim podando as vinhas  
Amargas do seu remorso  
Vi seu remorso chorando  
Deitado às bordas de um poço.

Vi as vestes de Caim  
E as vestes do Heresiarca  
Vi seu remorso de luto  
Detrás da sinistra barca.

Vi os filhos de Gomorra  
E também os de Sodoma  
Vi o fogo consumindo  
As sete estradas de Roma.

Vi Nossa Senhora abrir  
O livro dos sete selos  
Dois azuis, três encarnados  
E os outros dois amarelos.

Os azuis são como as torres  
De imponente catedral  
Plantada no coração  
Da noite medieval.

Os outros selos que eu vi  
São os do sangue da Ásia  
Fantasmas dormindo juntos  
Como as telhas de uma casa.

Vi os cabelos da fúria  
Como serpentes no cio  
Vi a lua pegar fogo  
E o fogo tremer de frio.

Vi o leopardo deitado  
À esquerda da hierarquia  
Vi o tempo que se alonga  
Na curva do eterno dia.

Vi o tempo da esperança  
E o tempo da expiação  
Vi a noite dividida  
Pela foice de um clarão.

Vi o tempo se agitando  
Com seu vermelho estandarte  
Vi o esplendor do mistério  
Chegando de toda parte.

Vi Dante erguer os olhos  
Para o olhar de Beatriz  
Vi Roma pegando fogo  
Com seus sagrados perfis.

Vi o grande feiticeiro  
Derreter almas num tacho  
E a cabeça de Moisés  
Suspensa de sete raios.

Via a porta das esferas  
Guardada por um dragão  
E esta porta sendo aberta  
Pelo fantasma de Adão.

E vi o grego tocar  
Seu alaúde de cedro  
Vi o céu tremer de assombro  
Como se tivesse medo.

Vi Medusa devorada  
Pelos dentes de uma porca  
E Judas dependurado  
Sete vezes numa forca.

Vi as deusas da luxúria  
Com seus peitos amarelos  
E a nudez pegando fogo  
Do calcanhar aos cabelos.

Vi o grande feiticeiro  
Jogá-las num poço fundo  
À esquerda do purgatório  
Na encruzilhada do mundo.

Vi a barca dos aflitos  
Espetada numa rocha  
E a cabeça de Moisés  
Ardendo como uma tocha.

Vi um raio despencar  
Das sete torres da aurora  
Vi o grande feiticeiro  
Trespessado pela cólera.

Vi quando Nossa Senhora  
Passou num cavalo baio  
Mais brilhante que uma estrela  
Mais veloz do que um raio.

E as portas do céu se abriram  
E se dispersaram as sombras  
Saiu das cordas da harpa  
Uma revoada de pombas.

## POEMA DO HOMEM ATÔMICO

O coração do homem  
bate as horas da agonia  
mas o resto do homem  
não escuta o som  
nem o gemido de sua morte.

O homem todo em pedaços.  
Cada pedaço do homem  
perdido pelos caminhos  
sem saber aonde vai  
sem se importar com os outros.

Cada pedaço do homem  
procura a memória no espelho  
mas o espelho está cego  
como os olhos das paredes  
e as retinas dum punhal.

Cada pedaço do homem  
é uma sala deserta  
onde o silêncio se estira  
como a pele de uma cobra  
tangida pelas moscas.

Cada pedaço do homem  
escuta a serenata  
da infância e o seu clamor.  
Cada pedaço do homem  
morre à minguia de amor.

## TRANSFORMAÇÃO DO POEMA

Quebra o teu alaúde de poeta metafísico  
esquece a elegia e o madrigal  
atenta para o sangue da notícia  
escorrendo das veias do jornal.

Esquece o pedantismo do verso a rigor  
o verso de paletó e gravata  
e vai perguntar às crianças da periferia  
pela verminose que mata.



Quebra o teu alaúde de poeta romântico  
quebra o cristal dos teus desvarios  
e vai semear esperança nas favelas  
de pés descalços e olhos vazios.

Escuta o choro insone dos aflitos  
boiando nas trevas dissolutas  
o choro dos mendigos e o choro dos bêbados  
o choro dos órfãos e das prostitutas.

Quebra o teu santuário de metáforas  
quebra o teu alaúde de cristal  
e atenta para o sangue dos eventos  
a escorrer das artérias do jornal.

## **SONO DE PEDRA**

Sou inacessível como a pedra  
sou áspero como a pedra  
sou rude como a pedra  
sou calado como a pedra  
sou calmo como a pedra  
sou sólido como a pedra.

Tudo vem da pedra  
tudo volta para o seio da pedra.  
João é de pedra  
Pedro é de pedra  
Cristo é de pedra  
Satanás é de pedra.

Teu corpo é de pedra  
teu sexo é de pedra  
tua alma é de pedra  
tua memória é de pedra  
teu coração é de pedra  
tua solidão é de pedra.

Um dia constróis  
uma casa de pedra  
com porta e recinto de pedra  
onde dormirás para sempre  
teu sono de pedra  
enquanto durar a eternidade de pedra.

## TARDE DE ANJOS COMO BARDOS BÊBADOS

Tarde de ventos esbeltos.  
O céu é uma correnteza cristalina  
de nuvens e de pássaros.

Tarde azul como os olhos calmos da infância  
cavalgando os cavalos de espuma  
dos carrosséis do mar.

Tarde de esperas e nostalgias alongadas.  
As sombras arquejantes dos navios  
crucificadas no céu.

Tarde de gaivotas desfolhadas  
num horizonte frio de foices e neblinas.  
Tarde de velas amordaçadas pela calmaria veloz.

Tarde sangrando sobre rosas de noturnas pálpebras.  
Tarde de anjos como bardos bêbados

## VEIA DA VIDA

Me basta sentir a pulsação da veia  
da vida, como um rio que vai derrubando  
árvores e cidadelas em seu caminho.

Me basta sentir o clamor do universo.  
A música das estações palpitando em cada folha  
que cai, em cada flor que sangra.

Me basta sentir o hálito dos ventos ruminantes.  
A negra linfa da noite submergindo  
as torres do céu num delírio de cinzas

Me basta sentir o odor de paisagem do teu corpo.  
Me basta beber do vinho de tua pele  
para me embriagar da vida.

## HORA INCRÉDULA

Estou mergulhado no âmago  
desta hora incrível.  
O sangue das constelações  
Circula em minhas veias.

A tarde roça por mim  
como se fosse a asa de um deus  
esculpido em vento e lua.  
Um deus feito anjo ou feito pássaro.

Carrego esta hora nos recintos  
da alma. Esta hora  
de súplica, coroada de espinhos  
espíritos e espectros.

Esta hora de formas difusas  
e vagas. Esta hora  
de graves violoncelos  
ceifando seios de donzelas sonâmbulas.

## SANTUÁRIO DE CRISTAL

Não guardarei rancor pela aridez de tuas mãos  
que semearam recordações no meio das pedras.

Guardarei uma canção e uma rosa desabrochada  
na primavera pela memória dos mortos.

Guardarei o vento despetalando os teus cabelos  
guardarei a estrela da manhã ancorada em teus ombros.

Guardarei a água borbulhante da jarra  
para te ungir com o jorro mais puro dessa vertente.

Guardarei as papoulas dependuradas na cerca  
para as núpcias do teu silêncio feroz.

Guardarei a minha cólera pelo resto da vida  
para acender os castiçais da tua solidão.

Guardarei meu verso, meu sangue nas artérias  
guardarei meu remorso no teu santuário de cristal.

Guardarei a memória dos teus passos pelos caminhos  
guardarei a infância e as chaves do reino.

Guardarei meu coração para que o decifres  
guardarei o mar para que o adormeças com a tua voz.

## **O LUGAR DO HOMEM**

O homem procura um lugar para passar a noite  
um lugar para acender a candeia  
um lugar para os esteios da casa  
um lugar para semear o trigo  
um lugar para esquecer o remorso  
um lugar para se abrigar das estações  
um lugar para enterrar a memória  
um lugar para arder e se consumir.

O homem procura um lugar para descobrir o amor  
um lugar para amadurecer o vinho  
um lugar para esculpir a pedra  
um lugar para tecer a túnica  
um lugar para decifrar o enigma  
um lugar para repartir a ceia  
um lugar para recordar a lenda  
um lugar para ressuscitar a alma  
um lugar para não morrer de solidão.

## **HOMEM NÃO É DE PEDRA**

Homem não é de pedra  
Nem de areia.  
Homem é o que mora  
No que semeia.

Homem não é de ferro  
Nem de espuma.  
Homem é o que se queima  
No próprio lume.

Homem não é de barro  
Nem de vento.  
Homem é o que não se sujeita  
As grades do invento.

Homem não é de argila  
Nem de areia.  
Homem é o que transborda  
Da própria veia.

## CHUVA

A chuva vem de longe, a chuva antiga.  
De um passado remoto vem a chuva  
embalar nossas almas, nossa vida  
qual velha Mãe, que nunca se perturba.  
A chuva vem de longe, desses campos  
sazonados de paz, onde os avós  
plantaram seus martírios e acalantos  
para que germinasse a nossa voz.  
Em seu carro de linho, espuma e glória  
vem do passado o séquito da chuva  
e no peito dos mortos se insinua.  
Vem dos confins da remansosa lua  
(lua dos ventos, lua da memória)  
qual velha Mãe, que nunca se perturba.

## PRESSÁGIO

Chegará o dia em que a água é fogo  
Em que o vento é água e a palavra areia.  
Chegará o dia em que a tua veia  
É que vai dar as cartas neste jogo.

Chegará o dia em que estarás farto  
De liberdade, farto de esperança.  
Chegará o dia da sinistra dança  
Do arlequim que se finge de lagarto.

Chegará o dia em que o verso é dardo.  
Em que a palavra é foice de ceifar  
A ira. Mão de debulhar o grão.

Chegará o dia em que a voz do bardo  
Se juntará à voz da multidão  
E aos sete arcanjos dos confins do mar.

## **A MORTE NO VENTRE**

O homem semeado no tempo  
com a sua lavoura  
de podre semente.  
O homem ferido  
com a morte no ventre.

O homem semeado no vento  
feito vertente  
que deságua ao relento.  
O homem sangrando  
com a morte no ventre.

O homem dilacerado  
por dentro  
como um pêssego podre.  
O homem crescendo  
com a morte no ventre.

O homem aprisionado  
no centro  
de sua própria teia.  
O homem de rastro nos astros  
com a morte no ventre.

O homem semeado no espaço  
e no tempo  
como escultura de areia.  
O homem, tecedor de infâncias  
com a morte no ventre.

## **PONTE DE AUSÊNCIAS**

Nada sei dos astros e dos seus pêndulos  
Nem do carrossel das estações

Nada sei do Teorema de Pitágoras  
Nem da Ursa Maior

Nada sei das mitologias do Pentágono  
Nem da bomba de nêutrons

Nada sei das gaivotas trespassadas  
Pelas flechas do crepúsculo

Nada sei da infância  
Soterrada num país de conchas

Nada sei do vento e da alimária  
Ruminando os cabelos da aurora

Nada sei da solidão do homem  
Nem do seu remorso

Nada sei do amor, nem dos seus olhos  
Que golpeiam como punhais

Nada sei dos labirintos da vida  
Nada sei dos arcanos da morte

Só sei que o coração é uma ponte de ausências  
Estendida sobre a eternidade.

## **VERTENTE**

Corre uma vertente  
no tronco das árvores.  
Na solidão da pedra  
corre uma vertente.

Corre uma vertente  
no corpo da amada.  
Nas veias da montanha  
corre uma vertente.

Corre uma vertente  
debaixo de tua pele.  
Nas entranhas do lençol  
corre uma vertente.

Corre uma vertente  
nas artérias da multidão.  
Nas asas da liberdade  
corre uma vertente.

Corre uma vertente  
nas labaredas do crepúsculo  
Corre uma vertente  
no meu coração.

## **RESSURREIÇÃO**

Não seremos os últimos  
a beber desta água e deste vinho.  
Outras taças brindarão  
àqueles de que herdamos  
a solidão e a memória.

Não seremos os últimos comensais  
deste banquete de recordações.  
Outros olhos se encherão de sarcasmo.

Não seremos os últimos convidados  
a esta ceia de palavras.

Nem os últimos a acender a lâmpada  
para a ressurreição dos mortos.

## **ELEGIA DA BUSCA**

Fui em busca da infância  
e só encontrei a jitirana  
abraçada à simetria dos mortos.

Fui em busca da infância  
e só encontrei o balido do vento  
nas salas desertas.

Fui em busca da infância  
e só encontrei reminiscências  
do flambuaian sangrando.

Fui em busca da infância  
e só encontrei memórias  
e raízes germinando na areia.



Fui em busca da infância  
e só encontrei pedaços de faiança  
e gemidos de cristal.

Fui em busca da infância  
e só encontrei o fantasma  
do pau-d'arco acorrentado à lua.

Fui em busca da infância  
e só encontrei recordações  
e velas apagadas.

## POEMA DO NATAL ATÔMICO

Que mão guiará o pássaro  
na rota da estrela?  
que mão decifrará  
os labirintos do coração?  
que mão erguerá da treva  
a face do homem?

Que mão verterá o azeite  
na candeia dos pobres?  
que mão escutará o clamor  
Sem fim dos humilhados?  
que mão partilhará da solidão  
da face do homem?

Que mão debulhará o trigo  
maduro para a ceia?  
que mão tecerá o linho  
da túnica dos mortos?  
que mão estancará o sangue  
da face do homem?

Que mão espalhará na terra  
o pólen das estações?  
que mão repartirá o mel  
do zumbido das abelhas?  
que mão vai levedar o vinho  
da face do homem?

Que mão escreverá na pedra  
a sentença do algoz?  
que mão cortará em pedaços  
as botas do déspota?  
que mão semeará esperança  
na face do homem?

Que mão plantará a rosa no caos?  
que mão deterá o pânico?  
que mão derramará luz  
no ventre da mulher estéril?  
que mão limpará o remorso  
da face do homem?

Que mão de arcanjo esmagará  
a cabeça do dragão?  
que mão nos libertará da asa  
negra da eternidade?  
que mão achará no abismo  
a face do homem?

Que mão escreverá de novo  
a parábola do amor?  
que mão nos convidará  
para as núpcias da paz?  
que mão ungirá de misericórdia  
a face do homem?

Que mão enxugará a lágrima  
dos párias da terra?  
que mão consolará os aflitos?  
que mão vai recolher  
no dia seguinte a memória  
da face do homem?

## **CÂNTICO DO BOI**

Invejo o boi boiando nas ravinas  
enquanto o vento sopra e o dia acaba.  
Invejo a paz com que balança a cauda  
ruminando indolências vespertinas.

Invejo a lentidão do seu andar  
seus movimentos sólidos e a sua  
sombra espectral mugindo para a lua  
como um albatroz que mergulhou no mar.

Sua força mitológica, seu puro  
instinto, seu sereno devaneio  
seu jeito de filósofo tomista.

Invejo o boi, que heroicamente veio  
arar a terra com seu sangue triste.  
Seu berro azul cravado no futuro.

## **ELEGIA DO REGRESSO**

Voltei para sentir de novo  
a solidão destas paredes  
o odor das madrugadas entrando  
pelas frestas das portas  
para ouvir o canto macio do barro  
trespassado pelas estrelas.

Voltei para escutar os passos  
do fantasma no corredor  
para acender os castiçais  
diante do retrato  
onde as rosas há muito desbotaram.

Voltei para abraçar o vento  
nestas salas vazias, nestes quartos vazios  
onde a memória sangra.

Voltei para reaprender a eternidade.  
Voltei para derrubar a jitirana  
e brindar aos mortos.

## **MESA DE JACARANDÁ**

Nesta mesa de jacarandá  
já houve muita paz  
o vinho já acendeu corações  
taças já entoaram  
seus cânticos de cristal.

Nesta mesa de jacarandá  
o sonho pousou de leve como um pássaro  
vindo da aurora.

Nesta mesa de jacarandá  
castiçais foram imolados em noites de frio  
velas e recordações.

Nesta mesa de jacarandá  
a eternidade deixou a sua marca de sangue.

## **CASA DO ANCESTRAL**

A casa antiga me acena de longe  
com as suas duzentas janelas  
e os seus fantasmas.

A casa antiga pintada de azul  
o vento herdou seus gonzos de ferro e as aldravas  
os seus espelhos e os seus espectros.

A casa antiga cercada de árvores  
antigas, de silêncios antigos  
e de reverências antigas.

A casa antiga, habitada  
pelos mortos e a sua memória.

## **ONDE JAZ O HOMEM**

Onde o trigo cresce  
com seu caule esguio  
onde jaz o homem  
com seu desvario  
deságua um rio.

Onde o mar se enrosca  
fica espuma e cio  
onde jaz o homem  
pluma no vazio  
deságua um rio.

Onde o céu se estira  
fino como um fio  
onde jaz o homem  
pálido de frio  
deságua um rio.

## CÂNTICO

Moverei o arado  
erguerei os dias  
semearei a terra  
podarei as vinhas.  
Fortificarei as vigas de cedro  
e os ferrolhos das portas  
para que o vento  
não perturbe o sono  
da minha amada.

Com a minha foice  
segarei os campos  
com minha flauta  
guardarei as ovelhas.  
Secarei o feno para o gado  
fortificarei as aldravas das portas  
para que a chuva  
não desfaça os cabelos  
da minha amada.

Escutarei os passos  
do crepúsculo na areia  
acenderei a lâmpada  
comerei do trigo  
beberei do vinho.  
Fortificarei os gonzos das portas  
para que a morte  
não vá adormecer os olhos  
da minha amada.

## SOLIDÃO

O poeta precisa de solidão  
como precisa de oxigênio  
como precisa de madrugada para dormir  
de esquecimento para sonhar  
de liberdade para morrer.

O poeta precisa de solidão  
como a árvore precisa de imensidade  
como o tigre precisa do salto  
como o profeta precisa da parábola  
como o pássaro precisa do céu.

O poeta precisa de esperança  
precisa de paciência para tecer  
sua mortalha de memória e palavras.

O poeta precisa de sigilo  
o poeta precisa de solidão  
para não se perder nos labirintos da noite.

## MADRIGAL

Ó minha amada  
De coxas noturnas  
Com os meus olhos  
Te fecundarei.

Com a minha têmpera  
Com a minha pele  
Com o meu sangue  
Te fecundarei.

Te fecundarei  
Com a minha dúvida  
Ó minha amada  
De coxas noturnas.

Além do vento  
Além da chuva  
Além do fogo  
Te fecundarei.

Com a minha luz  
Com a minha treva  
Com a minha bússola  
Te fecundarei.

Com a memória  
Do meu corpo  
Ressuscitado  
Te fecundarei.

Te fecundarei  
Com a minha súplica  
Com a minha voz  
Te fecundarei.

Com a esperança  
Com a parábola  
Com a liberdade  
Te fecundarei.

Com a minha sombra  
Com a minha essência  
Com o meu sigilo  
Te fecundarei.

Com a minha harpa  
Com o meu alaúde  
Ó minha amada  
De coxas noturnas.

## CANÇÃO

Não vou esperar que o vento  
arranque as rosas  
do meu jardim.  
Não vou esperar que o sangue  
se cale em minhas veias.  
Não vou esperar que os sinos  
dobrem por mim.

Não vou esperar pelo anjo  
que passeia a cavalo  
vestido de Arlequim.  
Não vou esperar que o vento  
carregue a minha face.  
Não vou esperar que os sinos  
dobrem por mim.

Não vou esperar que a bomba  
seja jogada do céu  
Sobre a raça de Caim.  
Não vou esperar que o fogo  
ceife as vestes de Deus.  
Não vou esperar que os sinos  
dobrem por mim.

Não vou esperar que o átomo  
nos transforme em lêvedo  
para o negro festim.  
Não vou esperar que a infância  
se cubra de pólvora.  
Não vou esperar que os sinos  
dobrem por mim.

## **ESFINGE VELOZ**

Como escapar ao mito?  
como escapar à asa  
do mistério que nos permeia?  
como escapar à indigência  
das nossas utopias?  
Como escapar ao punhal do adeus?

Como escapar à foice  
da esfinge veloz?  
como escapar ao pesadelo  
de cimento armado?  
como escapar ao desvario  
da madrugada atômica?

Como escapar à lebre  
acordada nos olhos do poema?  
como escapar às palavras  
de que o tempo nos semeia?  
como escapar ao signo  
do remorso esculpido na pedra?

Como escapar à memória  
do homem gotejando sangue  
das entranhas das paredes?  
como escapar aos passos  
afritos, aos passos do morto  
ressuscitados na aurora?

Como escapar ao desejo  
desenhado na carne?  
como escapar ao ópio  
da serpente do amor?  
como escapar ao cio  
desta volúpia de Deus?

## **CORAÇÃO**

coração de rêmora  
coração de bússola  
coração de pêndula

coração de âncora  
coração de bêbado  
coração de Sísifo

coração de sádico  
coração de cético  
coração de cínico

coração de plástico  
coração de crédulo  
coração de músico

coração de pássaro  
coração de pícaro  
coração de pêssego



que sabes do enigma?  
que sabes do amor?  
que sabes de Deus?

## **CORAÇÃO / II**

Coração podre  
Coração de areia  
Coração veloz.

Coração de vento  
Coração de limo  
Coração de cristal.

Coração salobre  
Coração de pedra  
Coração de raiz.

Coração de fogo  
Coração de cinza  
Coração fugaz.

Que sabes do enigma?  
que sabes do amor?  
Que sabes de Deus?

## **MULHER DAS ÁGUAS**

Na terra do teu ventre  
cresceu a árvore da minha solidão.  
Tudo o que em mim é raiz.

Cresceu meu corpo, cresceu o mistério  
que te permeia como um rio.  
Tudo o que em mim é raiz.

Cresceu o girassol do tempo  
na terra do teu ventre.  
Tudo o que em mim é raiz.

Cresceu a eternidade.  
Cresceu a vindima do futuro  
na terra do teu ventre.

Cresceu a parábola da agonia.  
Cresceram forças sutis.  
Tudo o que em mim é raiz.

## **AS FACES DO POEMA**

Às vezes o poema fere  
Como se fosse um punhal  
Como se fosse um adeus.  
Às vezes nos roça o ombro  
Às vezes nos mostra a face  
Às vezes puro disfarce.

Às vezes vira pedra  
Às vezes vira memória  
Às vezes vira nuvem  
Às vezes vira serpente  
Às vezes vira dragão  
Às vezes vira pássaro.

Fala com a nossa sombra  
Fala com a nossa voz  
Fala com a nossa língua  
Fala com a nossa boca  
Fala com a nossa pele  
Fala com o nosso sangue.

Às vezes o poema chega  
Como se não chegasse  
Chuva que não chovesse  
Rosa que não se abrisse  
Saudade que não doesse  
Brisa que não soprasse.

Às vezes desvela a face  
Da esfinge atrás do disfarce.

## POEMA DO NATAL?

Onde está Deus?

na face do homem?  
na boca do homem?  
no peito do homem?  
no ventre do homem?  
na carne do homem?  
no escárnio do homem?  
no ódio do homem?

Onde está Deus?

na chuva de carbono?  
na chuva de átomo?  
na chuva de nêutrons?  
na memória do quarto?  
no remorso da cama?  
na avareza da alma?  
no corpo que não ama?

Onde está Deus?

na cidade vazia?  
no mistério vazio?  
na catedral vazia?  
na esperança vazia?  
no coração vazio?  
no cimento armado?  
no punhal do frio?

Onde está Deus?

na bomba higiênica?  
na guerra cínica?  
na fome atávica?  
na busca patética?  
na diplomacia cômica?  
na certeza trágica?  
na ceia atômica?

Onde está Deus?

no girassol de pólvora?  
no sangue da missa?  
na vertigem do míssil?  
na expectativa agônica?  
no clamor da África?  
no arsenal da América?  
na aurora eletrônica?

Onde está Deus?

nos rios mortos?  
nos peixes mortos?  
nas árvores mortas?  
na terra morta?  
na liberdade morta?  
na viagem sem porto?  
no Cristo morto?

Onde está Deus?

## **GERMINAÇÃO DO VENTO**

O vento sopra do mar  
O vento sopra do estio  
O vento sopra da noite  
O vento sopra do rio.

O vento sopra da terra  
O vento sopra da aldeia  
O vento sopra da chuva  
O vento sopra da areia.

O vento sopra das eras  
O vento sopra da ira  
O vento sopra da morte  
O vento sopra da vida.

O vento sopra de dentro  
O vento sopra de fora  
O vento sopra da tarde  
O vento sopra da aurora.

O vento sopra da ponte  
O vento sopra do arco  
O vento sopra da vela  
O vento sopra do barco.

O vento sopra da origem  
O vento sopra de cima  
O vento sopra do verso  
O vento sopra da rima.

## TRÊS SONETOS

I

Teu corpo a fruto exótico me sabe  
e esta nudez partida sobre a cama.  
Tenho arrepios de cavalo árabe  
quando o vinho do orgasmo se derrama

sobre o linho das nossas sensações.  
Teus seios nus — que impulso de mordê-los  
De acorrentar o amor com minhas mãos.  
De prender o universo em teus cabelos.

Gana de assassinar a quem te ama.  
De esculpir meu emblema apaixonado  
no teu ventre de negra cabeleira.

Ânsia de me queimar na tua chama.  
Como o tronco de cedro perfumado  
que se converte em cinza na lareira.

II

Quando te despes dentro do meu quarto  
fico alumbrado, fico em desvario.  
Parto para a estação das conchas. Parto  
no teu corcel de galopar sombrio.

Teu corpo nu era uma insígnia estranha  
no limiar das catedrais antigas.  
Um rio azul que desce da montanha  
para correr nas veias das espigas.

Quando te despes, o pastor se inclina.  
Um deus escuta o vento tocar flauta  
o céu se alonga em dobras de morfina.

Quando te despes, o dragão da China  
em seus olhos velozes me arrebatava  
para um país que nunca vi no mapa.

### III

Teu corpo atira a seda dos vestidos  
claros sobre a fogueira dos espelhos.  
Beijo-te a flor dos seios suspensos  
te acaricio as ondas dos joelhos.

Vejo o teu corpo erguido como flecha  
veloz singrando o ar. Como se fosse  
a serpente dourada desta mecha  
que se estira no vértice da posse.

Teu cio é igual ao cio de uma potra.  
Onde estiveres te darei a flor  
do vinho antigo ardendo numa taça.

Tu me convidas para a ceia. Outra  
vez, outra vez brindaremos o amor  
que a vida é breve e a juventude passa.

### MADRIGAL BOSSA VELHA

nas sete estradas do vento  
nos sete mares da terra  
nas sete esquinas do mundo  
nas sete esferas do azul  
nas sete rotas do pássaro  
nos sete arcanos do tempo  
nas sete auroras do dia

nos sete palmos da cova  
nos sete espinhos da rosa  
nas sete arcadas da ponte  
nas sete pontas da estrela  
nas sete guelras do peixe  
nas sete chamas do vinho  
nas sete dobras do linho  
nas sete claves da música  
nas sete pragas do Egito  
nas sete pombas do mágico  
nas sete rosas da coifa  
nos sete saltos do potro  
nas sete astúcias do gato  
nas sete flechas de Apolo  
nos sete enigmas da esfinge  
nas sete laudas do escriba  
nos sete arames da cerca  
nas sete pedras do templo  
nas sete espadas do rei  
com minha amada estarei.

## **ESTRELA DE MORFINA**

Luto com palavras, todos os dias  
Todas as horas, todos os minutos.  
Não sei se luto em vão com esses brutos  
Cristais, essas esquivas pedrarias.

Luta de Jacó com o anjo do céu.  
Luta feroz, luta de sangue e fogo.  
Se há vencedor neste sombrio jogo  
Não será o jogral nem serei eu.

Luto com palavras e não me canso  
De lutar. Mas não sei o que procuro  
Nesta pugna espectral que não termina.

Talvez procure amor, talvez descanso.  
Abrir alguma fenda no futuro  
E olhar de perto a estrela de morfina.

## A CASA DO HOMEM

A casa do homem  
é de vento.  
Solidão e cal  
por dentro.

A casa do homem  
não lhe pertence.  
Pertence ao morto  
que está no ventre.

Pertence à enxada  
pertence à foice  
pertence à chuva  
pertence à noite.

A casa do homem  
tem muitos gonzos.  
O silêncio rói  
o que é de bronze.

Rói as fechaduras  
mais secretas  
os trincos das portas  
e as maçanetas.

A casa do homem  
é de vento.  
— Barco à deriva  
com o morto dentro.

## ANZOL DE DEUS

Como não sugar o leite  
azul dos peitos da estrela?

Como viajar no tempo  
sem que a memória não sangre?

Como olvidar os mortos  
se comem da nossa ceia?



Como pasturar os astros  
se somos raiz da pedra?

Como não seguir os passos  
da carne desconsolada?

Como não beber do amor  
se à míngua de amor morremos?

Como domar esse rio  
de enxames em nossas veias?

Como apagar esse emblema  
de paz na face dos mortos?

Como não arder à chama  
do enigma nos consumindo?

Como dormir sem remorsos  
sobre a memória do homem?

Como não pescar a alma  
se somos o anzol de Deus?

## **BALADA DA FORÇA**

A África acendeu  
o coração do enforcado  
o deserto enxugou  
o pranto do enforcado  
o simum dilacerou  
o peito do enforcado  
o tigre devorou  
as entranhas do enforcado  
raízes de fogo e escárnio  
no ventre do enforcado  
pombas dormiram de noite  
nas retinas do enforcado  
os rios desaguaram  
nas veias do enforcado  
a corda resvalou  
no pescoço do enforcado

um punhal atravessou  
o fantasma do enforcado  
os sinos não dobraram  
pela alma do enforcado.

## **SONETO DO ENFORCADO**

Benjamin Moloise vai à forca  
Por decreto das botas de Pretória.  
Uma luz vai resplandecer na memória  
Dos homens. E atravessará a porta

De areia da tumba. E vai mergulhar  
Nos sete cumes do dia. E o Poeta  
De novo acordará para a secreta  
Contemplação da infância circular.

Acordará no coração da raça  
No odor da pele e no clarim da voz.  
E ficará sangrando nesta praça

Até que o sol da liberdade nasça.  
Acordará para colher o arroz  
Plantar o trigo e a maldição do algoz.

## **CÂNTICO DO ENFORCADO**

Me chamo Benjamin  
Sou da raça de Caim  
— Quem rezará por mim?

Quebrei meu bandolim  
Numa noite de esplim  
— Quem rezará por mim?

Sou negro? sou ruim  
Levo fama de espadachim  
— Quem rezará por mim?

Solidão me rói o rim  
Como se fosse cupim  
— Quem rezará por mim?

A forcá erguida no fim  
Do quintal sem jardim  
— Quem rezará por mim?

## **BALADA PARA BENJAMIN MOLOISE**

Choveu fogo choveu bala  
Choveu pedra choveu dardo  
Choveu cobra choveu tigre  
No que restou do enforcado.

Choveu ódio choveu sangue  
Choveu foice choveu arco  
Choveu seta choveu chumbo  
No que restou do enforcado.

Choveu grito choveu reza  
Choveu fundo choveu raso  
Choveu punhal choveu corda  
No que restou do enforcado.

Choveu bomba choveu faca  
Choveu mosca choveu raio  
Choveu vento choveu terra  
No que restou do enforcado.

Choveu noite choveu lua  
Choveu lama choveu barro  
Choveu aço choveu ferro  
No que restou do enforcado.

Choveu bota choveu ira  
Choveu rosa choveu cravo  
Choveu verso choveu lágrima  
No que restou do enforcado.

## **SONETO A J. L. B.**

Nada mais que um soneto posso dar-te.  
Este pobre soneto e as rimas vãs  
Que lhe dão alguns vestígios de arte.  
Rosas de areia, todas as manhãs,

Vêm desmaiar nos braços da alameda  
Onde os antúrios crescem sem esforço  
Enquanto a noite desenrola a seda  
Da escuridão, negra como o remorso.

Nada mais que um soneto ao teu complexo  
Labirinto de espelhos e de espadas  
Mitologias adagas astros urnas.

Nada mais que um soneto. Algo sem nexo  
Como o respingar das horas. Passadas  
Que são perfis de esfinges taciturnas.

## **BALADA DAS MOÇAS ESGUIAS**

Eram sete éguas. Eram sete potros.  
Eram sete alpendres. Eram sete lendas.  
Eram sete punhais. Eram sete esporas.  
Eram sete bois. Eram sete fazendas.

Eram sete galos. Eram sete cantos.  
Eram sete retratos. Eram sete donzelas.  
Eram sete hímens. Eram sete homens.  
Eram sete papoulas amarelas.

Eram sete orgasmos. Eram sete vertigens.  
Eram sete heranças. Eram sete cobiças  
Eram sete alfanjes. Eram sete espelhos.  
Eram sete dentaduras postiças.

Eram sete infâncias. Eram sete faianças.  
Eram sete portas. Eram sete escadas.  
Eram sete ameias. Eram sete sinos.  
Eram sete moças despetaladas.

Eram sete espigas. Eram sete alqueires.  
Eram sete alcaides. Eram sete donos.  
Eram sete ventos. Eram sete moinhos.  
Eram sete monarcas expulsos dos tronos.

Eram sete rodas. Eram sete carruagens.  
Eram sete esferas. Eram sete arcos.  
Eram sete navios. Eram sete âncoras.  
Eram sete gaviotas pousadas nos barcos.

Eram sete virgens. Eram sete espantos  
Eram sete antúrios. Eram sete espinhos.  
Eram sete grinaldas. Eram sete anseios.  
Eram sete taças dos melhores vinhos.

Eram sete fantasmas. Eram sete calafrios.  
Eram sete andarilhos. Eram sete macas.  
Eram sete saltos. Eram sete abismos.  
Eram sete moças esguias como facas.

Eram sete palhaços. Eram sete trapézios.  
Eram sete lamúrias na hora do parto.  
Eram sete ícones. Eram sete novenas.  
Eram sete velas ardendo no quarto.

Eram sete cavernas. Eram sete labirintos.  
Eram sete esculturas de imburana.  
Eram sete arcas. Eram sete patriarcas.  
Eram sete metanóias por semana.

Eram sete aldravas. Eram sete parábolas.  
Eram sete alaúdes. Eram sete cordas.  
Eram sete laudas. Eram sete láudanos.  
Eram sete ovelhas e sete vacas gordas.

Eram sete mágicos. Eram sete enigmas.  
Sete anéis de prata. Sete vestes de linho.  
Eram sete carneiros. Eram sete catacumbas.  
Eram sete as serpentes do adivinho.

Eram sete remos. Eram sete rêmoras.  
Eram sete botelhas. Eram sete gargalos.  
Eram sete adagas. Eram sete adegas.  
Eram sete reis barbudos com seus vassalos.

Eram sete insígnias. Eram sete arcanos.  
Eram sete emblemas. Eram sete dardos.  
Eram sete selos. Eram sete apocalipses.  
Eram sete estigmas nos ombros dos bardos

Eram sete cercas. Eram sete arames.  
Eram sete arcanjos no pórtico sombrio.  
Eram sete igrejas. Eram sete orações.  
Eram sete moças afogadas no rio.

## **PALAVRA**

Palavra alguma  
mansa como pedra  
redime o homem  
da sombra do algoz.

Palavra alguma  
sabe que o homem  
devora as espigas  
negras da voz.

Palavra alguma  
conduz o homem  
pela estrada  
de orvalho da agonia.

Palavra alguma  
se ergue sobre a face  
do homem para  
ressuscitar seus passos.

Palavra alguma  
mergulha no poço  
do homem onde jaz  
seu perfil de morto.

## **CANÇÃO DO DIA SEGUINTE**

o fogo apagará teu nome  
no dia seguinte  
a pedra esmagará teu nome  
no dia seguinte  
um rinoceronte comerá tua sombra  
no dia seguinte  
o átomo dissolverá tua voz  
no dia seguinte  
um raio trespassará teu sexo  
no dia seguinte  
o vento carregará tua memória  
no dia seguinte  
a face do homem verá a face de Deus  
no dia seguinte?

## SE EU ME CHAMASSE RAIMUNDO

Se eu me chamasse Raimundo  
rimava com pedra?  
rimava com vento?  
rimava com flor?

Se eu me chamasse Raimundo  
rimava com pássaro?  
rimava com chuva?  
rimava com lua?

Se eu me chamasse Raimundo  
rimava com fera?  
rimava com foice?  
rimava com paz?

Se eu me chamasse Raimundo  
rimava com espera?  
rimava com sangue?  
rimava com Deus?

Mundo mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
escaparia do mergulho  
no poço profundo?

## O DIA SEGUINTE

Para Blanchard Girão

O dia seguinte será um dia igual aos outros  
a terra continuará girando no seu eixo  
a roda das estações completará o seu giro  
em volta do tempo  
e da eternidade. As estrelas continuarão  
a sua diáspora no céu. Os anjos  
não mudarão de espada nem de sexo.  
Satanás voltará a repartir o seu reino  
de sombras com os súditos da terra.

O dia seguinte será um dia degolado pela foice  
atômica. Um dia em que os mortos  
não serão reconhecidos em suas próprias casas.  
Todos os homens serão contaminados  
pela síndrome nuclear. O dia seguinte  
será negro como a asa de um corvo  
pousado na derradeira vértebra de um túmulo.  
O dia seguinte passaremos perplexos  
como se decapitados numa catedral vazia.

O dia seguinte será de chuva ou de sol  
As árvores serão desfolhadas pelos ventos  
atômicos. Os pássaros não regressarão  
aos seus ninhos. As fontes e os lagos secarão  
como as retinas de um cego de nascença.  
Haverá trevas nos caminhos. A lua rolará  
do céu sobre uma primavera de sangue.  
A cólera dos mortos se queimará como pólvora.  
Os olhos dos lagartos serão convidados para a ceia.

O dia seguinte será o dia da ira de Deus  
o dia do júbilo de Satanás.  
O dia seguinte será como uma escada de fogo  
para o interior da alma.  
O esqueleto lunar do homem deitará a cabeça  
numa nuvem, mas as nuvens estarão em chamas.  
A pedra em chamas, o vento em chamas  
o coração ardendo na eternidade em chamas.  
Os olhos dos lagartos serão convidados para a ceia.

No dia seguinte as cidades não acordarão  
os despertadores estarão mutilados e frios  
como uma artéria que cessou de pulsar.  
As pessoas esquecerão seus hábitos matinais  
a pasta dentifrícia e a lâmina de barbear  
a dança do chuveiro e os ritos do espelho  
o café com leite e a torrada atômica  
o verniz dos sapatos e o vinco da calça  
o creme dos cabelos e o polidor do automóvel.

No dia seguinte não terás de ir ao encontro  
marcado nem ao cinema nem ao supermercado  
nem terás de conferir o extrato da conta bancária.  
Não terás vontade de fazer amor  
nem de comprar revistas pornográficas.



Não terás de levar as crianças ao parque  
onde antigamente havia pássaros.  
Não terás de fumar ópio nem de ligar a TV  
para assistir ao devaneio da hipocrisia.  
No dia seguinte não perguntarás pela ressurreição  
dos mortos. Nem pela rosa enlouquecida  
nos cabelos da amada.  
Não perguntarás pela chuva nem pelo trigo semeado  
nem pela hora da chegada triunfal dos anjos.  
Não perguntarás pela carne saciada  
nem pela solidão dos antepassados.  
Não perguntarás pelo fogo da lareira  
nem pelas cinzas sagradas do Mahatma Gandhi.  
No dia seguinte comerás o pão do assombro  
e estarás exposto ao sarcasmo de Satanás.  
Em vão arderá o lenho dos teus passos  
no corpo amortalhado da catedral vazia  
onde deuses de pedra testemunharão  
teu mergulho derradeiro no fogo pentecostal.  
No dia seguinte o anjo da morte escreverá  
teu nome num obelisco de vento e areia.  
Os olhos dos lagartos serão convidados para a ceia.

## CORRENTEZA

Passará o vento e a foice da água.  
Passará pelo céu o cortejo do dia  
com a sua carruagem de fogo.  
Passará o homem com seu perfil de morto.  
Passará o instante imóvel como pedra.  
Passará a tempestade carregando  
a memória da paisagem.  
Passará o homem com seu perfil de morto.  
Passarão as alegrias velozes como pombas.  
Passarão as caravanas das horas  
e seu gado de limo e areia.  
Passará o homem com seu perfil de morto.  
Passará a revoada dos minutos  
Passará o devaneio da carne  
Passará a existência como o fantasma de uma nuvem.  
Passará o homem com seu perfil de morto.

## CÂNTICO DO FILHO PRÓDIGO

A Mãe está na rosa que se desprende do talo  
na madrugada que pastora a flor  
no seixo atravessado pelas águas do rio.  
A Mãe está na anca ensolarada dos rios, na escama  
dos peixes e na barbatana dos pássaros.  
A Mãe está na terra, na água, no fogo, no ar  
onde a luz trespassa as andorinhas como um punhal.  
A Mãe está na voz do tangedor de rebanhos  
na lã das ovelhas e no balido da aurora.  
A Mãe está na argila ensangüentada do alquidar  
na conspiração dos anjos, na asa da rima  
na respiração das espigas guardadas no celeiro.  
A Mãe está boiando na taça de vinho  
está crucificada no lenho das recordações  
está impressa no monograma do lençol de linho  
está na rota das aves e no espinho do adeus.  
A Mãe está na encruzilhada dos destinos  
na maresia das angras e das âncoras  
no clamor dos búzios e na transparência do cristal.  
A Mãe está na origem do rito e no âmagô  
do ritmo. A Mãe está no devaneio da música  
a Mãe flutua na calmaria e na tempestade  
a Mãe começa onde acaba o horizonte das gaivotas  
a Mãe está onde a saudade faz o seu ninho  
na mão que se oferece como uma rosa vermelha  
na pálpebra que se adoça como um favo de mel.  
A Mãe está no cheiro de cedro da cômoda  
no salitre da cozinha e na espuma do lêvedo.  
A Mãe está na fidelidade do pilão de pedra  
na agulha de costurar o tempo e a eternidade  
no remendo desbotado da roupa velha  
na malha cerzida da meia dilacerada  
no fumo das casas que se esvaiu pela chaminé.  
A Mãe está na água fresca da jarra  
na argila que dobra humildemente os joelhos  
no pólen da abelha e no esporão da flor.  
A Mãe está no odor da terra semeada  
na argamassa do silêncio do quarto. na solidão  
germinando nas paredes, na luz vacilante  
da candeia que alumia o perfil dos mortos.  
A Mãe está esculpida na pedra do umbral  
está desenhada na soleira da porta

está debruçada sobre a infância dos filhos  
está brincando com os anjos no carrossel de Deus.  
A Mãe está no marulho do mar e no arrulho  
das pombas. Está na reminiscência dos marujos  
e no espelho de alcatrão dos barcos. Está no cântico  
erguido sobre as tochas da catedral vazia.  
A Mãe está na bússola dos passos do cego  
nos olhos insones da bengala do cego.  
A Mãe está na brisa e no outono desfolhado  
está nos sete patamares do arco-íris  
na folha amarelecida do livro de orações  
na estrela da manhã e na estrela da tarde.  
A Mãe está na palpitação das águas profundas  
no vértice da hora crepuscular, onde  
o firmamento sangra pela ferida das estrelas.  
A Mãe está no sopro dos campos, na pulsação  
da relva ruminada pelo hálito dos bois  
no girassol que dobra a cabeça diante da janela  
no luar que passeia por cima do telhado  
na canção ressuscitada às portas da aldeia.  
A Mãe está, sobretudo, na memória obstinada  
do filho pródigo, na lágrima apunhalada  
dentro do olho e na cicatriz do adeus.

## RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM

Andorinhas trespassadas nos cabelos  
Pedaços de conchas na memória  
O corpo ensangüentado da parábola  
Nostalgia dos sapatos nos pés extraviados  
Palavras azuis germinando nas paredes brancas do quarto  
A procura incessante dos dias sepultados numa urna de areia.

O encontro inesperado com o mistério da morte  
O desejo se apossando do corpo como um pássaro encarnado  
O corpo ardendo às chamas da consumição  
A morte chegando de repente pela clarabóia  
A morte desenhando a escuridão com suas retinas apagadas.

Um dia foi semear recordações pelos caminhos  
Encontrou a capa e as insígnias do mágico  
E a face submersa de Deus boiando sobre as águas

## CATEDRAL

Arcanjos de pedra e agonia se equilibram nas esferas  
A cabeça inconsútil de Deus suspensa do espaldar

Na penumbra o soluço doloroso dos castiçais

Sons veementes de aleluia irrompem das naves  
Candelabros em procissão com seus paramentos azuis

Esvoaçar de pombas sobre a misericórdia em chamas

Eis as pedras do templo erguidas sobre os séculos  
Pedras ressuscitadas pelo signo do sangue

Flechas de expiação trespassando os vitrais

O tempo findou aqui no limiar destas escadarias  
À sombra destas arcadas de incenso e areia

Das paredes escorre um murmúrio de perdões.

## SONETO EVOCANDO ASCENDINO LEITE

O sonho são essas coisas acabadas (\*)  
que nos visitam, num clarão de glória.  
Essas vozes longínquas da memória  
que os pastores recolhem nas estradas.

São essas torres frias de onde veio  
vindo o luar de antepassadas eras.  
São os passos do Amor pelas esferas  
e esse florir do espanto em devaneio.

O sonho são essas mãos com seu lindo  
perfil. Seu tear de tecer os dias  
de cristal e as constelações remotas.

São essas naus azuis que vão partindo  
com seus clarões e suas travessias  
por esse mar de insígnias e gaiotas.

---

(\*) O primeiro verso deste soneto foi extraído do livro *Os Dias Memoráveis* de Ascendino Leite.

## LIVRO II

---

*Et le Poete aussi est avec nous, sur le chaussée  
des hommes de son temps.*

*Allant le train de notre temps, allant le train  
de ce grand vent.*

*L'ombre d'un grand oiseau me passe sur la face.*

*Saint-John Perse*

*Desta poesia me resta aquela migalha de ines-  
gotável segredo.*

*Sinto agora correr em minhas veias o ardente  
sangue dos meus mortos.*

*O mistério perdeu todos os seus ardis.*

*Giuseppe Ungaretti*



## POEMA DO ACONTECER

I

O que tem de acontecer — acontece. Acontecem  
os dias e as noites. Acontece a solidão às bordas  
do teu sorriso. Acontece a madrugada fantasmagórica  
onde os cães arrastam as grandes orelhas consteladas de  
zumbidos.

Acontece a morte na derradeira parábola do sol.  
A morte com os seus caninos fulgurantes rodopiando  
diante de Deus. A morte irreverente, sazoadada vertigem.  
A morte emerge das estrelas, do fundo da noite encarcerada  
A morte emerge das raízes do corpo, da profundidade  
das nossas sensações, do pântano verde da nossa loucura.  
A morte emerge da hierarquia dos anjos, do resplendor  
da túnica de Satanás, das pupilas ensangüentadas  
de Caim. A morte emerge das entranhas trespassadas de Abel.

II

O que tem de acontecer — acontece. Acontece  
a volúpia da água e da pedra. Acontece o ciclo das estações.  
O limiar da eternidade e do infinito. O podre festim  
dos pregadores de mitologias. O céu e o inferno acontecem  
diante dos nossos olhos. A hecatombe das crianças  
e dos pássaros. O vírus e o retrovírus. Acontecem os cabelos  
da amada e esse vento de trigo recendendo a distâncias  
sazonadas. Acontecem o esplendor e a derrocada  
das constelações. Acontece a revoada nupcial das andorinhas.  
Acontece a dor. Acontece o vazio e acontece o lento  
e caudaloso rio das horas e dos séculos. Acontece  
a velhice da memória e a velhice dos sentidos.  
Acontece o esquecimento, como um pássaro frio coroadado  
de luas espavoridas. Acontece a adolescência, igual  
a uma fogueira se extinguindo. Acontece o sexo  
com seu olho feroz e suas raízes dilacerando o abdômen.

### III

De repente acontece o dragão de sete cabeças  
pastando o linho dos teus lençóis e a tua intimidade.  
O dragão tem sete pupilas e sete velocidades.  
O dragão arrasta a sua cauda como se fosse uma túnica  
de fogo. O dragão afugenta os mendigos das soleiras  
das portas. Nós somos os mendigos, os que rastejam  
à sombra das dinastias onde floresce a estirpe dos reis.  
De repente acontece a pestilência do dragão.  
Acontece o discurso do cáften, misturado às alegorias  
da Suma Teológica. Acontece o delírio do pregador  
em chamas. De repente acontece a implosão das abóbadas  
e arcarias do templo. De repente os mortos voltam  
a acreditar que foram ressuscitados pelos dedos do mágico.

### IV

O que tem de acontecer — acontece. Acontecem  
os rios da infância que nos embalaram nas suas ancas  
ensolaradas. Acontece o pássaro que repentinamente  
nos fitasse como um demônio de pensamentos sombrios.  
Acontecem as aves de rapina dilacerando o horizonte  
com o seu olho veloz. Acontece o morto da emboscada.  
O morto sangrando pelo nariz. O morto com o seu balaço  
à altura das têmporas. O Morto suspenso do tempo.  
Acontece o morto arrebatado pelo vento. O morto trotando  
em seu cavalo de areia. O morto ardendo e se consumindo.  
Acontece o morto ao redor de ti. O morto com a sua  
clarividência. O morto te visitando à hora da ceia.  
O morto te induzindo ao sono metafísico.  
Acontece o morto contaminando o vinho e teu paladar.  
O morto disputando o teu lugar e te afugentando da cama.

### V

Acontece o orgasmo das nossas sensações. Acontece  
a lucidez dos que foram assinalados para morrer.  
A lucidez dos que foram semeados na pedra e no cimento.  
A lucidez dos que foram violados no sigilo do coração.  
Acontece a lucidez dos que tiveram a coragem  
de arrastar pela vida a túnica do visionário.



O advento dos que foram ressuscitados pela cartola do mágico. O advento dos comedores de rosas fúnebres. Acontece o jubileu da Burocracia — a grande prostituta de seios cabalísticos e nádegas maternais. Acontece o parto da Burocracia, o climatério da Burocracia. Os tecnocratas permanecem agarrados à placenta de ouro da Venerável Puta. Acontece a servidão dos caudatários da lei. Acontece o dilúvio depois do pedilúvio. Acontece a conspiração dos enjeitados da plutocracia. A Venerável Puta sacode as ancas consteladas de alegorias.

## VI

Acontece o óbito do mito. Acontece a revoada dos algarismos ao redor de tua cama. Acontece a revolta das iguarias à hora da ceia. Acontece a senilidade dos teus desejos. O desabrochar das pétalas da mentira à órbita do sono às bordas da celebração. A sedução da morte à espera dos trapézios do amor. Acontece o amor embutido no cedro da morte. Acontece a vertigem a caminho do passeio metafísico. Acontecem as reminiscências de Deus. A busca da alma entre os destroços de tua caligrafia. O mistério te roendo como um vira-lata rói o seu osso. Acontece o medo atávico do rio sem fim nem começo. Acontece a ciranda das sombras descendo pela escadaria do prodígio. Acontece o ranger da cadeira de espaldar à passagem da lembrança do morto. Acontece a memória invencível do pecado às chamas do purgatório. Acontece o remorso. O arcano te expulsando para longe do nariz de Deus.

## VII

Acontece a diáspora e os passos do homem atravessando os sete portais para as sete labaredas de Gomorra. Acontece o homem como um patriarca emasculado entre rebanhos de cabras e de ovelhas. Acontece o homem arrastando a maldição de Caím pelos quatro labirintos da terra. Acontece o homem acorrentado à própria sombra. O homem se desarticulando como um pêssego podre. O homem com a sua divindade cimentada na epiderme.

O homem marcado no ventre pelos sete pecados capitais.  
O homem expulso do paraíso pelos estigmas da luxúria.  
O homem fortificando os alicerces das catedrais  
com a servidão dos humilhados e o ouro da hipocrisia.  
O homem repartindo a solidão com a sua coorte  
de fantasmas e demônios. O homem despejado no rio  
como um frasco de escória. Como a borra do lêvedo.

## VIII

Acontece a irrevelada face dos mortos. Acontece  
o crepúsculo das palavras, o fenecer dos nossos desejos  
mais secretos, o ocaso da luz que resplaneece na carne.  
Acontece o transbordar da taça de veneno da ira.  
Acontece a espiral da serpente e o crepitar da chama  
do ópio em sua cabeça. Acontece o fulgor das pálpebras da  
cólera.

Acontece o madrigal profetizando a rapsódia dos puros.  
Acontece a rebelião dos anjos no limiar de Deus.  
Acontece a embriaguez do sonho. A correnteza dos astros  
das luas e das eras. Acontece a cavalgada veloz  
da madrugada atômica. Acontece o funeral dos barcos  
atravessando a eternidade com os seus clarões.  
Acontecem as mutações da roda milenar do zodíaco.  
Acontece o devaneio cavalgando o vértice do universo  
até ser consumido pelo fogo da Ursa Maior.

## IX

Acontece a carnificina dos filhos da escuridão  
Acontece o fervor dos cínicos  
Acontece o ágape dos que se empanturram às tetas da pátria  
Acontece o clamor do profeta às bordas do espanto  
Acontece a irrisão do Cristo flagelado no madeiro do outdoor  
Acontece a estação das rosas masturbadas  
Acontece o orgasmo das orquídeas  
Acontece o rito obsceno da esperteza milenar  
Acontece a máquina do sexo desabrochando aos olhos do  
impudor

Acontece a mentira reluzindo em nossa algibeira  
Acontece a existência mutilada como um vaso de cristal  
Acontece a alma extraviada pela estrada da metanóia  
Acontece a derrocada das sete pilastras da cidadela do sonho  
Acontece a morte rodopiando em seu carrossel de areia.

## X

Acontece o enigma de dentro para fora  
Acontece o sortilégio de fora para dentro  
Acontece a adolescência vicejando como relva  
Acontece o gotejar da chuva nas telhas da recordação  
Acontece a chuva na esquina do equinócio  
Acontece o equinócio em cada palpação da chuva  
Acontece o ócio da chuva na pupila dos gatos  
Acontece o salto do gato no dorso emplumado da chuva  
Acontece a chuva no vento  
Acontece o vento na verticalidade do relâmpago  
Acontece a chuva na germinação do tempo e do pêssego  
Acontece o tempo nas mãos de Deus  
Acontece o tempo da chuva na ressurreição dos mortos  
Acontece o bailado da morte na ribalta do meu coração.

## XI

Acontece o mel na ácida fruta  
Acontece a vertigem na escarpa abrupta  
Acontece o ovo sem a sua peruca  
Acontece o broto da relva na rocha bruta  
Acontece o trapézio da água para o salto da truta  
Acontece o milagre à sombra da gruta  
Acontece o enterro nupcial da prostituta  
Acontece a paz nas entranhas da luta  
Acontece o noivado do orvalho na terra enxuta  
Acontece a dissonância aos olhos da batuta  
Acontece o salto invertebrado da serpente astuta  
Acontece a sedução no frasco de cicuta  
Acontece o bailado da andorinha na eternidade ininterrupta  
Acontece a inapetência da Venerável Puta.

## XII

Acontece o galo, a cauda erguida como um lábaro  
Acontece a volúpia do galo pelo faro  
Acontece o canto do galo repentino como um disparo  
Acontece o óbito do galo no seu santuário  
Acontece o peito do galo num banquete opíparo

Acontece o canto do galo num galho do céu feito árvore  
Acontece o galo vestindo a túnica de Sardanapalo  
Acontece o galo com sua portentosa cauda de dinossauro  
Acontece o galo pousado no vértice do dia claro  
Acontece a virilidade do galo no seu esplendor mais raro  
Acontece a fúria do galo com seu priaprismo de fauno  
Acontece o galo com seu colar de fogo no gargalo  
Acontece o galo rodopiando como um centauro  
Acontece o galo repicando o sino sonoro do seu badalo.

### XIII

Acontece o ócio  
Acontece o cio  
Acontece o hábito  
Acontece o óbito  
Acontece o tempo da podagra  
Acontece o presságio da parábola  
Acontece a cólera do anjo às portas de Gomorra  
Acontece o teu disfarce de páscoa  
Acontece a germinação no âmago da casca  
Acontece o morto de casaca  
Acontece o odor de vela no funeral de Deus  
Acontece o perfil da arrogância no catafalco às moscas  
Acontece o andor da liberdade apócrifa  
Acontece a eternidade desenhada na tua pele.

### XIV

Acontece o mendigo que te espreita  
Acontece a prostituta que te persegue  
Acontece o sacerdote que te aconselha  
Acontece a namorada que te ilumina  
Acontece o pensamento que te embriaga  
Acontece o devaneio que te bolina  
Acontece a esperança que te amamenta  
Acontece a estupidez que te aborrece  
Acontece o poema que te alucina  
Acontece o madrigal que te clareia  
Acontece a conspiração que te governa  
Acontece a ventania que te carrega  
Acontece a hipocrisia que te odeia.

## XV

Acontece que te crucificaram no lenho dura paradoxo  
e te fizeram brandir a espada do sarcasmo.

Acontece que a estrela saiu de sua rota  
e foi cair na lápide clandestina dos anjos.

Dos anjos que se equilibram na circunferencia azulada  
como se fossem bólides ou plumas de navios.

Dos anjos que mastigam hóstias de trigo do silêncio  
e se comprazem em seu bailado de reminiscências  
diante da perplexidade de Deus.

Acontece que a estrela flutuou à deriva do meteoro  
de cauda evanescente e despencou no abismo  
de si mesma ou da noite de caule vertical como  
as chamas da súplica. Acontece que as estrelas  
não costumam ressuscitar, como o homem que se  
extingue depois do vinho e das reverências da ceia.

## XVI

Acontece que os astros se perturbam

e se rebelam em suas órbitas de fogo e vertigem.

Acontece que os astros também trocam de incisivos e caninos  
como certos mortais que flutuam no pântano

da aventura. Acontece que os astros também ardem  
com as mesmas paixões que nos têm consumido

desde a infância das eras. Acontece que os astros

às vezes também ficam calvos quando o vento cósmico  
lhes arrebatou as fulgurantes cabeleiras.

Acontece que os astros nos governam com seus olhos  
velozes de tigre consumido pelo cio.

Acontece que os astros também amam, também

se exibem em seus trapézios enfeitados de pedrarias.

Acontece que os astros também nascem e agonizam  
como os seus irmãos da terra, as sombras vertebradas.

## XVII

Acontece que sou meio visionário e gosto de comer  
estrelas ovaladas à hora do café.

Acontece que os meus cabelos foram arrebatados quando  
um vento mitológico me entrou pela janela do quarto.

Acontece que não havia quarto nem janela  
nem espelho nem o ópio fulgurante da serpente  
circulando nas artérias do espelho. Acontece que  
não havia eu nem os meus cabelos e só havia.  
a face taciturna do ancestral me contemplando  
do outro lado da maçaneta da porta sem maçaneta.  
Acontece que no lugar da porta só havia o enigma  
como um pássaro sangrando pela ferida aberta.  
Acontece que o pássaro era Deus, o ancião  
que antigamente me ensinou a ambiguidade dos signos

## XVIII

Acontece que não havia a árvore onde havia a raiz  
que não havia a raiz onde havia a seiva  
que não havia o desejo onde havia o pêssego  
que não havia o rei onde havia o cetro  
que não havia o vinho onde havia as núpcias  
que não havia o mar onde havia o navio  
que não havia o infinito onde havia o pássaro  
que não havia a asa onde havia o seio  
que não havia o sacerdote onde havia o altar  
que não havia o trigo onde havia a fome  
que não havia o crepúsculo onde havia as pombas  
que não havia o barco onde havia a âncora  
que não havia a andorinha onde havia o campanário  
que não havia o licantropo onde havia a lua  
que não havia o morto onde havia o féretro  
que não havia o ópio onde havia a serpente  
que não havia o remo onde havia a rêmora  
que não havia o fantasma onde havia a escadaria  
que não havia a abelha onde havia a rosa  
que não havia o adeus onde havia a lágrima  
que não havia o tempo onde havia a eternidade.

## XIX

Acontece que estamos cercados de adereços fúnebres  
(signos fúnebres rosas fúnebres reminiscências fúnebres).  
Acontece que somos trespassados pelo raio  
de um pânico súbito. De um tempo adornado de lâminas  
cruéis. Acontece que ardemos como a vela de cera  
que se deixou imolar durante a agonia do castiçal.

Acontece que fomos ao ágape do sonho, de onde regressamos de coração vazio, olhos vazios, alma vazia. Acontece que nos embriagamos com a borra do lêvedo e de repente já não encontramos o caminho florido como uma porta que se abre aos passos do forasteiro. Como uma porta que nos entrega a sua intimidade quando o espírito do demiurgo arde na lareira. Acontece que estamos rodeados de pensamentos fúnebres como se fôssemos a múmia de um faraó voluntarioso. Um faraó enlaçado por sete dinastias de linho deglutindo os cristais de sua ceia de hieróglifos.

## XX

Acontece que o remorso nos expulsou do paraíso quando ainda éramos irmãos dos anjos e dos pássaros. Acontece que nos embriagamos no limiar das portas da ira de Deus e que somos a argila fragmentária com que são esculpidas as sete hierarquias do pecado. Acontece que me extraviei nos labirintos da infância de onde jamais regressei porque os meus olhos se transformaram nas borboletas da metamorfose. Acontece que mergulhei nas águas dum rio de raízes à procura da memória do afogado, dos pirilampos nos cabelos do afogado, misturados aos cabelos da correnteza. Acontece que achei a eternidade acorrentada à anca do rio. Achei fragmentos do meu perfil entre os búzios. Achei vestígios do meu rastro alcalino no meio das pedras. Achei reminiscências ardentes como candeias votivas. Achei o molde insolente da memória de meu pai que se consumia num sepulcro de folhas e areia.

## XXI

Acontece que me fui envelhecendo à espera da lua que flutua na sua falua. A lua donzela nua flutua por sobre a transparência desta rua. Acontece que estou parado no vértice do tempo. De um tempo que me foge e me escapa entre os dedos como essa poeira de cristal das orgias do nada. De um tempo que me acorrenta à eternidade

e ao elo de sangue das cadeias do prodígio. De um tempo  
que me projeta num futuro onde os dias e as horas  
são como grãos de areia rodopiando à órbita de Deus.  
Num futuro sem teto e sem pilastras, sem viga  
e sem portas, sem ogiva e sem fundamentos de pedra.  
Num futuro onde o tempo se converte em pauta musical.  
Num futuro iluminado pela última voz do  
último dos mortos na última tarde do bailado de elfos.  
Num futuro trespassado pelo desvario dos pássaros.

## XXII

Acontece que a dança dos elfos assusta as divindades  
da luz e do ar. Acontece que os astros são ovelhas  
acordadas ruminando o céu à sombra dos elfos.  
Acontece que o homem é uma argila modelada  
pelo hálito da morte. Uma argila que sonha e que ama  
que inventa o signo e as metáforas da aurora.  
Uma argila alucinada que adivinha os passos do futuro  
que acaricia os tornozelos da canção  
e que se deita pacientemente para morrer.  
Acontece que o homem carrega a eternidade às costas  
como um fardo de areia ou de remorso.  
Carrega a eternidade junto com os objetos de viagem  
como se levasse um espelho para a travessia do deserto.  
Carrega a eternidade como se fosse uma túnica.  
Carrega a eternidade como se fosse um cachimbo de ópio.

## XXIII

Acontece que o ovo é uma escada ao redor do infinito.  
Uma escada uma escalada uma escadaria.  
O ovo é uma escada uma espada e uma espádua.  
Acontece que o ovo é uma escada em espiral.  
Uma escada de fogo circundando os setenta degraus  
da vertigem. O ovo é uma escada para o céu  
ou para o inferno. Uma escada para a metafísica  
ou para a mitologia. Uma escada para a serpente  
ou para o pássaro. Uma escada para os cabelos  
ou para a vértebra. Uma escada para as retinas  
ou para as pálpebras. Uma escada para a ironia  
ou para a reverência. Uma escada para a resignação



ou para o invento. Uma escada fincada dentro do olho  
no âmago do olho e na intimidade do olho  
O ovo é uma escada para subir ao âmago do olho  
O ovo é uma escada para descer ao zênite do olho  
Uma escada de âmbar e pedrarias o ovo  
Uma escada de mármore de Carrara o ovo  
Uma escada de cristal da Boêmia o ovo  
Uma escada de ouro de dezoito quilates o ovo  
Uma escada de cedro do Líbano o ovo  
Uma escada subindo em espiral para a eternidade o ovo  
Uma escada descendo vertical do céu o ovo  
Uma escada ardendo como a escada de Jacó o ovo  
Uma escada ultrapassando o muro da lamentação o ovo  
Uma escada circular como o universo o ovo  
Uma escada à esquerda dos clarões de Gomorra o ovo  
Uma escada à direita dos filhos de Sodoma o ovo  
Uma escada suspensa da imensidade o ovo  
Uma escada semelhante à cauda do arco-íris o ovo  
Uma escada que se equilibra no infinito o ovo  
Uma escada que não se apaga com o vento o ovo  
Uma escada que flutua sobre as águas o ovo  
Uma escada que não se desintegra perto da lua o ovo  
Uma escada que atravessa os seis continentes o ovo  
Uma escada que circunda as quatro estações o ovo  
Uma escada que circula no sangue o ovo  
Uma escada que desabrocha na primavera o ovo  
Uma escada que liga as extremidades do horizonte o ovo  
Uma escada que passa a barlavento de Deus o ovo  
Uma escada que reverdece como a seiva o ovo  
Uma escada acorrentada à memória das árvores o ovo.

## XXIV

Acontece que o universo é menos complicado  
que os labirintos de um ovo. A geografia de um ovo.  
Os rios que correm dentro do ovo, seu hemisfério  
e seus meridianos. Os rios de um ovo deságuam  
na brancura fantasmagórica de outro ovo.  
Os rios do ovo correm da foz para a nascente  
porque os rios do ovo não correm segundo os ritmos  
do tempo. Os rios do ovo têm o mesmo comprimento  
da circunferência do ovo. São azuis os rios do ovo?

Os rios do ovo têm a sua fauna, os seus cardumes de peixes alcalinos, seus bosques de anêmonas seus hipocampos de crinas fulgurantes, búzios e arcabuzes e fantasmagorias aladas. Os rios de ovo têm algas de olhos dourados e barbatanas de nácar. Os rios do ovo correm da nascente para a eternidade porque os rios do ovo só deságuam nas praias de outro ovo. Os rios do ovo enlaçados nas suas próprias âncoras consumidos pelo fulgor de sua própria intimidade. Os rios do ovo vão deixando a infância para trás o velocípede para trás, o esquecimento para trás o sortilégio e as borboletas oscilantes para trás a memória dos mortos para trás. Os rios do ovo submergindo os meninos com suas bicicletas mutiladas sua lágrima no canto do olho, sua cárie no dente de leite, seu chapéu desbotado pelo verão mais a chuva mais o verão mais a chuva, seus cabelos revoltos seu nariz de porcelana, sua dor escondida no peito descoberto, as veias palpitando como asas, a alma na planta dos pés. Os rios do ovo carregando as faces dos meninos para o castelo do rei azul onde uma princesa de verdade está dormindo à espera do príncipe encantado que chegará de noite como um pássaro pela clarabóia quando a lua subir no ponto mais alto do céu.

## XXV

Acontece que o meteoro atravessou o infinito e caiu como um punhal no coração da terra.

Acontece que o vento despenteou os cabelos do meteoro onde o inverno cava a tumba das estações.

Acontece que o sonho dos homens passa veloz como a sombra incandescente do meteoro

vagueia entre as estrelas perdidas. Acontece que somos o argonauta extraviado fora da órbita do meteoro.

Acontece que o meteoro passeia de velocípede no topo das constelações, junto do trapézio de Deus

antes de cair como um punhal no coração da terra.  
Acontece que gravitamos a barlavento do meteoro

como se fôssemos o átomo de poeira que veio  
do vértice do sol e caiu no centro do olho do meteoro.

Acontece que somos argueiro no olho do meteoro.  
A pupila cega do olho trespassado do meteoro.

Acontece que os anjos costumam cavalgar a cauda  
luminosa do meteoro, à procura de estrelas despetaladas.

À procura da borboleta ancorada na garupa da vaca.  
Da borboleta ressuscitada depois da metamorfose.

Acontece que o silêncio fustiga de hora em hora  
o dorso azulado do potro parido pelo meteoro.

Cavalo azul galopando para a profundidade do universo  
tangido pelo vendaval da própria respiração.

## XXVI

Acontece que a roda do espanto começou a girar  
em alta velocidade, rumo a horizonte algum.  
Acontece que os meus olhos adormeceram pelo caminho  
e não viram quando passou a revoada dos planetas.

Acontece que me extraviei na rota de Aldebarã.  
Na rota da estrela que se senta à direita de Deus.  
Acontece que vagueio numa planície de constelações  
desfohadas  
em cujas ramas de fogo ardem as asas dos meteoros

Acontece que te busco onde a noite deita a cabeça  
adornada com pedrarias das jazidas do céu.  
Acontece que te procuro a barlavento da aurora  
onde os rios te celebram com sua flauta de areia.

Acontece que te amo como o pastor conduz as ovelhas  
a pastar num horizonte de reminiscências verdes.  
Acontece que todas as tardes de vento e arco-íris  
vou apascentar os teus seios num redil de estrelas.

Acontece que me adormeço na curva ardente dos teus braços  
Teus braços que são como arcos retesados  
arremessando uma flecha contra a eternidade. Teus  
braços que são como as arcadas de um templo em  
chamas.

Acontece que me extraviei nas tuas seivas de trigo  
e respiração onde o seio é uma onda ancorada.  
Uma onda em constante movimento de despertar.  
Uma onda que se desfaz em anéis como o andar da  
serpente.

Acontece que o teu corpo é amoroso como uma enseada  
onde o rebanho dos navios flutua iluminado  
pelo clarão das gaivotas. Acontece que a tua sedução  
quando passa por mim, magnetiza o universo reverente.

Acontece que a roda do espanto começou a girar  
como a roda das estações. Ou como a roda de ouro  
que circunda a torre de tuas pernas esculpidas  
por algum deus que se cansou dos olhos do paraíso.

## XXVII

Acontece que o vento norte  
carrega a estação das luas.  
Acontece que o vento sul  
te leva para a eternidade.

Acontece que o vento norte  
arranca os brotos das vinhas.  
Acontece que o vento sul  
semeia os olhos dos mortos.

Acontece que o vento norte  
derruba as portas da casa.  
Acontece que o vento sul  
emigra junto com os pássaros.

Acontece que o vento norte  
apaga a luz da candeia.  
Acontece que o vento sul  
te assusta à hora da ceia.

Acontece que o vento norte  
despenteia as águas do rio.  
Acontece que o vento sul  
fustiga os mortos com frio.

Acontece que o vento norte  
se senta na cabeceira.  
Acontece que o vento sul  
faz rapsódias para a estrela.

Acontece que o vento norte  
passa sacudindo as asas.  
Acontece que o vento sul  
te leva para a eternidade.

## XXVIII

Acontece que o sonho é meu legado  
de aventureiro sem memória.  
Acontece que a minha herança de nada  
é este espanto na voz.

Acontece que fui marcado  
para ressuscitar no sábado.  
Acontece que escrevi o testemunho  
numa lauda de sangue.

Acontece que fui sacrificado  
pelo guardião das palavras.  
Acontece que me redimi  
nas águas do poema.

Acontece que as minhas dúvidas  
foram semeadas num rio.  
Acontece que fui ao enterro  
dos ossos da minha cólera.

## XXIX

Acontece que o mistério  
arde em meus olhos  
víscera dilacerada.

Acontece que a sombra do mistério  
derrama o seu vinho letal  
na minha taça de areia.

Acontece que o fulgor do mistério  
me trespassa como um punhal.

Acontece que o mistério  
são duas retinas apagadas.  
Acontece que o mito me incendeia  
com seus olhos de cristal.

## XXX

Acontece que o vento me dispersou pelos caminhos  
Acontece que as aves me arrebataram para longe  
Acontece que me encontro boiando no vértice das águas  
Acontece que fui ressuscitado nas asas dum albatroz.

Acontece que sou magnetizado pelas alturas  
Acontece que os meus olhos despedaçaram os meridianos  
Acontece que seguro os cometas pela cauda  
Acontece que gravei o meu sinal nesses touros do céu.

Acontece que passei pela porta do tempo  
e me deixei flutuar no horizonte sem fim.  
Acontece que fui além dos umbrais da morada da morte  
onde um anjo de negro me ensinou a eternidade.

Acontece que ao passar pela porta do tempo  
fui privado da memória e das recordações.  
Acontece que no limiar da estação das espigas  
deixei meu signo e meu perfil gravados numa pedra.

Acontece que fui visitado pela sombra incandescente  
de um demiurgo ou pela sombra de um pássaro.  
Acontece que o vento me dispersou pelos campos  
e já não vi o rosto transfigurado do albatroz.

## PASSOS SECRETOS

Nesta hora de arcanos e espelhos  
Nesta hora trespassada pelo zumbido das abelhas  
Nesta hora vestida de azul como as asas das pombas

Nesta hora ressuscitada pela memória de Deus

Em que os sinos sangram nas torres frias  
Em que as andorinhas naufragam no azul  
Em que as distâncias se dão as mãos  
E em que os fios da rede elétrica são pautas musicais

Nesta hora de secretos passos  
Seria impossível morrer.

## SERPENTE

Agora as abelhas estão desenhando parábolas  
De mel às portas da colmeia  
Agora as asas da luz viajam com as pombas  
Para as esferas do tempo sem fim  
Agora o leopardo levanta a cabeça esculpida na pedra  
E sacode a noite dos olhos  
Agora as rosas se erguem como taças de pólen  
Para brindar às núpcias do sol  
Agora o vento tece com os dedos a grinalda das ondas  
E escreve madrigais na areia  
Agora o sangue das velas escorre palidamente  
Das veias dos castiçais  
Agora as moças de sexo azul viajam diante do espelho  
Para o remoto país do sonho  
Agora a serpente desliza para o fundo da taça de ópio  
E fecha a pálpebra da morte.

## ANJO BÊBADO

Morremos de morte lenta  
E de morte veloz como a água e o vento

Carregamos o calafrio da morte na pele  
Como uma tatuagem de riso amarelo

A morte como uma nódoa impressa na carne  
Um grito que amadurece e arde

Bebemos a morte como se fosse  
O vinho desta insônia e desta foice

Com que brindaremos o anjo bêbado  
De reminiscências no limiar da pedra.

## **CHAMA VIVA**

O amor incendeia a treva  
Cinza consumida.  
Volta a arder como se fosse  
Uma chama viva.

Chama que nos consome  
Antes e depois do agora.  
Do amor só nos resta o vinho  
Podre da cólera.

Chama que se prolonga  
No sonho inteiro  
O Amor incendeia a alma  
Por derradeiro.

## **MITOLOGIA DO PÁSSARO**

Descubro a secreta  
mitologia do pássaro.  
O fulgor e a sazão  
dos frutos do corpo.

Descubro o arquipélago  
de cristal, a forma  
ressuscitada do êxtase.  
A porta da vertigem.

Descubro o esporão  
da beleza, a volúpia  
do sangue e da pedra  
o espinho da solidão.



Descubro a teia do gozo  
germinando no peito.  
A insônia palpitando  
na raiz das palavras.

Descubro a memória  
tecendo a teia  
do incesto. A secreta  
mitologia do pássaro.

## **ESTA HORA ERGUIDA COMO ESPADA**

Esta agonia  
De vãos, esta claridade suspendida  
Estas nuvens brancas  
De douradas ancas

Este assomo azul  
Do céu  
Estas asas de fogo que golpeiam  
O espaço pelo meio

Estas árvores  
Este silêncio esculpido na água  
Esta hora erguida  
Como espada  
E este anseio de paz

São reminiscências dilaceradas  
Da misericórdia em chamas.

## **SONETO EVOCANDO RILKE**

Cair, neste universo, é a lei geral.  
Cai o império solar, cai o seu halo.  
Cai a rosa vermelha do seu talo  
com sonoro alarido de cristal.

Cai o homem e o anjo, cai a cal  
da memória, de intervalo a intervalo.  
Também caiu o rei Sardanapalo  
na escuridão da noite sepulcral.

Cai a ave e a formiga e o paquiderme  
cai a estrela do mar, folhas e frutos  
das estações, cai a pluma dos rios.

Cai a fronte do sábio, cai o verme  
que rói a pedra e o coração dos brutos.  
Nossos desejos, nossos desvarios.

## VACA DE ESPINHAÇO AZUL

Vaca de espinhaço azul  
flechada pelos enxames  
vaca reluzindo aos touros  
com os seus chifres em chamas.

Vaca arrastando a placenta  
na madrugada sem rumo  
(de noite esconde o bezerro  
ensangüentado no rúmen).

Vaca parida na várzea  
vaca sangrando no pasto  
vaca ferida de muitas  
léguas de estrada nos cascos.

Vaca de verde garupa  
vaca encarnada na anca  
vaca de regresso aos prados  
da luminosa lembrança.

Vaca de berro azulado  
cheirando a infância e curtume  
(de noite esconde o bezerro  
ensangüentado no rúmen).

Vaca de arcaica beleza  
dispersa em vertigem rubra  
vaca tecendo a infinita  
memória dentro do ubre.

## ANZOL DE VELOCIDADE AZUL

Preciso sair de mim  
preciso me dissolver na poeira das ruas  
onde a vida acontece  
onde as coisas acontecem  
onde os acontecimentos desabroçam  
e onde a morte costuma fitar as pessoas  
com os seus olhos obscenos.

Preciso chegar a Santiago às três horas da tarde  
antes que a lua apodreça  
antes que as papoulas desmaiem  
antes que a madrugada incendeie as asas dos galos  
antes que os sinos dobrem.

Preciso desfolhar maldições na cova do ditador  
preciso fisgar a vida  
com o meu anzol de velocidade azul  
preciso escrever na areia  
o nome da liberdade.

## II

Preciso sair de mim  
preciso agarrar a vida com as mãos  
como se agarra  
um bicho de estimação  
como se agarra um gato pela cauda.  
Preciso agarrar a vida  
a sua escória e a sua memória  
a sua lama e a sua infâmia  
o seu lento esporão e seu gozo veloz.  
Preciso domar a vida  
como se doma um garanhão  
de negros olhos e negras crinas  
preciso deter o tempo  
preciso espremer o sumo da vida  
com as minhas mãos  
embriagadas de orgasmo.

### III

Preciso sair de mim  
para as brancas alamedas do mar  
preciso decifrar as luas  
nos olhos do pescador.

Preciso decifrar os enigmas  
do homem e da pedra  
preciso consolar os que partem  
para lugar nenhum.

Preciso espantar a solidão  
das velhas putas  
que se cansaram de minerar  
o ouro do orgasmo.

Preciso semear  
meu latifúndio de espumas  
cultivar rosas obscenas  
para as núpcias do poema.

### IV

Preciso duvidar  
preciso me rebelar  
preciso me assassinar  
com o punhal da ira  
o punhal de cristal do sarcasmo.

Preciso ser cúmplice dos outros  
preciso imaginar o rosto  
dos que perderam a identidade  
preciso passar fome  
preciso sentir frio.

Preciso morrer e ressuscitar  
preciso dormir ao relento  
na escuridão feroz onde os gatos amam  
preciso acordar com os pássaros  
e não dormir outra vez.

## CANÇÃO PARA AGOSTINHO NETO

Teu poema é solidário como as colmeias  
repletas de alvoroço e mel  
teu poema fala ao coração dilacerado do povo de Angola  
deita por terra as portas dos muros coloniais  
e convoca os habitantes das aldeias  
para a ciranda da luz.

Teu poema é flexível como um punhal  
cravado no peito do invasor  
flexível como os corpos das adolescentes negras  
e os seus cânticos de paz.

Teu poema é um lugar aprazível  
onde as aves e as feras vão beber a água  
inesgotável da poesia.

Teu poema tem o gosto adocicado  
de um celeiro abarrotado de espigas.

## CANÇÃO N.º 2

Tuas mãos honestas  
de tecedor de parábolas  
carregaram pedras  
para os alicerces do mundo.

Tuas mãos dilaceradas  
moldaram argila e esperança  
e construíram a liberdade  
com a argamassa da paz.

Tuas mãos calejadas  
domaram o cimento e a pedra  
e acenderam o fogo  
no coração da tribo.

Tuas mãos irreverentes  
estancaram o sangue  
que jorrava das veias  
desatadas do pulso da África.

Tuas mãos consumidas  
pela pólvora do invasor  
acenderam fogueiras no céu  
para as núpcias de Angola.

### **CANÇÃO N.º 3**

O fogo está consumindo  
a carne azul do lenho das árvores.  
O fogo está consumindo o teu coração.

O fogo está consumindo  
os desejos das mulheres da tribo.  
O fogo está consumindo o teu coração.

O fogo está consumindo  
o mistério veloz dos olhos do tigre.  
O fogo está consumindo o teu coração.

O fogo está consumindo  
a esperança nos olhos da tribo.  
O fogo está consumindo o teu coração.

### **ELEGIA PARA JOAQUIM CARDOZO**

Joaquim Maria Moreira Cardozo  
deveria ter morrido de saudade  
deveria ter cavalgado o seu alazão noturno  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter plantado uma rosa de escárnio  
deveria ter seduzido a namorada  
deveria ter escrito a balada da insônia  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter adiado o compromisso  
deveria ter desfeito o encontro marcado  
deveria ter possuído os seios da mulher aranha  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter dormido com as pombas  
deveria ter acordado com as cigarras  
deveria ter adivinhado os mortos da Gameleira  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter decifrado o enigma  
deveria ter sentido o espinho das moças em flor  
deveria ter debulhado os cabelos de Mariana  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter pastorado a infância  
deveria ter ressuscitado o velocípede  
deveria ter guardado os fantasmas do carrossel  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter resgatado a cartola do mágico  
deveria ter comido a ceia do mistério  
deveria ter devorado a solidão  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter arrebatado a galáxia orbital  
deveria ter degolado a lua nova  
deveria ter repartido o Signo Estrelado  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter fecundado a escultura do amor  
deveria ter escutado o Capibaribe  
cantar seu canto de esperança e limo  
à sombra dos cajueiros de setembro

Deveria ter voltado à soleira de pedra  
deveria ter dançado a eternidade em compasso binário  
deveria ter escutado os sinos da Misericórdia  
à sombra dos cajueiros de setembro

## CHUVA DE CAJU

(A memória de Joaquim Cardozo)

Chuva de olhos castanhos  
e de vestido azul  
chuva de braços longos  
como os gestos dos pobres.  
— Chuva de caju.

Chuva que vem de longe  
trazendo o seu baú  
de relvas machucadas  
pelas núpcias do vento.  
— Chuva de caju.

Chuva que a nuvem tece  
de orvalho e linho cru  
chuva que assusta os campos  
e pastora as ovelhas.  
— Chuva de caju.

Chuva que me visita  
de cristal como tu  
chuva escrita na areia  
como um verso de amor.  
— Chuva de caju.

Chuva de andar faceiro  
vens do norte ou do sul?  
Em que alazão de fogo  
galopas para a infância  
— Chuva de caju?

## **OS CAVALOS DE TERUZ**

Jardim de nuvens acesas  
boiando em cima do mar.  
— São as nádegas de ouro  
dos cavalos de Teruz.

Peixes de fogo e prodígio  
sobre as espumas do mar.  
— São os arreios de prata  
dos cavalos de Teruz.

Verdes chamas naufragadas  
das pedrarias do mar.  
— São os olhos de ardentia  
dos cavalos de Teruz.



Chamas de fulgor erguido  
sobre as auroras do mar.  
— São as crinas de sargaço  
dos cavalos de Teruz.

Que enigma nos consumindo  
além da noite e do mar?  
— Com certeza é a ronda azul  
dos cavalos de Teruz.

## II

Os cavalos de Teruz  
não são verdes, são azuis.  
São cavalos cristalinos  
como os pastos da memória.  
São velozes, são volúveis  
como os sonhos femininos.

Os cavalos de Teruz  
não são verdes, são azuis.  
São cavalos repentinos  
como a alvorada das pombas.  
São de concha, são de espuma  
como a infância dos meninos.

Os cavalos de Teruz  
não são verdes, são azuis.  
São cavalos velocinos  
galopando sobre o mar.  
São de raio, são de fogo  
como os olhos dos felinos.

Os cavalos de Teruz  
não são verdes, são azuis.  
São cavalos aquilinos  
roçando as asas na lua.  
São sombrios, são profundos  
como os mistérios divinos.

## **PENÉLOPE**

A ti, Penélope, que atravessaste  
o tempo da provação e os incertos  
dias de infortúnio tecendo a espera  
de Odisseu e a túnica de Laertes.

A ti, Penélope, madre obstinada,  
em cujo ventre a irrevogável marca  
de um deus, e de quem descende a linhagem  
do herói, do rapsodo e do patriarca.

A ti, Penélope, mãe de Telêmaco,  
que te despiste de altivez e glória  
enquanto as naus do exílio desfraldaram  
as velas sobre as águas da memória.

A ti, Penélope, amada dos deuses,  
tecelã do prodígio repentino,  
não direi que a palavra é um compromisso  
solene do homem com o seu destino.

Eu te direi, Penélope, ó rainha,  
que o acaso teceu, sem que pressentisses  
o silêncio fiel, dourada túnica  
com que vestes a ausência de Ulisses.

## **O TECEDOR**

Para Maria Helena Pinheiro Cardoso

De solidão, delírios e punhais  
o tecedor tece o seu próprio linho  
e as mutações do relógio de areia  
passando pelos dedos do adivinho.

Tece as noites do homem, tece as luas  
que gravitam em órbitas dispersas  
e que são degoladas pela foíce  
das estações. Tece a adaga dos persas

e o perfil delirante das ameias  
modeladas pelos ventos do mar.  
O tecedor tece o seu próprio enigma,  
o instante de esquecer e o de lembrar.

O tecedor tece a infância dos potros,  
os dias da morte e os outros dias  
do espelho e do sarcasmo. Tece a teia  
de servidões e de mitologias.

a memória da carne e o seu declínio  
crepuscular. Tece a estrela na escarpa  
domada pelo fogo e pelo arrulho  
das águas. E a âncora desta barca

que é o nosso corpo esculpido na pedra.  
— Nosso corpo com seu desejo agudo  
de ressuscitar, de imprimir seu rastro  
sujo de sangue na essência de tudo

o que transcende a forma e as sensações.  
O tecedor tece a origem do mito  
e da canção. Pluma e argila veloz  
do tempo breve e do espaço infinito.

Tece o destino, tece os labirintos  
da alma circular. As negras sendas  
do futuro guardadas nos espelhos  
e as pombas que se nutrem de oferendas.

O tecedor tece o cristal das horas  
no relógio de água dos umbrais  
onde os reis, com seus signos, adormecem  
cercados de evidências canibais.

Tece o amor e todas as cristalinas  
formas que a liberdade engendra. Todas  
as latitudes e todos os ritos  
da sedução. O esquecimento e as bodas

de limo do homem. A hecatombe  
dos pássaros vitimados na aurora  
e o balido da ovelha assassinada  
ressoando nas tardes da memória.

Tece as nuvens espectrais, o espectral  
crepúsculo de espadas e eucaliptos  
em que a orgulhosa Tróia, a de altas portas,  
foi conquistada pelas naus de Ulisses.

A música submersa das estátuas  
no pátio ensangüentado tantas vezes.  
As cidadelas de sombrios pórticos  
e muralhas fortificadas. Os deuses

ardendo às chamas do prodígio e a escrita  
que pressagia o despertar e o fim  
do sonho. A voz que demoliu Gomorra,  
ungiu Abel e desterrou Caim.

Tece o emblema das moças e o secreto  
caminho azul do seu mormaço esguio.  
A volúpia e o gozo obscuro, essa lâmina  
de carne rebelada e desvario.

As idades da vida e o seu ocaso,  
as câs do visionário e as utopias  
do homem. Tece as insígnias da tumba  
e tece o instante breve e os longos dias.

De amarga uva e ensangüentada espera  
o tecedor tece o seu próprio vinho,  
a velhice e os seus símbolos de areia  
passando pelos dedos do adivinho.

O tecedor tece o seu próprio sonho  
(o que se perdeu e o que vai sonhar)  
com palavras que ainda se recordam  
de uma fonte acordando o patamar

onde a hera se enrosca na lembrança  
de um tempo que morreu mas pulsa ainda  
no abraço germinando em cada pedra  
gotejante da fantasmal ruína.

O tecedor tece a malha da morte.  
E tanto tece que, no seu tecer,  
fecha os olhos cansados e adormece  
num desejo invencível de morrer.

## CANTIGA BOVINA

o coice do boi  
o rastro do boi  
o sestro do boi  
o susto do boi  
o rumo do boi  
o rúmen do boi

tudo se ganha  
nada se perde

o cio do boi  
o verde do boi  
a dança do boi  
a canga do boi  
o bafo do boi  
o berro do boi

tudo se ganha  
nada se perde

a língua do boi  
a baba do boi  
o casco do boi  
o chifre do boi  
o mijo do boi  
o mito do boi

tudo se ganha  
nada se perde

o fóssil do boi  
a força do boi  
a alma do boi  
a calma do boi  
o vício do boi  
o visgo do boi

tudo se ganha  
nada se perde

o ritmo do boi  
a senda do boi  
a fúria do boi  
a pompa do boi  
a cauda do boi  
o caldo do boi

tudo se ganha  
nada se perde

a lama do boi  
o limo do boi  
o rito do boi  
a rota do boi  
o fogo do boi  
a fuga do boi

tudo se ganha  
nada se perde

a lenda do boi  
o lombo do boi  
o pasto do boi  
a pista do boi  
a cerca do boi  
o salto do boi

tudo se ganha  
nada se perde

a gana do boi  
a dona do boi  
o halo do boi  
o ouro do boi  
a sina do boi  
o sono do boi

tudo se ganha  
nada se perde

## SONETO DE ÁGUEDA

Águeda tinha enleios de potranca  
nas pastagens do cio. Águeda esperta  
a sacudir a formidável anca.  
Na boca, escandalosamente aberta,

os dois caninos reluzentes e alvos.  
Águeda, sacudida pela fúria  
do sexo, nos mostrava os seios calvos  
como se fosse a deusa da luxúria.

Águeda em flor, tecendo o devaneio  
dos meninos, nas longas noites frias  
de inverno, trespassadas de vertigens.

Águeda abrindo o enigma pelo meio.  
Moldando o gozo além das utopias.  
Além da selva escura das origens.

## CANÇÃO DO HOMEM SEM TERRA

Homem sem terra não constrói a casa  
Não tange as cabras nem pastora o vento.  
Homem sem terra vira esquecimento  
Perde a estrada do sangue e perde a asa

Do mito. Homem sem terra fenece  
Como a rosa esquecida da utopia  
E vai morrer nos braços da agonia  
E vai ceifar espigas noutra messe.

Homem sem terra morre ou desespera.  
Não sonha, não sazona, não semela  
Nem colhe a madrugada que amanhece.

Todo homem sem terra é alguma fera  
Com os dentes cravados nesta ceia  
E os olhos germinando nesta messe.

## 100 HAICAIS

*Para Yeda Prates Bernis,  
que semeou um Grão de Arroz  
em nossa vida.*

O céu flutua  
nas águas  
do pântano.

O rio carrega  
a paisagem  
para o mar.

O pássaro  
agasalha a noite  
nas asas.

O salto do gato  
devaneia  
no espaço.

O crepúsculo  
pastora a lua  
dentro do poço.

O pássaro voa  
de encontro às flechas  
do vento.

Noite. A coruja  
ponteia mortalhas  
de seda.

De noite os cavalos  
vão pastar  
o cio das éguas.

O vento assusta  
os fantasmas  
da velha casa.

O ranger da porta  
acorda os fantasmas  
na noite morta.



- O sino da aldeia  
dobra a finados  
pelo dia findo.
- A tarde: a ave  
pousada  
na gota d'água.
- O entardecer  
desliza entre  
folhas. E sangra.
- O salto da rã  
detona a pólvora  
da manhã.
- À rosa borrifa  
a madrugada  
de sangue.
- O relâmpago  
acende a candeia  
dos mortos.
- Meia-noite.  
O canto do galo  
clareia as trevas.
- Na casa antiga  
descem fantasmas  
pela clarabóia.
- Todas as noites  
o sapo vai comer  
estrelas no lago.
- A gérbera  
suspensa no caule  
sem vértebras.
- O regato parece  
uma esguia  
serpente de cristal.

O sol incendeia  
as bodas da aranha  
e a prata da teia.

Os cães ladram.  
E o destino conduz  
a caravana.

Aos raios da chuva  
o leão sacode  
o ouro da juba.

A sombra do urso  
cai pesadamente  
sobre o crepúsculo.

Foi-se a vaca.  
Fica a mansidão  
na paisagem.

Um anjo crespo  
semeia conchas  
na areia do mar.

Canta a cigarra.  
Seu canto é o gume  
da cimitarra.

Borboleta ébria.  
O pólen de ouro  
da gérbera.

Aldebarã pulsa  
na esfera: dourado  
coração da Ursa.

A madrugada  
salpica o céu  
de gotas de sangue.

O infinito  
resplandece  
num grão de areia.

A noite chega  
do mar como  
um pássaro frio.

Na tarde azul  
a solidão branca  
da asa delta.

A lua clareia  
os mortos como  
um epitáfio.

O pássaro voa.  
Fica o canto  
suspenso no ar.

Enquanto dormes  
se soltam  
as âncoras da alma.

Dorme o céu.  
O canto do galo  
acorda as estrelas.

O veio claro  
passa a noite  
tocando flauta.

A lua veio  
do fundo do mar.  
E era um seio.

O olho veloz  
da andorinha  
incendeia o céu.

Uma borboleta  
passou pela ausência  
da vidraça.

Passou pelo  
campanário um vento  
de andorinhas.

A tarde se inclina  
como um navio  
que adernou.

A lua mergulha  
no mar como  
um cisne afogado

A noite, barca  
de piche ancorada  
na angra.

O mar é um  
garanhão que  
alteia as crinas.

Os pardais fazem  
amor nos fios  
da rede elétrica.

Na tarde parada  
os sinos do Angelus.  
Asas velozes.

A lua é a cinza  
fria de alguma  
candeia apagada.

A alma  
é o começo  
da vertigem.

A chuva passeia  
no telhado com  
sapatilhas de seda.

Cada gota  
de chuva a caminho  
do mar.

A flecha do raio  
parte ao meio  
o canto do pássaro.

A flecha esguia  
voa do arco  
para a estrela.

Calmaria verde.  
O pântano ressona  
como um bêbado.

O dia amanhece  
com a juba de areia  
toda molhada.

As horas, pêssegos  
maduros caindo  
da pêndula.

Passo a passo  
passeia a pêndula  
na eternidade.

Na noite úmida  
o sapo celebra  
as bodas do pântano

A aranha tece  
a teia de prata  
com fios de chuva.

A borboleta sai  
da metamorfose.  
Rosa vermelha.

O grilo arranha  
o silêncio  
com seu sigilo.

Peixe dançarino.  
Destino negro  
no aquário azul.

Despe-se a moça.  
O pássaro da nudez  
pousa no espelho.

O riacho azul  
sacode a cabeça  
de pedra e limo.

A borboleta  
sai do casulo.  
Delírio em chamas.

Foi-se o pastor.  
O canto da flauta  
guia as ovelhas.

Festa no pântano.  
O sapo descobre  
a hipotenusa.

O sapo mastiga  
devagar a sua ceia  
de vagalumes.

Braços abertos  
o espantalho aponta  
a eternidade.

O mágico  
tirou um susto  
da cartola.

Pelas cordas  
do trapézio  
passa um calafrio.

Gaivota branca  
flutua no céu.  
Fuga de Bach.

O urso panda  
salta do trapézio  
brinca de ciranda.

A serpente  
enrosca-se  
no vazio.

Antes que se deite  
o gato bebe a lua  
no pires de leite

Clarão na selva.  
Salto repentino  
da cobra coral.

A lua espetada  
na flecha de vidro  
do arranha-céu.

Manhã. O gato  
lambe o focinho  
de morfina.

Aranha imóvel.  
Na límpida teia  
vento acordado.

A aranha passeia  
num trapézio  
de seda.

Morada secreta  
dos grilos.  
Áspero canto.

Folhas mortas  
levadas pelo vento.  
Nuvens do céu.

A noite arrasta  
sua túnica  
de vagalumes.

O rio gorjeia  
nas pedras.  
Pássaro de límo.

Noite de inverno.  
Vacas ruminam  
pirilampos.

Alma ondulada  
das ravinas.  
Cincerro das vacas.

Uma coruja pia.  
Descem fantasmas  
pela escadaria.

Andorinha cai  
no abismo veloz.  
Ave de rapina

O uivo dos cães  
crava na lua  
o seu punhal.

Uma coruja pia  
nos galhos  
da ventania.

O clamor do raio  
ressuscita  
os mortos.

Na fogueira  
dos espelhos  
ardem teus avós.

A morte  
roça de leve  
o teu paladar.

Basta ao coração  
ser nau  
da utopia.

Tiro de espingarda.  
Chão vermelho  
plumas da nuvem.

A lua nova  
caiu de madura  
numa poça d'água.



O coração:  
búzio agarrado  
ao casco do navio.

Navio ancorado.  
A alma navega  
para sempre.

## **CANÇÃO DA EXPECTATIVA ATÔMICA**

Meu coração celebra um cântico de paz  
A terra inteira estremece em convulsão agônica.  
Desabrocha no céu o devaneio dos pardais  
Sob a claridade espectral da madrugada atômica.

No celeiro as douradas pestanas das espigas  
Se abrem como os olhos da amada para a lua atônita.  
Semeio em tua memória estas canções antigas  
Sob a claridade espectral da madrugada atômica.

Pelas frestas do espelho ou da escadaria  
Chegará a esfinge veloz de boca irônica  
Arrastando a túnica de areia na abadia  
Sob a claridade espectral da madrugada atômica.

## **JANDIRA E O TIRA**

Jandira, mineira de Itabira  
não toca harpa nem tange a lira  
não ama de verdade, ama de mentira  
e quando precisa nunca se estira.  
Jandira de cabelos de jandaíra  
espeta os homens com os olhos de safira  
nunca se sabe quando delira  
ou quando soluça ou quando suspira.  
Jandira, que era sócia de Indira  
e sabia os sete signos da ira  
saíu do convento e casou com um tira.

## MINUETO DO VENTO

O vento que veio da torre do convento  
era um vento crepuscular com seu perfil nevoento.

O vento que veio de dentro da mansarda  
era um vento azul como os devaneios da tarde.

O vento que veio das águas do rio  
Era um vento veloz de galopar sombrio.

O vento que veio dos confins da rua  
era um vento frio como os punhais da lua.

O vento que veio das entranhas da porta  
era um vento anelado como os cabelos da morta.

O vento que veio do ocaso repentino  
era um vento aturdido como as asas de um sino.

O vento que veio das esferas celestes  
era um vento sussurrante como as folhas dos ciprestes.

O vento que veio das arcarias da alba  
era um vento nupcial para embalar a alma.

O vento que veio dos arcanos do mar  
era um vento em silêncio para não te acordar.

## INSÔNIA DE CRISTAL

Eis-me desamparado aos olhos da escuridão  
como o profeta no ventre do peixe.  
Eis-me rodeado de palavras que me seduzem  
e silêncios que me aproximam da música de Deus.

Eis-me na encruzilhada dos sentidos  
como folha sem rumo da árvore do paraíso.  
Eis-me distante e perto de tudo.  
No vértice do tempo, entre alfa e ômega.

Eis-me rodopiando entre ancanjos aturdidos  
que passeiam no carrossel das esferas.  
Eis-me germinando na terra fecundada  
pela água que verte dos olhos das raízes.

Eis-me arrebatado pela chuva atômica  
que jorrou das correntezas do céu.  
Eis-me acorrentado à esperança  
de ressuscitar para as núpcias dos mortos.

Eis-me suplicando ao vento que se cale  
no pórtico escuro visto do lumiar.  
Eis-me regressando aos signos da memória  
nas asas desta insônia de cristal.

## **OLHOS DE SAFIRA**

Não sei quem sou mas sei o quanto valho.  
Sei quanto vale o alfanje da ironia  
E a mentira que engorda e que procria  
À sombra destas almas de espantalho.

Sei quanto pesa a insígnia de Caim  
Nos meus ombros curvados pela morte.  
Sei que o remorso passa pela porta  
Do solar demolido que há em mim.

Sei que o poder é um réptil que se estira  
Sobre o espanto estampado em minha face.  
Sei que a ilusão é uma noite infinita.

Sei que o inferno tem olhos de safira.  
Sei que o homem setenta vezes nasce  
Setenta vezes morre e ressuscita.

## **AS UVAS AMARGAS**

Esta é a lenda dum homem que plantou  
A sua vinha perto da vertente  
Onde as águas cantavam docemente  
Como um pássaro que vai alçar vôo.

Durante sete luas o homem veio  
Regar a sua vinha com o orvalho  
Do céu. A seu suor e seu trabalho  
Juntaram-se esperança e devaneio

Sonhos de infância, núpcias de andorinha  
Alvoradas de estrelas se apagando.  
Passadas outras sete luas, quando

O homem foi ceifar a sua vinha  
(Que não era de linhagens bastardas)  
Ela só produzira uvas amargas.

## **ANJO CEGO**

{ Um anjo cego  
guia os teus passos  
pela treva  
e te conduz ao  
paraíso dos sentidos.

Um anjo cego  
passeia no teu peito  
enquanto dormes  
e te acompanha  
durante a viagem.

Um anjo cego  
desce da cumeeira  
todas as noites  
enquanto os espelhos dormem  
profundamente.

## **CANÇÃO DE ALGUMA ESPERANÇA**

Vamos esperar  
que o sol nasça no ocidente  
e se ponha no zênite.

Vamos esperar  
que a mentira conquiste o poder  
no seu alazão de palavras.

Vamos esperar  
que a paciência de Deus  
não mude de lugar.

Vamos esperar  
que os braços amputados  
façam justiça com as próprias mãos.

Vamos esperar  
que a cólera não adormeça  
nos braços do epigrama.

Vamos esperar  
que os urubus não profanem  
nossa ceia de mármore.

## **ELEGIA VELOZ**

Um dia o vento  
te acordará  
na tumba de cimento.

O verso e a rima  
serão os olhos  
cegos de Hiroxima.

Um dia saberei  
que a liberdade  
não é artigo de lei.

Um dia te dirão  
que o teu latifúndio  
é a tampa do caixão.

Um dia a lua agônica  
será assassinada  
pela bomba atômica.

## **A VIDA É PURA TRAPAÇA**

O tempo passa  
a eternidade envelhece  
os sonhos viram fumaça.

O medo nos trespassa  
o espanto nos visita  
o rosto perde a graça.

O mistério esvoaça  
sobre a tua cabeça  
no obelisco da praça.

Somos essa argamassa  
que às vezes bebe sangue  
e às vezes bebe cachaça.

No beco da população  
o vento apaga a alegria  
de alguma luz escassa.

Apesar da mordança  
ladra o cão de raça.  
A vida é pura trapaça.

## **AS PIRÂMIDES**

Do alto destas pirâmides  
de argamassa luminosa  
vos contemplam quatro séculos  
de pobreza e verminose.

Do alto destas pirâmides  
negras aves de rapina  
vos contemplam avidamente  
com seus olhos de morfina.

Do alto destas pirâmides  
plantadas dentro do abismo  
governam vossos desejos  
os corvos do capitalismo.

Do alto destas pirâmides  
de inércia e burocracia  
vos contemplam quatro séculos  
de insolente burguesia.

Do alto destas pirâmides  
de cenho amargo e feroz  
quatro séculos de intrigas  
desabaram sobre nós.

## O PEIXE

Para

João Evangelista  
Sânzio de Azevedo

De que abismo constelado de pedrarias  
veio este peixe?  
Que turbulentas águas  
modelaram a forma deste peixe?  
Quem fundou a cicatriz  
no seu olho trespassado de maresia e cólera?  
(Itinerários, rotas fantasmagóricas  
desabrocham repentinamente  
nas retinas do peixe).  
Este peixe foi gerado pelo dilúvio.  
Há sinais da ira de Deus em sua carne mutilada  
em seu ventre escamoso de pássaro  
das trevas.  
O peixe está morto  
mas ainda palpita nas mãos do pescador.  
Ainda estremece vigorosamente  
aos raios do sol  
como se sentisse o odor  
do mar acariciando-lhe as entranhas.  
Este peixe já não vive  
mas ainda respira  
ainda escreve parábolas de espuma na areia  
ainda soletra cada sílaba  
das ondas, ainda celebra cada epifania do mar.  
De que profundidade veio este peixe  
veloz, atravessando os mares?  
Que anzol de cristal  
fisgou a solidão deste andarilho esguio  
das noites em chamas?  
Quem pode medir a nostalgia deste peixe?  
Como saber onde se encontram  
os vínculos de sua existência anterior?

a sua imagem espectral, a sua infância de peixe?  
o seu mistério feroz?  
a sua fulgurante liberdade?  
Este peixe está morto  
mas o seu fulgor atravessa o tempo  
a sua carne pulsa  
as suas barbatanas estremecem  
e o peixe nos respira  
como se fôssemos o próprio oxigênio.  
Como saber a origem deste peixe?  
a metamorfose deste peixe?  
a trama deste peixe? a lenda deste peixe?  
a luminosidade deste peixe?  
a bússola deste peixe?  
a mitologia deste peixe?  
as transfigurações proféticas deste peixe?  
Este peixe está morto  
mas ainda se rebela, ainda se agita  
ainda guarda memória do anjo que foi, albatroz  
dilacerado pela flecha das águas.  
Morto e frio  
morto e relutante  
morto e pacificado, este peixe  
começa novamente a flutuar noutra dimensão.  
O peixe está morto  
mas a sua respiração é infinita  
como se o próprio mar  
continuasse a ressoar dentro dele.  
O peixe está morto  
as moscas estão zumbindo pela alma do peixe.  
Cães farejam o peixe  
num crépúsculo de ventos podres.  
Ninguém vai ao encontro  
do homem ressuscitado no ventre do peixe.

## **POEMA PARA MAZA DE PALERMO**

Teu verso é luminoso e áspero como uma rajada de sol  
Teu verso não se escreve em pergaminhos de areia  
Teu verso é a insígnia de um profeta que veio  
Para escrever a parábola na pedra.



Teu verso é poderoso como a terra fecundada pela chuva  
A terra palpitando no fundo dos pântanos  
A terra ressuscitada pelos brotos das vinhas  
E pela ruminação dos animais.

Teu verso crepita como a lasca de cedro na lareira  
Teu verso espreita como as aves de rapina.  
Veloz como o vento, veloz como o ceifador de espigas  
Que volta dos campos com seu olhar sazonado.

Teu verso escuta o piar das corujas nas árvores  
Escuta a solidão do pastor sem rebanho.  
Teu verso escuta os astros e planetas longínquos  
Escuta o clamor dos mortos nas águas do Reno.

Teu verso escuta as asas da aurora assustando as ovelhas  
Escuta os passos do camarada L atravessando a alameda  
Escuta os cães mastigando os ossos da lua  
O sussurro do vento e da chuva nas telhas acordadas.

Teu verso é esculpido na rocha com o fogo  
E o sangue das entranhas. Com os olhos vestidos  
de Luto. Com a solidão, coroada de rosas  
E espinhos, das mulheres da Calábria.

Um sopro de primavera e de zumbidos celebra o amor  
Nos teus versos. Amor de fêmea trespessada pelo cio.  
Amor de loba germinando nos peitos maduros. Amor de donzela  
Prometida sob as velas ardendo no santuário da Madona.

Teu verso fala das chaves e do mistério da morte  
Fala dos que se vão pelo negro portal da Eternidade.  
Dos que se vão nos braços da mortalha e não voltam nunca.  
Fala da procissão das mulheres vestidas de negro.

Teu verso fala dos anciões de veias azuladas  
Que vão dormir sobre a palha dos celeiros.  
Dos bandolins bêbados de vinho tinto  
Que arrastam seus mantos pelas ruas enluaradas de Palermo.

Teu verso nos envolve como o olhar da Madona  
Teu verso nos devolve os caminhos da infância perdida  
O urso de pelúcia, a memória do velocípede quebrado  
"E a paz dos nossos mortos sob as folhas da oliva".

Teu verso é incandescente como o espírito das águas  
Espírito que roça com sua asa o âmago de Deus.  
Teu verso passa defronte às portas encantadas  
De um reino de conchas plantado às margens do Reno.

Teu poema é forte como a terra onde a semente germinou  
Forte como o cheiro dos rebanhos pastando na colina  
Forte como o raio partindo o coração da montanha  
Forte como a tempestade derrubando as cidadelas do mar.

Teu poema é forte como um salmo de Davi  
Forte como a chuva, forte como o caprino solar  
Forte como o primogênito gerado pelo ancestral  
Forte como a anca da mulher que pariu um deus.

Teu poema celebra as pobres mulheres da Calábria  
Que invocam a proteção da Madona na hora do parto.  
Mulheres de cujos ventres amordaçados  
Nascem bambinos como se fossem deuses.

Mulheres que dão forma aos filhos  
E que depois os amamentam em seus peitos maduros  
Para que eles sejam possantes como o raio  
E altivos como as asas do albatroz.

A solidão das mulheres da Calábria te comove  
Te comove a obstinação do homem acorrentado à soleira  
Da porta, à espera de que o filho resplandeça  
Nas entranhas da Mamma e venha pulsar nos braços da luz.

Te comove a paz severa das casas onde a candeia  
Pastora a eternidade no quarto dos mortos.  
Te comovem os pequenos gestos das mãos  
Que se preparam frugalmente para os ritos do parto.

Te comove o Reno carregando o ataúde das estações  
Te comove a expectativa do homem calado  
Que vai contemplar o filho acabado de sair  
Do molde de plenitude e eternidade da placenta.

Teus versos deságuam às margens do Reno  
O Reno deságua no enigma dos teus versos.  
O Reno carrega tua infância de reminiscência e limo  
Para as solidões azuis do Mediterrâneo.

O Reno carrega a tua solidão nos ombros  
Carrega o pertil veloz dos corvos da Sicília.  
O Reno carrega as folhas encanecidas dos olivais  
Carrega a face obscura dos mortos pelas ruas de Palermo.

Teu verso obstinado é a presença de Luigi  
A presença do seu corpo, a presença dos seus passos  
Na treva, dos seus passos na solidão do quarto.  
Seu passos como punhais trespassando tuas entranhas.

Teu verso é o magnetismo de Luigi alargando o tempo  
Luigi se apoderando dos moldes de Deus  
Luigi urdindo a paz, modelando a argila do êxtase  
Mergulhando no Reno e se afogando na tua respiração.

Teu verso anda à procura de Luigi pelas ruas de Palermo  
Pergunta às estrelas conhecidas pela sombra de Luigi  
Pergunta ao vento e à lua pelas estradas solitárias de Luigi  
Pergunta à noite pela insônia dos olhos de Luigi.

Teu verso pergunta aos peixes dançarinos  
Pelas águas que se juntaram às mágoas de Luigi  
Pergunta às águas da fonte pela sede de Luigi  
Pergunta ao mar pela sereia que enfeitiçou Luigi.

## **THOMAS MERTON**

Para José Maia

Nas turbulentas águas do pecado  
por algum tempo sua alma andou flutuando  
como se pluma fosse de Satanás.  
Mas a infinita misericórdia de Deus  
mais invisível que a mais secreta estrela  
guiou os passos da ovelha extraviada  
para a fonte das águas tranqüilas  
na Montanha dos Sete Patamares.

Quando acabou de subir os sete degraus do espanto  
foi arrebatado para os cumes da paz  
pelos olhos da montanha, pelos seus mistérios  
e silêncios reverentes. As palavras  
da revelação lhe brotavam da boca  
como pássaros aturdidos pela chegada da primavera.

## SONETO DO REMORSO

Estes céus e crepúsculos de Homero  
erguidos sobre o instante do prodígio.  
O obscuro deus do sono e da vertigem  
o assombro e o girassol do desespero.

A lua, monja expulsa de algum claustro  
com seu fulgor de esfinge suicida.  
A hora inominada, hora esvaída  
das provações e do esplendor sem fausto.

Todas essas prendas são imoladas  
ao coração do poeta, no dorso  
ardente de cada palavra ou signo

com que nomeia as coisas reveladas.  
Sangra a alma como um pássaro insigne  
deslizando pelos céus do remorso.

## A MULHER DE URIAS

Reza a lenda que um rei do tempo antigo  
Viu a mulher de Urias se banhar.  
E que a nudez que lhe abrasava o olhar  
Para sempre o tivera comovido.

Dizem que alguma fada esteve ali  
Tecendo o ardil dessa visão suave.  
E enquanto Betsabéia se banhava  
Enfeitiçara os olhos de Davi.

Contam que o rei, cioso dessa prenda  
De amor que os pensamentos lhe incendeia,  
Mandou matar o infelizmente Urias.

Não vou contar o resto dessa lenda  
Pois todos sabem que a secreta idéia  
É mais real que a trama destes dias.

## QUANDO O HALLEY VOLTAR

Daqui a 76 anos  
o cometa de Halley  
completará novo giro  
em sua órbita magnética  
trespassada de estrelas fulgurantes.

Outros homens  
e outras mulheres  
de lunetas e binóculos  
tentarão decifrar o Halley  
em seu devaneio luminoso pelo céu.

Daqui a 76 anos  
quando o cometa de Halley  
regressar novamente  
estaremos todos mortos  
nalgum cemitério atômico.

## MEMORANDO

Não fiquem assim tão desapontados  
só porque o cometa de Halley não veio  
exibir a nossos olhos mortais as maravilhas  
de sua cabeleira gelatinosa de moléculas atômicas.

Guardem as suas lunetas e seus binóculos  
os seus instrumentos de precisão  
suas bússolas e os seus signos astronômicos.  
Guardem a ilusão do mito nas retinas.

Daqui a 76 anos o cometa de Halley voltará novamente  
como se fosse um anjo expulso do paraíso.  
Um mensageiro pontual despertando  
os mortos nos seus túmulos. . .

## SONETO DA NEUROSE URBANA

Cintilação de metais na alameda.  
Velocidades. Uivos de buzinas  
Apressadas. Velozes claridades  
De espelhos partidos. Cintilação

De metais na alameda. Ruídos ásperos  
De rolamentos que se atritam. Vozes  
Ríspidas de pessoas que praguejam.  
Música estridente de pneus no asfalto

Buzinas. Apitos. Buzinas. Bêbados  
Ao volante. Luz alta. Motor frio.  
Signos no ar. Sonhos na contramão.

Ignição zero. Fúria pornográfica.  
Hora de metamorfoses banais.  
Cintilação de espantos e metais.

## O POETA E SUA NATUREZA

Ser poeta é cavalgar  
o alazão doido do tempo.  
Domar a palavra  
como se fosse um reino.

Ser poeta é perseguir  
um anjo bêbado.  
Flutuar sobre as nuvens  
nos trapézios de Deus.

Ser poeta é partir  
quando tem de voltar.  
Repartir o arcano  
como se fosse um reino.

Ser poeta é ser  
límpido e cético  
como a água na pedra  
e o sol no zênite.

Ser poeta é carregar  
o espanto nos ombros.  
O espírito acordado  
como se fosse um reino.

## SONETO DE OUTUBRO

Miragens deste outubro sazonado  
Espigas desta espera luzidia.  
Meus dedos de profeta alucinado  
Enxugarão os olhos da agonia.

Libertarei o verbo amordaçado  
E acenderei o lumiar do dia.  
No peito e nos cabelos do afogado  
Vou desfolhar rosas de maresia.

Na espádua deste arcanjo sedutor  
Vou esculpir a insígnia do pecado.  
Rosa dos tempos, passa por Gomorra.

Um rei que vai morrer decapitado.  
Vou esquecer os olhos deste amor  
Para que deles viva e nunca morra.

## BALADA DO ESPANTALHO

Braços estendidos no meio da lavoura  
Calado fantoche de folhas de capim.  
Quando vejo o teu rosto pintado de azul  
Às vezes imagino que desdenhas de mim.

Nem chuva nem vento nem calor nem frio  
Nada te incomoda ou te dá farnesim.  
A solidão do teu sorriso enigmático  
Me leva a pensar que desdenhas de mim.

Corpo dilacerado pela fúria dos pardais  
Teu chapéu de palha, teu paletó de brim.  
Calado fantoche trespassado de estrelas  
Pelo resto da vida fica junto de mim.

Me protege e me ampara, ó pastor de espigas  
Com teu olhar senil de obscuro Serafim.  
Ó alma esguia e luminosa do espantalho  
Esta saudade enorme vai dar cabo de mim.

Tu me falas de paz entre ogivas atômicas  
Com teu jeito espectral de cômico arlequim.  
Onde quer que te encontres pastorando a infância  
O alma do espantalho, não te esqueças de mim.

Eu te amarei como um aceno de esperança  
Neste universo de pólvora e de estopim.  
Espírito incandescente do espantalho  
Meu tempo de esplendor está chegando ao fim.



## LIVRO III

---

*De vez em quando, os velhos armários estalam como ossos.*

*O sonho devora os sapatos, os pés da cama, o tempo.*

*Os verdadeiros poetas lêem os pequenos anúncios de jornais.*

*O Poeta, para entrar em contacto com os outros homens, põe-se a fazer poemas.*

*O poema é uma pedra no abismo.*

*Mário Quintana*

*Empedócles de Agrigento alude à alegria da esfera em sua solidão circular.*

*Cada um descubra sua alçaprema. Sua turbina. Saiba parafusar e desparafusar sua lira.*

*Delfos. O grande oliveiral apascenta os seus teoremas.*

*Durante a noite o Auriga delicado sai devagariño a controlar o sono dos cavalos.*

*Murilo Mendes*



## O PAÍS DO SER

*Para*

*Floriano Martins  
Yacilton Almeida  
Paschoal Motta*

1

Escuta as flautas  
da tarde, os dedos  
do vento nas cordas

secretas da água  
A voz antiga das árvores  
crescendo em liberdade.

Escuta o verso desenhado  
na pele da areia.  
A avena do ádvena.

2

Esta noite os cães  
lamberão as feridas  
das portas, o teu silêncio.

Esta noite os cães  
virão do mar com  
as suas línguas de sal

gotejando a maldição  
de Deus pelos caminhos.  
Esta noite os cães

dormirão nas catacumbas  
ensangüentadas  
de orvalho.

3

A nuvem, ave  
sobrevoa os pântanos  
desses seres sem luz

onde a fome deixou  
seu rastro  
como um vinco.

A morte, tigre  
sangrado pelos cães  
te morde para sempre

4

Será a brisa  
ou é Deus que te roça  
com a sua túnica

de espigas? Será  
o vento ou o morto  
que se aproxima

da porta? Será  
o fantasma do morto  
varando o tempo?

5

O verão se esparrama  
na terra com todos  
os seus gomos maduros

O verão de olhos  
dourados fitando  
as retinas de Deus.

O verão com seus  
pendões cristalinos  
roçando os altos cimos.

6

Cantar o amor.  
A febre esculpida  
na pele, a insígnia

e o cheiro do pecado.  
Cantar a volúpia  
das mãos seduzidas.

Cantar o bêbado  
escrevendo a parábola  
côos dias sinuosos.

7

Ergo a voz  
como se fosse um punhal.

Como se fosse foíce  
ergo a voz.

Ergo a voz  
como se fosse lâmina.

Como se fosse um cântico de espigas  
semeio a voz.

8

Segura com as mãos  
o que te resta  
de tempo e memória.

O ouro da vida  
se esvai entre os dedos.  
Pedra amordaçada.

Segura com as mãos  
o soluço trespassado  
na garganta.

A chama do devaneio  
e a chave do reino.

9

Este azul ébrio  
de fulgor, como  
se as plumas de Deus

ardessem nas alturas.  
Este azul tão  
calmo e tão límpido

flutuando sobre  
as nossas cabeças  
como um rio de espantos.

Este azul de caule  
erguido sobre  
o velocípede em chamas.

10

Chegará o dia  
em que só restará  
um nome.

A marca do enigma  
no pergaminho  
do lívido morto.

Só restará o sal  
da lágrima, o gosto  
de sangue da metáfora.

11

O vento dispersa  
o teu rosto.  
Dispersa o teu nome.

O vento dispersa  
tua fala, tua voz.  
Dispersa as rosas

do teu paladar.  
O vento se embriaga  
do próprio vinho.

130

12

Que importa a palavra?  
a palavra esfacelada  
como um hímen?

Que importa se  
te vestes de branco  
para as núpcias da morte?

Que importa se  
não foste convidado  
para a ceia?

Que importa se  
o linho da ceia  
está sujo de sangue?

13

Crescem os dias  
e o seu lenho de areia  
que se evapora.

Amo os dias e seus  
frutos ardendo  
na esfera sazoadada.

Os dias que vão  
celebrar no zênite  
as suas núpcias de fogo.

14

O crepúsculo arrasta  
pelo céu em chamas  
a túnica de um anjo.

Sangue e memória  
do crepúsculo.  
Punhal das águas

crispadas pela vertigem.  
Pelo vôo lívido  
do anjo da morte.

131

15

Perdi o molde da infância.  
A forma misteriosa  
da argila fugaz.

Perdi a reminiscência  
do anjo que me  
emprestou as asas.

Perdi o molde da face  
de Deus, correnteza  
dos espelhos.

16

Debaixo do viaduto  
dormem mendigos.  
Aqui as prostitutas

cultivam avidamente  
seu amor veloz.  
Cultivam a embriaguez

do devaneio, como  
se fosse uma papoula  
de fome tenaz.

17

O verão me entra  
pela porta dos sentidos.

O verão me embriaga  
como um jorro de vinho.

O verão me celebra  
com os seus violinos.

18

Cristal algum  
te revela  
a obscura face

132



da vertigem.  
O chão secreto  
do país do Ser.

Cristal algum  
resutui a transparência  
do morto.

19

Sei que o tempo  
consome os olhos  
do homem e da pedra.

Sei que um tempo  
de espadas metafísicas  
nos trespassa.

Sei que algum dia  
beberei o tempo  
numa taça de areia.

20

Eles não te darão trégua.  
Te seguirão pela rua  
como um cachorro

seduzido pelas moscas.  
Eles te decifrarão  
pela insígnia

do remorso.  
Te ajudarão a subir  
o último degrau da força.

21

Fiaja o que houver  
deixarás tua marca  
nas palavras.

133

Outros deixarão versos  
na pedra e no vento  
no muro derrubado

pela tempestade.  
Alguns apenas deixarão  
um gesto de adeus.

22

Flutuar no amor  
como num lençol ardente.

Adormecer no amor  
como nos braços do vinho.

Mergulhar no amor  
como num poço profundo.

23

Se o teu poema não for  
água cristalina para a sede

trigo para a ceia dos pobres  
vinho para as bodas da liberdade

nem caminho para a esperança  
nem signo da justiça

enterra esse defunto podre  
na cripta dos museus.

24

Os olhos dourados do vento  
te seguem pela estrada  
da servidão.

Os olhos crepusculares da morte  
te procuram na encruzilhada  
da agonia.

Os olhos taciturnos da cólera  
te assassinam num celeiro  
de espigas.

Os olhos irreverentes da amada  
te resgatam da embriaguez  
da utopia.

25

Quem te abriu as portas  
do país do ser?

Quem te ensinou a palavra  
chave secreta

das caladas portas  
do país do ser?

26

Por onde se vai  
ao castelo em chamas  
do país do ser?

Por onde se chega  
à torre submersa  
do país do ser?

Por onde se começa  
a escalada sombria  
do país do ser?

27

Nos cimos brancos da vertigem  
fica o país do ser.

Na ausência dos sentidos  
flutua o país do ser.

No coração da utopia  
mergulha o país do ser.

No centro da carne consumida  
arde o país do ser.

135

28

É preciso guardar o coração  
como se guarda a chave do reino.

É preciso preservar a liberdade  
como se preserva o cristal do hímen.

É preciso reverenciar o espanto  
como se reverencia a passagem do morto.

29

Como saber que não sou eu  
o marcado para morrer?

Como saber que não sou eu  
o culpado pela revolta dos anjos?

Como saber que não roubei  
o trigo dos meninos da África?

Como saber que não profanei  
os olhos e a boca da parábola?

Como saber que não me perdi  
no instante de me encontrar?

30

O inferno não são os olhos da fome.  
O inferno é escutar  
os sinos do remorso.

O inferno não é a servidão.  
O inferno é morrer acorrentado  
à liberdade.

O inferno não são os outros.  
O inferno é esperar  
que as portas se abram.

136

31

Agradece a Deus  
pelo devaneio  
que a cada momento  
te ressuscita dentre os mortos.

O coração te presenteia  
com uma alvorada de signos.

Mas a palavra não basta  
para te redimir do inferno.

32

Recebo a visita do poema  
de coração aberto.

Ele chega de repente  
no seu potro veloz.

Chega sem aviso  
e sem bater na porta.

Como a doce lembrança  
da amada morta.

33

Sou o malabarista  
que despencou do trapézio  
e foi vaiado  
pelas hienas do hábito.

Sou o prestidigitador  
que escorregou  
no arame da irreverência.

Sou o mágico voluntarioso  
que escondeu a alma  
dentro da cartola.

34

A esta hora o mar  
é um ancião que despenteia  
os cabelos de espuma.

A esta hora os peixes  
estão germinando  
nos olhos dos afogados.

A esta hora os barcos  
adormecem de braços  
nos braços das âncoras.

35

Algum dia as taças da fadiga  
se encherão de sarcasmo.

Algum dia começará  
o ritual das provações.

Algum dia perceberás  
que o mistério se propaga  
como a relva da irreverência  
cresce nos espelhos.

36

Está escrito na rocha  
que o destino se cumpre  
e que os homens não

se libertarão das consumições  
da morte. Está escrito  
nos livros de areia

do tempo que nada restará  
dos naufrágios da carne  
nos céus do apocalipse.

37

O vento silenciará.  
Silenciarão os campos semeados  
Já não haverá espigas  
no celeiro sem asas.

O sol tremerá de frio  
como um pássaro  
acabado de nascer.

O céu gritará bem alto.  
Cairão por terra  
os cedros corpulentos.

O universo atônito  
em combustão atômica.

38

O matador de touros  
flutua na ribalta  
como um dançarino louco.

Um dançarino ébrio  
de infinito e liberdade.  
Um dançarino suspenso  
no ar como a estrela da tarde.

O matador de touros.  
A morte  
cambaleia em sete miradouros.

39

O corpo da amada  
e as sete esculturas do espanto  
num santuário de fogo.

Corpo trespassado  
pelas lâminas do signo.

Corpo esvaído  
num bosque de palavras.

O tempo é um rio com seu anzol  
cravado no âmago da vida.

O tempo é um pássaro de olhar veloz  
como a irreverência de um menino.

O tempo é um pêssego sazonado  
que despencou das pálpebras de Deus.

O tempo é uma onda alucinada  
que se desfaz aos olhos da areia.

O tempo é a trama diversa da canção.  
Alegria e madrigal do persa.

## CANÇÃO DO ESPANTALHO

Sempre me comoveu o teu devaneio solar  
Sob a luz das estrelas longínquas ou quando  
Te consumias sob a eventualidade das estações.  
Teu corpo de fantoche oscilando fantasmagoricamente  
Aos caprichos da chuva e do vento.  
Sempre me comoveu o teu chapéu de palha  
Onde os pardais costumavam pousar todas as tardes  
Em suas revoadas repentinas sobre a lavoura.

Sempre me comoveu teu cômico paletó de casimira  
Constelado de remendos de madapolão.  
Sempre me comoveu teu vulto espectral sob a clamorosa  
Indiferença dos pássaros e do céu.  
Os pardais celebravam suas bodas em teus braços abertos  
O vento tocava violino em teus cabelos  
As abelhas ensopavam de mel as tuas pestanas  
A chuva te alagava o corpo magro de talos de capim  
Teu velho corpo enrugado de ancestral  
Que foi deserdado de todos os seus descendentes.



Sempre me comoveu a tua solidão patética  
Ó pastor de espigas maduras  
E das nossas esperanças sazoadas.  
Sempre me comoveu a tua fala de gestos calados  
A cicatriz sangrando no peito  
A ferida aberta no lugar do coração.  
Sempre me comoveu o teu pálido corpo ressuscitado  
Todas as manhãs pelos clarins do sol.

Sempre me comoveu o teu silêncio crepuscular  
Teus olhos de menino estrábico sempre me comoveram  
Olhos que transbordavam duma paz sobrenatural.  
O que mais me impressionava era tua gravata amarela  
De listras vermelhas, a tua gravata descomunal.  
A tua gravata que oscilava com o vento  
Como o estandarte de algum veleiro medieval.

## SONETO DA OFERENDA

O infinito céu e o infinito mar  
E a escarpa que esbraveja sem cessar.  
O pássaro trespassado no ar  
E a nuvem que se cansou de passar.

O sangue do cabrito no alguidar  
E os sinos da páscoa que vão repicar.  
A insígnia do profeta popular  
Esculpida na rocha milenar.

Gaivotas em devaneio solar  
As vides que se espremem no lagar  
Baladas de argonautas ao luar.

Esta canção, rosa no lumiar  
O infinito céu e o infinito mar.  
Tudo, meu amor, para te ofertar.

## **HORÓSCOPO**

Os nascidos em janeiro  
serão afortunados o ano inteiro.

Os nascidos em fevereiro  
conhecem as mutações do tempo pelo cheiro.

Os nascidos em março  
podem ser trespassados por um balaço.

Os nascidos em abril  
são hábeis no manejo do fuzil.

Os nascidos em maio  
estão sujeitos à síndrome do desmaio.

Os nascidos em junho  
cuidado com o amor e o seu testemunho

Os nascidos em julho  
ouro no cofre e trigo no bandulho.

Os nascidos em agosto  
não se deixem consumir pelo desgosto.

Os nascidos em setembro  
preferem o odor da rosa ao do loendro.

Os nascidos em outubro  
serão sanguíneos como o vinho rubro.

Os nascidos em novembro  
são do signo de Escorpião? Não me lembro.

Os nascidos em dezembro  
têm inclinações eróticas? Nem sempre.

## CANÇÃO PARA SANTA TERESA

Teresinha de Jesus  
Bendita Santa Teresa!  
Dos teus olhos brota a luz  
De uma singular beleza.

Beleza que vem da alma  
De forma tão sedutora  
Tão profundamente calma  
Como a de Nossa Senhora.

Divina Santa Teresa  
Princesa das Carmelitas.  
Tu me ensina a profundidade  
Das verdades infinitas.

Me ampara, todos os dias  
Teresa do Deus Menino  
Por entre as vagas sombrias  
Do negro mar do destino.

Me ensina, ó Santa preclara  
Consumida de esplendor  
Como é que a gente sara  
Estas feridas do amor.

## CANÇÃO DA ANDORINHA

Uma andorinha incendeia o céu  
com o seu olhar veloz.  
Uma andorinha descreve  
parábolas sobre o mar.

Uma andorinha semeia  
recordações no ar.  
Uma andorinha dançarina  
flutua entre arcanjos assustados.

Uma andorinha atravessa  
os vitrais da abadia.  
Uma andorinha pastoreia  
os fantasmas da catedral.

Uma andorinha devaneia  
nas barbas de Deus.  
Uma andorinha espectral  
como a túnica de um rei.

Uma andorinha desfolhada  
pelos dedos da tarde azul.  
Musical como um verso  
de Mário Quintana.

## **AS SERVENTIAS DO AMOR**

Ama-se para que a semente germine  
Ama-se para que o trigo amadureça  
Ama-se para que os pássaros cantem  
Ama-se para que a liberdade não seja um mito.

Ama-se para que o mar adormeça na areia  
Ama-se para que a alma não sangre  
Ama-se para que a luz resplandeça no pântano  
Ama-se para que as feridas cicatrizem.

Ama-se para que os pobres sejam saciados  
Ama-se para que a justiça seja como um bálsamo  
Ama-se para que haja silêncio nas hierarquias do céu  
Ama-se para que não haja deserdados na terra.

Ama-se para que cesse a madrugada atômica  
Ama-se para que o vinho da cólera não nos embriague  
Ama-se para que o homem não morra de solidão  
Ama-se para que Deus se apiede de nós.

## **DIÁRIO SENTIMENTAL DUM CÍNICO**

Domingo

as folhas das árvores da alameda estão caindo

Segunda

passsei o dia mergulhado numa indolência profunda

Terça  
comprei ao árabe da esquina a imitação dum tapete persa

Quarta  
acariciei a nuca de Luana e os seios de Marta

Quinta  
tive um encontro com Laura e sete orgasmos com Jacinta

Sexta  
aprendi que o melhor do amor é no final da festa

Sábado  
tomei um porre de vodca por causa de Érica. Tudo acabado.

## LITURGIA DA PEDRA

corpo de pedra  
alma de pedra  
nervo de pedra  
sexo de pedra.

lua de pedra  
vento de pedra  
água de pedra  
chuva de pedra.

cristo de pedra  
anjo de pedra  
porta de pedra  
pórtico de pedra.

nave de pedra  
cripta de pedra  
rima de pedra  
Roma de pedra.

morto de pedra  
tumba de pedra  
rosa de pedra  
sono de pedra.

## OLARIA

Desta pedra faço o corpo  
e a crina dos elementos.  
Faço a chuva e faço o fogo  
faço as estações do tempo.

Desta pedra faço a água  
desta pedra faço o vento

Desta pedra faço a foice  
faço o cabo do punhal  
faço a porta do prodígio  
e os sete arcanjos do umbral.

Desta pedra faço o pórtico  
do império de Portugal.

Desta pedra faço a bússola  
o epitáfio e a oferenda.  
Desta pedra faço a insígnia  
sobre a frente do poema.

Desta pedra faço o cântico  
desta pedra faço a lenda.

Desta pedra faço um hino  
para o bardo dos hebreus.  
Desta pedra faço um seio  
e entro no reino dos céus.

Desta pedra nasce um homem  
desta pedra nasce um Deus.

## CONJUGAÇÃO DA PEDRA

A pedra na diáspora do corpo  
A pedra na essência do espírito  
A pedra no âmago da alma  
A pedra no emblema da ágora.

A pedra no cerne do agora  
A pedra no arquétipo da pérola  
A pedra no cântaro de água  
A pedra na ânfora de vinho.

A pedra na lâmina do punhal  
A pedra no vértice do tempo  
A pedra no túmulo da infanta  
A pedra no pórtico da pirâmide.

A pedra no êxtase da carne  
A pedra no teorema de Pitágoras  
A pedra na correnteza da morte  
A pedra no signo de Deus.

## MARINHA

O céu infinito e o infinito mar  
A embriaguez e o candelabro das areias  
O vento desfolhando asas  
Pássaros que se incendeiam nas alturas  
Corpos que se equilibram na palpitação das vagas  
Braços que se acariciam  
Bocas que se amam  
Murmúrios que se prolongam para além da voz  
Silêncios que perduram no ar.

O céu infinito e o infinito mar  
A música das dunas  
O perfil dos navios varando a tarde que recende  
A flores desbotadas  
A espuma das ondas odoríferas como o vinho dos deuses  
A solidão crescendo  
A noite veloz arrastando a túnica em chamas  
Sobre as escadarias do mar.

O céu infinito e o infinito mar  
A estrela inominada no firmamento azul  
E tu, Amada, domadora de procelas e temporais  
Bela como um pássaro que vai alçar vôo.

## CANÇÃO MARINHEIRA

Para onde vai o mar  
em seu galope azul?  
— Vai para o Norte  
ou vai para o Sul?

Vai para o Egito  
ou para Stambul?  
— Vai para o Norte  
ou vai para o Sul?

Para onde vai o mar  
nessa agonia homérica?  
— Vai para Guernica  
ou vai para a América?

Para onde vai o mar  
em seu alazão veloz  
— Vai desaguar no rio  
que passa dentro de nós?

O mar acorrentado  
em perpétuas grades.  
— Vai para o firmamento  
ou para a eternidade?

## EPITÁFIO

Faca sobre faca  
sonho sobre sonho  
pedra sobre pedra

grito sobre grito  
fúria sobre fúria  
pedra sobre pedra

canto sobre canto  
fala sobre fala  
pedra sobre pedra



átomo sobre átomo  
sangue sobre sangue  
pedra sobre pedra

vaga sobre vaga  
viga sobre viga  
pedra sobre pedra

vento sobre vento  
cinza sobre cinza  
pedra sobre pedra.

## **ELEGIA DE CANOA QUEBRADA**

Ao poeta Latuf Mucci

Vento na vela da jangada  
Lua trespassada na nuca  
Água de coco na cuca.

Devaneio de maré na praia  
Sortilégio de sereia caduca  
Água de coco na cuca.

Nudez gotejante de moça  
Rosa envidraçada na estufa  
Água de coco na cuca.

Crepúsculo de gaivotas que partem  
Deixando esta saudade maluca.  
Água de coco na cuca.

## **SONETO MEMORIAL**

Sou parte deste tempo e deste assombro  
Sou parte desta rosa e deste espinho  
Sou parte deste sangue do teu ombro  
Derramado na túnica de linho.

Sou parte desta espuma e desta vaga  
Sou parte deste vinho e desta ceia  
Sou parte do mistério que se indaga  
Sou parte deste arcano que incendeia.

Sou parte deste fogo e deste vento  
Sou parte deste corpo e deste espírito  
Sou parte desta água e deste cântaro.

Sou parte deste rio e deste pântano  
Sou parte deste arquétipo infinito  
Ferido pelo assombro deste tempo.

## POEMA DOS SIGNOS

Onde repousar a cabeça  
    esmagada pelo sonho desfeito?  
Onde ouvir a fala do coração  
    dilacerado pela desesperança?

Onde esconder as mãos  
    ulceradas pela nebulosa atômica?  
Onde agasalhar os olhos  
    vazados pela âncora do adeus?

Onde repartir o corpo sazonado?  
    Onde escapar ao anzol  
do tempo? ao punhal da utopia?  
    ao devaneio de Lúcifer?

Onde ressuscitar a alma?  
    Onde escrever os passos do homem?  
Onde enterrar os ossos da ira?  
    Onde achar as chaves do reino?

Onde repousar a cabeça  
    ensangüentada de luas?  
Onde aprender os signos de Deus  
    boiando no teu remorso?

## ODE POLISSÊMICA

Desço ao fundo do tempo  
desço ao salitre da memória  
desço aos labirintos ou infância  
desço ao velocípede em chamas.

Desço ao apocalipse da água  
desço ao abismo da âncora  
desço à morada do vento  
desço ao reino do espírito.

Desço à escória do Éden  
desço aos subterrâneos da fala  
desço ao mirante da insônia  
desço ao âmago da lágrima.

Desço à raiz da metáfora  
desço à enxovia da liberdade  
desço à plenitude do Ser  
desço ao limbo da esperança.

Desço à encruzilhada da agonia  
desço ao santuário da cólera  
desço à borra do sonho  
desço à rosa de fogo do átomo.

## **CÂNTICO DA AEROMOÇA**

Aeromoça aeromenina  
Pássaro indomável das alturas  
Tua mansidão clareia as trevas incorpóreas  
Teu sorriso equilibra a aeronave nas entranhas do céu.

Tua insustentável leveza de pluma  
Flutua na imponderabilidade dos meridianos  
Levitas entre nossos corpos mortais  
Acima do medo e do estupor  
Da relatividade das sensações  
Do suor e da agonia  
Das turbulências do corpo e da alma.

O Air-Bus vertiginoso como o albatroz  
Pastor das nuvens do céu  
A morte passeia nas alturas  
Chega até nós o calafrio dos seus violinos  
Um anjo governa a nossa respiração  
Seu hálito ardente nos pastoreia  
Seus passos alados parecem boiar na superfície de Deus.

Me dá tua mão, pastora de relâmpagos  
Me dá teu passaporte de esperança esculpido nas estrelas  
Me dá teu pulso magnético  
Me dá teu seio e o leite metafísico  
Me dá tua paciência veloz  
Me dá teu devaneio de cristal  
Me dá a rosa-dos-ventos dos teus sete sentidos  
Me dá teu olho tríplice  
Me dá as palavras rituais do teu vocabulário secreto  
Me dá teu cio do céu.

Aeromoça  
Aeromenina  
Aeromusa  
Aeropastora  
Aerodeusa  
Aeroprofetisa  
Aeronáiade  
Aerofada  
Aeroprincesa  
Aeroinfanta  
Aeronamorada  
Aeroamante  
Aerovirgem  
Aerodonzela  
Aeroputa  
Aerovirago  
Aeroadolescente  
Aerovulgívaga  
Aerolésbica  
Aeroandrógena  
Aeromadona  
Aerolady  
Aeronãoseioquê.

## **CÂNTICO DA PEDRA**

Sou pedra para o sino  
sou pedra para a porta  
sou pedra para a catedral  
sou pedra para o pórtico.

Sou pedra para o reino  
sou pedra para a cantaria  
sou pedra para a água  
sou pedra para o túmulo.

Sou pedra para o arco  
sou pedra para o pântano  
sou pedra para a chuva  
sou pedra para o relâmpago.

Sou pedra para a legenda  
Sou pedra para o epitáfio  
sou pedra para o obelisco  
sou pedra para a liberdade.

Sou pedra para o vento  
sou pedra para a profecia  
sou pedra para a memória  
sou pedra para a eternidade.

## **BARCO DO CORPO**

Corpo de pedra  
escória e vertigem  
nau naufragada  
no mar infinito.

Corpo sem rumo  
gaivota náutica  
pássaro de salitre.

Corpo de onda trespassada  
pelo cío do mar.

## **CANÇÃO DO AIRBUS**

Vou voar num Airbus  
Pra Belém do Pará.  
Voar por dentro do céu  
Voar por cima do mar.

Vou pra Belém do Pará  
Não sei se volto de lá.  
Vou pra Belém num Airbus  
Que passa no Ceará.

Vou embarcar num Airbus  
Rumo a Belém do Pará.  
Vou por dentro do céu  
Volto por cima do mar.

## **JOGO DE PALAVRAS**

o que é do homem  
o bicho come.

o que é da moça  
fica mais doce.

o que é da virgem  
me dá vertigem.

o que é da viúva  
se molha na chuva.

o que é da mulher  
todo mundo quer.

o que é da solteira  
arde na fogueira.

o que é da loura  
são seios de moura.

o que é da donzela  
recende a canela.

o que é da morena  
recende a verbena.

o que é da fidalga  
apodrece na água.

o que é da beleza  
vai na correnteza.

## **MÃO**

Mão que semeia o trigo  
nos latifúndios do patrão.  
Mão que pranteia os mortos  
e segura as alças do caixão.

Mão que acende a candeia  
para alumiar a suíua.  
Mão que debulha as espigas  
e morre à míngua de pão.

Mão que explora os deserdados  
e acredita na ressurreição.  
Mão que semeia a esperança  
e escreve os versos da canção.

Mão que se alimenta do sangue  
e dos olhos da inanição.  
Mão que semeia tempestade  
e colhe os frutos da maldição.

Mão que escreve os artigos  
do código da prevaricação  
Mão que só tem direito  
aos frutos podres da estação.

Mão que atravessa o arco-íris  
no seu cavalo alazão.  
Mão que deflora as donzelas  
com fôlego de garanhão.

Mão que assassina o inocente  
sem nunca pedir perdão.  
Mão que exporta a nossa agonia  
para a terra da promessa.

## **VAI RUTE AOS CAMPOS DE BOOZ**

Vai Rute aos campos de Booz  
respiçar trigo e centeio.  
Vai atrás dos segadores  
recolher trigo no seio.

Vai atrás dos segadores  
recolher trigo e cevada.  
Vai aos campos de centeio  
só pensando em ser amada.

Enquanto apanha as espigas  
que sobram do segador  
os olhos da moabita  
são ceifados pelo amor.

Os olhos da moabita  
são doces como sua voz.  
Ceifador, ceifa as pestanas  
da namorada de Booz.

Ceifa as espigas maduras  
com teu alfange veloz  
para que Rute as recolha  
com os suspiros de Booz.

Aonde vais, ó moabita  
com teu selo a palpitar?  
Tu vais aos campos de Booz  
aprender a joeirar?

Vais recolher as espigas  
que sobram do segador?  
Ou vais aos campos de Booz  
ceifar o trigo do amor?

## **JUÍZO FINAL**

Os vizinhos não dormem  
os olhos dos vizinhos são frios como punhais  
os vizinhos te perseguem com os olhos  
te perseguem com a ponta do nariz  
os vizinhos te odeiam  
os sonhos dos vizinhos te perturbam  
os seus pesadelos atravessam as paredes do teu quarto  
os vizinhos discutem política e bebem vodca  
algumas vezes se dilaceram mutuamente.



Os vizinhos não dormem  
os vizinhos levitam como bêbados  
os olhos dos vizinhos praguejam na escuridão  
de noite escutas o orgasmo dos vizinhos  
o amor dos vizinhos é áspero como o amor dos gatos  
a música dos vizinhos toma barbitúricos  
para continuar acordada.

Os vizinhos não dormem  
os olhos dos vizinhos tropeçam na escuridão  
ouço o ranger da insônia dos vizinhos  
noite a dentro os vizinhos dão de mamar à utopia  
a nudez dos vizinhos flutua na superfície dos espelhos  
os vizinhos regem uma sinfonia de cólera  
as almas dos vizinhos vão à pia despejar seu vômito  
os vizinhos descobriram que a dignidade  
é uma mulher que perdeu o hímen.

Os vizinhos não dormem  
os vizinhos galopam num devaneio obsceno.  
De repente soa a hora do Juízo Final.  
Os vizinhos são acusados pelo vingador.  
Há choro e ranger de dentes.

## **SONETO DE GRANADA**

Rosa acordada, uma canção de Lorca  
Clareia sonolentos miradouros.  
De repente o crepúsculo dos touros  
Enche de augúrios a alameda morta.

Na noite escura não se ouve um banjo  
Celebrando as estrelas sossegadas.  
Apenas vão brotando das calçadas  
Os passos compassados da falange.

O imolado partiu na noite calma  
Cercada de fuzis e baionetas  
Quando os astros o olhavam da montanha.

Madrugada de sangue e de violetas.  
Pelos confins da servidão de Espanha  
Ronda o fantasma de Bernarda Alba.

## RIO DE HERÁCLITO

Não cessas de correr, rio de Heráclito.  
Vão-se as águas no leito desse rio  
Em que não nos molhamos duas vezes  
Porque somos mutáveis. E esse hábito.

Nos confunde com a imagem desse rio  
Incessante como a utopia eterna  
Do tempo. Ou como as nuvens no seu leito  
De cristal deslizando para o estio.

Essas águas que correm nesse leito  
De limo vão desaguar na memória  
Dos homens, ou nessas praias do adeus.  
Ó águas do prodígio em nosso peito

Como se fossem chamas se esvaindo  
Pelos olhos acesos do Paráclito.  
Nas fulgurantes veias da matéria  
Não cessas de correr, rio de Heráclito.

## SEGUNDO POEMA DA AEROMOÇA

Leve como pluma  
paira no ar.  
É anjo, é pássaro?  
— É a aeromoça.

Quem nos equilibra  
sobre as paragens  
do devaneio?  
— A aeromoça.

Quem nos acompanha  
quando mastigamos  
a ceia da vertigem?  
— A aeromoça.

Quem guia o Air-Bus  
como se fosse  
domadora de relâmpagos?  
— A aeromoça.

Quem nos ampara  
quando resvalamos  
na eternidade?

— A aeromoça.

Quem nos conduz  
pela mão  
outra vez meninos?

— A aeromoça.

Quem nos enxuga  
o suor gelado  
do medo da morte?

— A aeromoça.

Quem nos faz esquecer  
do mergulho  
na noite profunda?

— A aeromoça.

Quem transforma  
os nossos problemas  
em brinquedos mágicos?

— A aeromoça.

Quem passela conosco  
no alazão veloz  
de crinas de átomo?

— A aeromoça.

Quem nos bolina com os olhos  
como se fôssemos  
amantes eternos?

— A aeromoça.

Quem se deita conosco  
quando agonizamos  
sobre o Atlântico?

— A aeromoça.

Quem nos ajuda  
a transpor o umbral  
sujo de vômito?

— A aeromoça.

Leve como pluma  
paira no ar  
constelado de dúvidas.  
— É a aeromoça.

## POEMA DA ASSIMETRIA

o pássaro no píncaro  
o mármore na lápide  
o óbito na órbita  
o índigo na túnica

o líquido no sólido  
o mágico no pégaso  
a música no póstumo  
o arúspice no pélagos

o áspero no cítrico  
o príncipe na alfândega  
o pênfigo no pêssego  
o vômito na ânfora

a cânfora no cântaro  
a rêmora no pântano  
o láudano na xícara  
o êmbolo no pêndulo

o rábula no código  
o êxtase no lêvedo  
a tâmara no túmulo  
o sátrapa na ágora

o sátiro no pífaros  
a âncora no Tâmisas  
o árquede no arquipélagos  
a lâmpada no pórticos.

## SONETO DO ABUTRE

A quem brindar a taça desta ira?  
Que fazer desta morte que se nutre  
Da carne? desta solidão de abutre  
Que dilacera entranhas de safira?

Que fazer deste enigma que se estira  
Como pele de sapo em minha sombra?  
Desta pompa dos ritos da mentira  
E dos olhos satânicos da pomba

Da inanição, varados pela bomba?  
Que fazer desta rosa e deste espinho?  
Deste morto ancorado nesta onda?

Que fazer desta nau que se arredonda  
No ventre da mulher, devagarinho?  
Desta paz que incendeia este andorinho?

## **CANÇÃO MARÍTIMA**

Tu vais partir para o mar  
Teus caminhos acabam sempre no mar  
Teus enigmas são profundos  
Como os enigmas do mar.

Teus olhos são verdes como os olhos  
Dos cardumes do mar.  
Teu sexo é uma concha de coral  
Onde a volúpia adormece.

Teu umbigo é uma taça de ópio  
Olho insone do êxtase.  
Teus cabelos, o eterno devaneio  
das espumas do mar.

Tu vais partir para o mar  
Tu és o mar cercado de hierarquias  
O mar com seus pastoreios  
E suas reminiscências dilaceradas.

## **OUTDOOR N.º 3**

Vamos ao parque dialogar com as árvores  
vamos ao Zoológico confraternizar com as feras  
vamos ao mar fazer castelos de areia  
vamos à igreja rezar pelos sobreviventes atômicos

vamos à floresta celebrar as bodas dos pássaros  
vamos ao campo escutar o balido das ovelhas  
vamos estudar geometria com as aranhas  
vamos ao serpentário aprender o teorema de Pitágoras  
vamos à megalópole morrer de solidão.

## **OUTDOOR**

Qualquer dia seremos dizimados pelo cavalo atômico.  
Que restará do homem e de sua memória lunar?  
As asas do Enola Gay despedaçarão os meridianos  
E mergulharão de uma vez nas profundezas do mar.

Qualquer dia seremos degolados pela cólera dos deuses  
Afrontaremos o sol e o magnetismo da Ursa Maior.  
Qualquer dia seremos convertidos em vertigem de areia  
Em nuvem de hidrogênio ou pássaro do estupor.

## **EXERCÍCIOS POÉTICOS**

Eu me perdi na rota das luas  
onde os rouxinóis sangram.

Me extraviei às portas  
do tempo e do templo.

Os meus olhos foram desterrados  
nas praias da insônia.

Asas do mar alçam vôo  
para o crepúsculo das gaivotas.

Os teus seios são pássaros  
de palpebras de fogo

O quasar despencou das alturas  
como um pêssego podre.

O anjo veio do arco-íris  
num centauro azul.

As nuvens foram dilaceradas  
pelos dedos do átomo.

O céu pousou mais o pássaro  
nos fios da rede elétrica.

O amor é a mais utópica  
de todas as utopias.

A árvore flutua no céu  
suspensa das raízes

A mentira põe os seus ovos  
na boca do homem.

O vento é a plumagem branca  
da eternidade negra.

O gato voa para o céu  
num salto metafísico.

O cavalo pasta a memória  
dos campos que já foram verdes.

O poder é um salto de vidro  
num trapézio de cristal.

Semeio o centeio da paz  
mas só ceifo o trigo da cólera.

O devaneio anda a cavalo  
num alazão de areia.

O teu paladar reverdece  
à hora da ceia.

Vais para a cama sem saber  
que o mito te acompanha.

O poder troca a face vã  
pela cauda dourada de Satã.

Os pardais brincam de ciranda  
enquanto a tarde sangra.

O barco agasalha a anca  
nos braços da âncora.

Plantação de trigo  
reluz o mar em azul de índigo.

Na crista da escarpa  
o rastro da onda deixa a sua marca.

## **OUTDOOR**

Seria preciso regressar entre um pássaro e outro pássaro  
seria preciso não dormir entre uma noite e outra noite  
seria preciso ressuscitar entre uma morte e outra morte  
seria preciso sorrir entre uma lágrima e outra lágrima  
seria preciso flutuar entre um abismo e outro abismo  
seria preciso resgatar o amor entre uma rosa e outra rosa  
seria preciso semear entre uma bomba e outra bomba  
seria preciso fingir entre uma lei e outra lei  
seria preciso que a liberdade tivesse nervos de aço  
seria preciso que todos os homens do mundo se dessem as mãos  
numa ciranda interminável de amor e de paz.

## **PÁRIA**

Estou parado às portas da parábola  
à procura do poema prometido.

Passei pelo portal dos pósteros  
premeditei o punhal do prodígio.

Passeio no proscênio com o profeta  
que profere a palavra primordial.

Persigo as pegadas do pária primitivo  
que pervagou as plagas da parca.



## A TESTEMUNHA

Já não me agrada  
ser testemunha do vento.  
Já não me agrada semear palavras  
no coração vazio.  
Já não me agrada pregar no deserto  
já não me agrada equilibrar  
a alma no trapézio.  
Já não me agrada acordar  
sem esperança.  
Já não me agrada tanger o gado da simetria.

## RETRATO DO ARTISTA QUANDO VELHO

Acreditou que o presente era o passado  
e que o futuro era um castelo azul.  
Foi a passeio num país encantado  
e esqueceu a memória no baú.

## SERPENTE

A serpente se estira como se fosse trespassar  
a noite com a flecha do seu bailado veloz.  
A cauda flexível do réptil desenha espirais na areia  
e devaneia na escuridão com seus olhos de ópio.

## ÉDEN

Na selva dos teus seios  
meu grito de pária se perde.  
Nas ondas de espuma do teu ventre  
meu orgulho meu corpo de âncora.  
Na escuridão dos teus cabelos  
minha alma de nômade devaneia.  
Na nudez de messe pendoada  
me abre as portas do éden.

## FEIRA FEÉRICA

Vou comprar maçãs histriônicas  
pêssegos e alfaces atômicas.

Vou comprar cachos de vísceras  
do touro Ápis, abóboras e alvissaras.

Vou comprar peixes elétricos  
e hipopótamos peripatéticos.

Vou comprar beterrabas pacíficas  
utopias amargas e verdades insípidas.

Vou comprar a essência do espírito  
da coisa e uma rosa de acrílico.

Vou comprar raciocínios matemáticos  
dentadura e sexo de plástico.

Vou comprar devaneios químicos  
e o Tratado Elementar dos Cínicos.

Vou comprar vodcas e lêvedos  
e a leviandade sentimental dos bêbados.

Vou comprar esperança para o povo raquítico  
seu trigo de sangue e seu gado mítico.

Vou comprar o punhal da cólera  
para expulsar os fantasmas da ópera

## LAVOURA

Outros virão regar essa lavoura  
Da cólera. Essa metáfora hostil  
Do epitáfio esculpido em teu perfil  
De mármore azul, pedra sonhadora.

Outros virão dos píncaros ardentes  
Do sonho mais ousado, enquanto outros  
Chegarão galopando nos seus potros  
De vento e chuva e crinas reluzentes.

Outros virão das entranhas do mar  
Com seus navios cheios de luxúria  
Eússolas, portulanos, maresias.

Outros virão com a túnica solar  
Dos deuses trespassados pela fúria.  
Outros virão para ceifar os dias.

## SONETO DA PEDRA

Pedra do calvário, pedra espectral.  
Pedra do sepulcro, pedra do Horto.  
Pedra da lápide, pedra do pórtico  
Pedra de mármore, pedra de cristal.

Pedra do altar, pedra de cantaria  
Pedra-sabão, pedra filosofal.  
Pedra de brunir, pedra de amolar  
Punhais, pedra-de-mão, pedra da agonia.

Pedra de toque, pedra fundamental.  
Pedra da tumba, pedra do epitáfio  
Pedra no caminho, pedra no sapato.

Pedra refratária, pedra-de-raio.  
Pedra da expiação, onde o anjo insone  
Chorou a derrocada de Sodoma.

## TERRA DA PROMISSÃO

Onde fica a terra da promessa  
que não sei onde é?  
onde fica essa coisa rica?  
essa paragem mítica?  
esse devaneio de pobre?  
essa miragem de alucinação?

Onde fica a terra da promessa?

Onde fica esse reino  
cercado de ostentação?  
onde fica esse latifúndio  
enfeitado com penas de pavão?  
onde fica essa Pasárgada  
que não sei onde é?

Onde fica a terra da promessa?

Onde fica essa terra de fartura?  
de trigo, leite e mel?  
onde fica esse país hermético?  
fica no teu coração?  
onde fica essa coisa rica  
que não sei onde é?

Onde fica a terra da promessa?

Onde fica essa coisa rica?  
essa enganosa invenção?  
fica no canto do pássaro  
ou no verso da canção?  
onde é que fica essa mina  
que não queima a minha mão?

Onde fica a terra da promessa?

## **ESTUDO SOBRE A ALMA**

Te carrego nas entranhas  
como um cão uivando.  
Um cão dilacerando  
a memória.

Te carrego nas entranhas  
como se levasse uma  
labareda de relâmpago  
se esvaindo.

Te carrego nas entranhas  
como se agasalhasse  
um pássaro banido  
do céu.

Te carrego nas entranhas  
como se tivesse medo  
aos olhos de areia  
da eternidade.

## **ALMA**

Corda primogênita  
do alaúde de Deus.

Cadela de cio secreto.  
Vertigem das alturas.

Pássaro se esvaindo  
nas esferas. Raiz

do corpo rodopiando  
em orgias de pó.

Alma. Cicatriz  
dilacerada pela dúvida.

Argila do anseio  
reinventando o vazio.

Rosa do pântano.  
Te carrego nas entranhas.

## **POEMA DA CRIAÇÃO**

Cria o vento e suas leis  
cria o fogo  
cria a palavra consumida pelo fogo  
cria os rituais do fogo  
cria a hierarquia das labaredas do fogo  
cria o mar para o apascentar.

Cria as vertentes do fogo  
cria os parâmetros do fogo  
cria as metáforas ressuscitadas pelo fogo  
cria as consumações do fogo  
cria os universos que faíscam nas retinas do fogo  
cria o mar para o embalar.

Cria a tua própria criação  
cria o vento e suas leis  
cria o tijolo e a pedra e a água  
cria o espaço para a ressurreição dos mortos  
cria uma urna de cristal para o amor  
cria o mar para o reverenciar.

Cria os movimentos do dia  
cria as palpitações da noite  
cria o olfato e a voz  
cria as alucinações do paladar  
cria o paraíso utópico dos sentidos  
cria um deus para o amor  
cria o mar para o consolar.

Cria o vento e suas leis  
cria o silêncio ao redor do amor  
cria o mar para o ressuscitar.

## **POEMA DA CONFIDÊNCIA**

Te amei com todas as estações da minha alegria  
te amei com desatino e irreverência  
te amei com raiva  
te amei com a impaciência de um menino  
te amei com solidão nos olhos  
te amei com a lua trespassada nos cabelos  
te amei com pressa e medo  
te amei como se o mundo fosse acabar para sempre  
te amei com sete punhais cravados no peito  
te amei com sete idolatrias no coração  
te amei como a loba ama a sua cria  
te amei com a luminosidade do remorso  
te amei no lugar da travessia  
te amei na encruzilhada da memória  
te amei no pólen da flor  
te amei na palpitação das colmeias  
te amei na chuva e no vento  
te amei no céu e no mar  
te amei na correnteza dos rios  
te amei na respiração das messes pendoadas  
te amei com a paciência dos mendigos  
te amei com a voz em pânico

te amei com as mãos em súplica  
te amei com a reminiscência dos ancestrais  
te amei com a fortaleza erguida  
te amei com a alma em chamas  
te amei escutando a música das artérias  
te amei com todos os exércitos do meu corpo  
te amei com a volúpia dos touros  
te amei com a heterogeneidade dos sentidos  
te amei com o espírito acordado  
te amei com todos os desejos em liberdade  
te amei veloz, como se tivéssemos  
um encontro marcado com a bomba atômica.

## ELEGIA DA PROCURA

Te procuro nas ondas, na areia  
do mar onde a espuma esquecida devaneia.  
Te procuro na palpitação das praças  
e no orvalho do céu que incendeia as vidraças.  
Te procuro no equinócio dos rios  
e na solidão dos tombadilhos dos navios. ,  
Te procuro na esperança e no anseio  
de liberdade. Te procuro no meio  
da noite orbital, nos olhos de safira  
da escuridão e na luminosidade que delira.  
Te procuro entre hipocampos azuis  
na rota dos pardais e no devaneio da luz.  
Te procuro no veio água sonolento  
que atravessa a floresta embalado pelo vento.  
Te procuro em cada pedra acordada  
que te viu passar, pássaro da madrugada.  
Te procuro na maçaneta das portas  
e no vento que desfolha as amadas mortas.

## CANÇÃO DA PROCURA

Te procuro nas ondas  
e na areia do mar  
te procuro na espuma  
te procuro no ar.

Te procuro nas ruas  
por onde vais passar  
te procuro nos olhos  
das ondas do mar.

Te procuro nos barcos  
que vão navegar  
te procuro nas conchas  
do fundo do mar.

Te procuro no veio  
que se põe a cantar  
te procuro nas verdes  
pedrarias do mar.

te procuro no espelho  
te procuro no altar  
te procuro no espanto  
da sereia do mar.

## **POEMA**

Sempre haverá uma procissão de pobres  
para testemunhar  
os crimes do poder.

Sempre haverá uma porta escancarada  
por onde a esperança  
não entrará de muletas.

Sempre haverá um sino pendurado no vento.  
Um sino despetalado no ar  
pelas andorinhas.

Sempre haverá um bêbado a caminho  
da serenata que não houve  
para a namorada que não veio.

Sempre haverá um rio correndo para o mar.  
Um rio que vai desaguar  
nas profundezas do coração.



Sempre haverá o odor da morte em cada gesto  
dos braços e das mãos.  
Em cada reminiscência do adeus.

Sempre haverá uma abelha reinventando o universo.  
Uma abelha carregando a madrugada  
de regresso à colmeia.

## BALADA PARA AMÉRICA VICUNHA

Como eu teria te amado  
ó América Vicunha.  
Amado os teus olhos negros  
a madrugada em tua boca  
e o verniz de cada unha.

Tu eras mais formosa  
do que a beleza supunha.  
Carrega-me pra longe  
minha potra fogosa.  
Ó América Vicunha.

Como eu teria te amado  
gaivota da Catalunha.  
O mar dormindo a teus pés  
era serpente enroscada  
ó América Vicunha.

Os céus azuis do Caribe  
e as rosas negras dos pântanos  
me sirvam de testemunha.  
Como eu teria te amado  
ó América Vicunha.

## SINAL

Pena que o teu olho  
não fosse bala  
foice amolada  
na ira.

Pena que o teu verso  
não fosse ácido  
punhal temperado  
no fogo.

Pena que a tua voz  
não fosse vento  
áspero, tempestade  
marinha.

Pena que as tuas mãos  
não fossem asas  
âncora despertada  
na angra.

Pena que a tua memória  
não fosse de cristal  
para gravar o amor  
como um sinal.

## SONETO A UM VELHO POETA

Vejo-te andando pelas ruas claras  
Nalguma tarde recendendo a antúrios  
Desfolhados. Vais entre adagas e urdes  
Tempo e magia de Buenos Aires.

Urdes o arcano e a música diversa  
Das coisas. Urdes a insígnia e os espelhos  
Do monarca. A reminiscência e os velhos  
Emblemas das metáforas do persa.

Andas perdido entre relógios de areia  
Mapas azuis de remotos países  
Livros de Stevenson, cismas de Heráclito.

Enquanto o céu dos mortos devaneia  
Teus olhos fitam com o fulgor do hábito  
Outras distâncias, outros paraísos.

## MINICÂNTICO

Preciso cantar este vento azul  
e estas nuvens que devaneiam no céu  
antes que seja tarde.

Preciso cantar a pulsação das coisas  
e esta beleza veloz que me embriaga os olhos  
antes que seja tarde.

Preciso cantar a leveza dos pássaros  
deslizando para o crepúsculo  
antes que seja tarde.

Preciso cantar a liberdade das alturas  
e as folhas que tombam das árvores  
antes que seja tarde.

Preciso cantar este desvario da alma  
e esta embriaguez das hierarquias do corpo  
antes que seja tarde.

## ODE A UM FALCÃO

Eu te saúdo, ó falcão peregrino  
Imperador do céu e do ar.  
Como eu te invejo ardendo nas alturas  
Teu olho veloz circundando o mar.

Como eu te invejo, ó avelúcida da aurora!  
Tecelão do amanhecer em chamas.  
Guardião das montanhas de picos nevados  
Como eu te invejo a solidão fulgurante  
De desbravador de meridianos!

Eu te saúdo, ó ave de Deus  
Que investes contra a cidadela do sol.  
Que demiurgo sombrio te impele para o infinito  
Teu olho veloz circundando o mar?

Eu te saúdo, ó pássaro arcanjo  
de asas desfolhadas no azul.  
Eu te invejo quando pairas sobre o rebanho das nuvens  
Como se fosses um pastor das alturas.  
Teu olho veloz circundando o mar.

Eu te saúdo, ó anjo de rapina  
Expulso do paraíso pela cólera dos deuses!  
Teu corpo de pluma e vento trespassando os astros  
Com o fulgor de uma flecha de cristal.  
Eu te saúdo, ó navegador solitário!  
Teu olho veloz circundando o mar.

## CANÇÃO DO QUARTO DE MANUEL BANDEIRA

A casa de Manuel Bandeira  
ficava numa rua da Lapa.  
Depois foi demolida pelas picaretas  
dos construtores de arranha-céus.  
O poeta foi expulso da Lapa.  
Nunca mais um aceno às namoradas  
à sombra dos arcos em flor.

O poeta foi expulso do seu quarto  
mas os seus passos de boêmio  
continuaram fiéis à simplicidade das ruas  
e ao mistério dos becos da Lapa.  
Fiéis à sensualidade dos letreiros.  
Fiéis aos amigos e aos raios  
da lua na esquina do Lupanar.

O poeta foi expulso da Lapa  
mas o seu quarto continua intacto  
as paredes suspensas no ar.  
Suspensas do vento e das nuvens  
suspensas do infinito  
indelevelmente esculpidas no azul  
flutuando na eternidade.

# LIVRO IV

---

Assim a vida passa, vasta orquestra de Esfinges  
que lançam no Vazio sua marcha fúnebre.

Amor! E tu também. Pedradas negras se engendram  
em tua máscara, e a rasgam. A tumba continua  
a ser um sexo de mulher que atraí o homem.

Mãe, amanhã eu vou a Santiago  
banhar-me em tua bênção e no teu pranto.

Morreu minha eternidade, e hoje eu lhe faço velório.

*Cesar Vallejo*

Quero ajudar a construir o mundo futuro  
e colocar a minha pedra  
no lugar exato e na hora certa.

*Maura de Senna Pereira*



## ODE ITABIRANA

I

Não sou um poeta de tua raça nem do teu porte  
não tenho fôlego de gato para te acompanhar nessa viagem  
ao reino secreto das palavras.  
Sou um poeta municipal de pequena estatura.  
Vejo com indiferença o poeta federal tirar ouro do nariz.

II

Eras visitado pelo espírito de Minas  
pelo mistério inesgotável dos profetas do Aleijadinho.  
Conhecias o fulgor da pedra-sabão  
a eternidade esculpida nas portadas das Igrejas de Minas.  
O tempo, relva esguia, germinando nas lajes  
por onde se escoia a alma libertária dos inconfidentes.

Nasceste em Itabira por simples coincidência.  
Poderias ter nascido numa ruazinha anônima de uma cidade  
qualquer, dessas onde os bichos  
convivem docemente com os homens e a paisagem.  
Nasceste em Itabira como poderias ter nascido em Londres  
Nova Iorque, Liverpool, Roma, Paris ou Dacar.

Itabira é um retrato na parede  
uma presença de relva e paz nas tuas retinas fatigadas.  
Mas não pretendes voltar.  
Voltar para quê?  
O pai está morto. A namorada morta.  
Morto o guarda noturno. Morta a professora.  
Morto o pássaro de estimação.  
Morta a réstia de sol no fundo da gaiola.  
As fotografias cessaram de respirar.  
Olho vazado pela flecha da luz, a rosa apodreceu no jarro.

### III

Carlos, ó anjo torto, sabias que homem algum  
é suficientemente puro  
suficientemente limpo de coração  
para aplacar a intraduzível tristeza de Deus.

Um dia alçaste vôo sobre as igrejas de Minas  
guiado pelo espírito indomável do Aleijadinho.  
Flutuavas entre nuvens de querubins  
entre fantasmas de longas vestes oscilantes.  
Enquanto durou a viagem  
os teus olhos redimidos foram descobrindo outros países  
outras povoações de luar na escultura do céu.  
Outros planetas onde não existem remorsos nem desejos  
nem luxúria nem aspirações inconfessáveis  
nem necessidade de beber veneno à hora de morrer.

### IV

Fica torto no teu canto, Carlos.  
A poesia é incomunicável como uma flor  
o sorriso de um menino dormindo  
ou como a secreta caligrafia de uma lágrima.  
Não digas a ninguém que atravessaste a porta do paraíso  
guiado por um anjo taciturno.

Fica torto no teu canto, Carlos.  
A poesia é incomunicável  
o amor incomunicável  
o desejo de repartir a solidão incomunicável  
o sono incomunicável  
o sentimento do mundo incomunicável  
o esquecimento incomunicável  
a vontade de morrer incomunicável.

Fica torto no teu canto, Carlos.  
Torto no teu desencanto  
torto na maneira de andar, no modo de escrever  
torto na forma, torto no conteúdo  
torto na suspicácia, torto no espanto  
torto na polidez, torto no paladar  
torto na fala, torto na voz  
torto no verso, torto na metáfora.



Fica torto no teu canto, Carlos,  
A máquina da solidão é implacável.  
Torto como um bêbado que perdeu os sentidos a caminho da lua.  
Fica torto no teu hábito  
enquanto não chegam os telegramas de Leningrado  
enquanto as patas do cavalo atômico  
não passam por cima do nosso peito  
enquanto o bonde não chega  
com o seu carregamento de fantasmas.

Fica torto no teu canto, Carlos.  
Já não é possível esconder a realidade melancólica.  
As estrelas se apagaram no céu.  
Estamos órfãos no mundo. Os invasores nos agridem  
com os seus olhos de vidro.  
O amor é triste, Carlos. O amor  
perdeu o significado.  
O amor, agora, sabe a pêssego podre.

Fica torto no teu canto, Carlos.  
como se não estivesses ouvindo essa música.  
Como se não soubesses que em algum lugar de Minas  
um poeta de fala mansa e “tripas sentimentais”  
haveria de escrever o “necrológio dos desiludidos do amor”.

Fica torto no teu canto, Carlos.  
Torto na praia, torto no elevador  
torto na cadeira odontológica  
torto no banco dos réus  
torto na vertigem, torto no velório  
torto na retidão da horizontalidade burocrática  
torto no derradeiro salto do trapézio  
torto no chuveiro, torto na cama  
torto no barco, torto no living  
torto na terra, torto no céu.

Tudo está torto, Carlos.  
Torta a dalmática do bispo  
torto o hímen da namorada  
torto o desejo de amar, torto o código  
torta a rosa-dos-ventos, torta a bússola

torta a caligrafia do espanto na epiderme do morto  
torta a auréola na cabeça da lâmpada  
torta a flecha de luz que atravessa a vidraça do apartamento  
torto o silêncio da penumbra no pórtico  
torta a pedra no meio do caminho.  
Tudo está irremediavelmente torto, Carlos.  
Menos a límpida flor que brota no caule do teu verso.

## V

Não rimarás a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarás a palavra sono com a palavra carne  
(desejo de solidão e de aniquilamento).  
Rimarás a palavra sono com a palavra pântano  
com a palavra acalanto  
com a palavra mormaço  
com a palavra ópio  
com a palavra serpente  
com a palavra fome  
e até mesmo com a palavra música.

Rimarás a palavra sono com a gravata flamejante de Neruda  
ou com a nuvem vertebrada de Maiakóvski.  
Sobretudo rimarás a palavra sono  
com a correspondente palavra morte.

## VI

Todos os homens são teus irmãos  
e ainda te procuram no meio da multidão.  
Querem um verso teu, uma palavra amiga  
um gesto de esperança e de consolação.  
Precisam de paciência e de ternura  
Um olhar que fosse lhes bastaria  
mas lhes deste as mãos e o sentimento do mundo.

Praticavas a ironia e, no entanto, brota humanidade  
de tuas palavras. É que sabias de cor  
a caligrafia interior das nossas pulsações  
mais íntimas. Deslizavas a tua irreverência  
sobre a casta dos servis e dos enganadores. Não  
perdoavas os cínicos, os trapaceiros, os hipócritas.  
Os de idéias e bigodes prolixos.

Tomaste carraspana de lua e vodca  
escreveste poemas de amor nas mesas dos bares  
guiaste um forde azul pelas estradas de Minas  
andaste a cavalo num rinoceronte voador  
fizeste amor com Pola Negri a bordo dum foguete orbital  
foste ajudante de camelô em Saint-Germain-des-Près  
viste as águas do Sena escorrendo sabedoria  
ouviste o apito do trem assustando os afogados  
do Rio das Mortes. O vento sacudir  
a escama de ouro das alfaias. Os passos do Aleijadinho  
caminhando pela sacristia e o repicar dos sinos  
apascentando anjos que ninguém conversa.

## VII

Não digas nada, Carlos.  
Os peixes estão redescobrimdo parábolas nos espelhos.  
Agora mesmo um balaço atravessa o olho  
da amada, e o gozo se esvai pelas retinas.  
Agora mesmo o suicida crava um punhal  
na carne: o seu estômago está repleto de palavras  
de amor. Agora mesmo passeia um epitáfio  
nas entranhas da mulher que fugiu de Sodoma.  
Agora mesmo te procuro entre os mortos  
mas só te encontro lúcido e ressuscitado.

Não morreste, Carlos, foste acometido  
de "certa inclinação feérica".  
Permaneces íntegro entre o mistério e a realidade.  
Tua presença incorpórea continua intacta  
no sussurro da água e da brisa.  
Continua urdindo o seu bailado metafísico  
ao som do Bolero de Ravel

Vais escrever sonetos de madureza  
vais dormir de pijama no sofá.  
Andar de bonde, morrer e ressuscitar no avião  
escrever versos eróticos para as namoradas  
ler jornais, ver televisão, protestar  
contra a hecatombe dos meninos.  
Sobretudo, Carlos, vais recriar a argila do êxtase  
à sombra do cobertor vermelho de teu pai.

Vais sentir de novo a carícia azulada  
da lâmina de barbear.

Recordar antigos aposentos com odor de naftalina  
a estranha sensação de que a tua presença  
se evapora entre a dança da água e o orgasmo do azulejo.  
De que a matéria do teu sonho se parte  
em mil cintilações e mil disfarces.  
De que os teus sentidos são mais reais e palpáveis  
que a solidão boiando num copo de uisque.

Não morreste, Carlos, foste a passeio  
noutras paragens, noutras latitudes do arco-íris.  
Agora já não precisas esconder-te num quarto de hotel  
nem filosofar sobre a calvície dos homens  
“cheia de vertentes”. Agora já não tens  
certas obrigações de cortesia, já não vais ao correio.  
Podes andar livremente no meio das estrelas  
brincar com os anjos, contar anedotas obscenas.  
Ninguém te importunará nem te perguntará  
pela tua “pobreza feita de pérolas”.

## VIII

Agora podes flutuar. A perna que voa  
já não padece das mutilações dos sapatos.  
Teus olhos revogados brilharão outra vez.  
Tua miopia evaporou-se: tudo agora é claridade  
enlouquecida trespassando a névoa das retinas.  
Tudo agora é vastidão que se dissolve em brancuras  
de olvido. O ombro já não te dói.  
A ciática o vento levou. Agora podes flutuar  
sobre “o mundo irreal dos cartórios” e dos carimbos.

Agora já não te preocupas com as vacilações da República.  
Já não te vestes de preto para os funerais  
dos homens de prol. Já não vais ao bar da esquina.  
Já não lês poesia. Já não te apetece sorvetes de pêssego.  
Agora já não te aborrecem as falsas aparências  
os falsos poetas, as falsas metáforas  
os falsos hemistíquios, as falsas rimas.  
Agora já não te pedem autógrafos, não te escrevem  
cartas nem te pedem notícias de Itabira.  
Agora já não partilham a ceia de tua intimidade  
nem te insinuam que a poesia está morta  
que é preciso amar despididamente  
e oferecer à namorada madrigais pornográficos.

Agora podes flutuar, Carlos.  
Podes desfrutar a imobilidade perfeita.  
O silêncio perfeito. O perfeito anonimato.  
Podes cavaigar a garupa da Metafísica  
sem os incômodos da burocracia e da gramática.  
Agora podes esquecer as normas e os métodos  
os desejos implícitos e os explícitos  
a tua caligrafia de mágico  
o teu pessimismo de cético  
o teu diploma de farmacêutico.  
Agora podes flutuar entre a infância e a memória.  
Já não sentirás emoção nem desconforto  
quando os anjos te chamarem de "poeta precário".

Agora, Carlos, podes flutuar.  
Podes descartar todas as hipóteses  
todos os compromissos  
todas as veleidades frívolas  
todas as inclinações metafísicas  
todos os propósitos banais.  
Agora, que és presença encantada  
feita de pensamento e de lunar matéria  
estarás conosco o tempo inteiro  
na trama da harmonia e da parábola.

## IX

Teus olhos são pequenos para ver  
a casta enganadora nos traindo  
nos gestos, pensamentos e palavras  
e nas delicadezas da retórica.

Teus olhos são pequenos para ver  
os olhos da pátria morrendo à míngua.  
A infância dos meninos fenecendo  
no seio onde a metáfora estancou.

Teus olhos são pequenos para ver  
a plebe apunhalada pelas costas  
a mentira esculpindo os nossos hábitos  
e a falácia sutil ditando leis.

Teus olhos são pequenos para ver  
a cavalgada do cavalo atômico  
e o despertar de velhas cicatrizes  
no peito ensangüentado de Hiroxima.

Teus olhos são pequenos para ver  
a guerra estúpida, os homens estúpidos  
transformando o universo neste inferno  
de provações e de ranger de dentes.

Teus olhos são pequenos para ver  
o esporão da arrogância despontando  
na barba e na epiderme dos retratos  
e nas retinas lúbricas do déspota.

Teus olhos são pequenos para ver  
mulheres desfolhadas pelo hábito  
tentando descobrir o antigo rosto  
nas pálpebras comidas pelo rímel

Teus olhos são pequenos para ver  
o deslizar do tempo em nossas mãos  
regadas pelo sangue dos meninos  
que vão morrer da síndrome da fome.

Teus olhos são pequenos para ver  
a pobreza entranhada em nossa pele  
como se fosse um câncer dos que brotam  
das profundezas lívidas da carne.

Teus olhos são pequenos para ver  
mísseis e ogivas vasculhando o céu  
guiados por andróides e robôs  
sem pluma de beleza nas entranhas.

Teus olhos são pequenos para ver  
homens que desesperam no caminho  
porque lhes falta o azeite para a lâmpada  
e o trigo da esperança para a ceia.

Teus olhos são pequenos para ver  
a terra numerosa onde se lavra  
a messe da cólera, essa lavoura  
a sacudir ao vento os seus pendões.

Teus olhos são pequenos para ver  
o sangue dos aflitos nos jornais  
e o Poder, sem pudor, nos oprimindo  
cravando em nós seus dentes de morfina

Teus olhos são pequenos para ver  
a cupidez atávica dos cínicos  
e o povo dispersado pelo mundo  
erguendo ao céu seu grito de cristal.

Teus olhos são pequenos para ver  
o estigma da injustiça em nossa face  
e as bocas dos antigos protestando  
na pedra insone e dentro dos espelhos.

Teus olhos são pequenos para ver  
o assombro germinando nas vidraças  
e o perfil das gaivotas desenhando  
epitáfios de espuma sobre a areia.

Teus olhos são pequenos para ver  
o cristal do remorso se partindo  
como se parte a esfera quando o raio  
golpeia o céu com seu alfange rubro.

Teus olhos são pequenos para ver  
tanta ambição emporcalhando a terra.  
Tanta fome veloz, tanta agonia  
germinando entre os lírios do sarcasmo.

Teus olhos são pequenos para ver  
Sodomas e Gomorras fumegando  
sob as chamas do sexo, esquivo pássaro  
que tivesse uma adaga nas entranhas.

Teus olhos são pequenos para ver  
o arremedo do sonho e da utopia.  
A infância apodrecendo numa cova  
e os homens sendo expulsos do futuro.

## **RIO**

Um rio que secretamente roça a escuridão  
um rio sem nascente ou foz  
um rio que atravessa o inferno e o paraíso  
corre em meu corpo.

Um rio que margeia o tempo  
um rio que se decompõe com as folhas caídas  
um rio que pranteia os afogados  
um rio que deságua num pântano  
corre em meu corpo.

Um rio que despedaça as algemas da voz  
um rio que não está nos mapas  
corre em meu corpo.

## **JARDIM DE ROSAS DISSIPADAS**

O tempo é um jardim de rosas dissipadas.  
Asa invisível de Deus  
flutuando acima de nossas cabeças  
reminiscências dilaceradas.  
O tempo consumido pela súplica  
devorado pelo silêncio dos mortos.  
O tempo revogado, o tempo descosido misteriosamente  
teia de Penélope.

○ tempo entre espelhos germinando  
o tempo desfolhando os lírios do grito  
cicatriz doendo no peito de ninguém.  
O tempo trespassado pela clepsidra  
no coração da pedra e do vento.  
O tempo em chamas no olho  
do albatroz que pastoreia o céu.

O tempo e seu gotejar de água acordada  
nos consumindo, argila sádica.  
O tempo constantemente ressuscitado  
pela respiração dos anjos.  
O tempo erguido sobre as cinzas  
da guerra e as feridas da paz.  
O tempo se aglomerando em rosas dissipadas.



## MARCADOS PARA MORRER

Não adianta beber a taça de vodca  
não adianta fingir que o encantamento é real  
não adianta enterrar a faca nas vísceras  
não adianta bolinar a metáfora  
não adianta erguer para o céu o látego do verso  
se fomos marcados para morrer.

Não adianta gastar a última utopia  
a derradeira metanóia, a última esperança  
não adianta acender sete velas à memória do morto  
não adianta queimar incenso de palavras  
se fomos marcados para morrer.

Não adianta sonegar a alma ao cobrador de impostos  
não adianta jogar as entranhas para os cães  
não adianta ser pornográfico  
não adianta mudar de tônica ou de túnica  
se fomos marcados para morrer.

Não adianta regar a vida com sangue  
não adianta apontar o fuzil para os olhos do verdugo  
não adianta trocar o silêncio por favos de mel  
não adianta passar ao largo do banquete atômico  
não adianta esperar pela vinda do prodígio  
se fomos marcados para morrer.

Não adianta saltar do vazio para os ombros de Deus  
não adianta ser místico e rolar nas esferas  
se fomos marcados para morrer.

## POEMINHAS VELOZES

Folhas mortas, os dias  
caem sobre as nossas  
tumbas vazias.

A indômita Vênus  
nos fita lá do céu  
sem saber que a vemos.

O crepúsculo ateia  
fogo às vestes de ouro  
da papa-ceia.

O homem é aquele  
que às vezes renasce  
da própria pele.

Chuva sobre os campos  
dormidos. Os pássaros  
e seus acalantos.

Cai o sol de rijo  
nas pedras. O escorpião  
sai do esconderijo.

Dizem que o avarento  
esconde o seu tesouro  
nas dobras do vento.

A chuva celebra  
os mortos e apaga  
seus nomes na pedra.

O vento e os dias  
reduzem a cinza  
as nossas utopias.

Sou do signo de Touro.  
Pretendo roubar  
a idade de ouro.

O mar é um urso  
saciado que foi  
dormir ao crepúsculo.

A sombra da ponte  
e a sombra da lua:  
o abismo defronte.

Estrelas são marcos  
de fogo no céu.  
Bússolas dos barcos.

Aos olhos da Ursa  
a indômita Vésper  
incendeia as vestes.

Silêncio nas ágoras.  
É que a hipotenusa  
descobre Pitágoras.

Sombra imprecisa  
da noite inclinada.  
Torre de Pisa.

A mão move o remo  
e o remo remove  
as águas do Reno.

Comoção na porta  
da catedral. Dizem  
que Inês não é morta.

## **A NAVE CHAMADA TERRA**

A nave chamada terra  
Tem verdes campos em flor  
Rios que vão desaguar  
Noutro rio ainda maior.  
E neste planeta azul  
Fica a morada do amor.

A nave chamada terra  
Gira no espaço veloz.  
Nela habitam teus irmãos  
Teus filhos e teus avós.  
Nela germinam teus sonhos  
Estou eu, estamos nós.

A nave chamada terra  
Dança no espaço indiviso  
Mas seu corpo de água e vento  
Sobe ao céu se for preciso.  
Esta nave de insensatos  
Pode ser um paraíso.

A nave chamada terra  
Podia ser um jardim  
Um reino de infância e paz  
Em vez de chão de Caim  
Se os homens todos se unissem  
Numa alvorada sem fim.

A nave chamada terra  
Se nutre do teu suor  
Do teu sonho, do teu sangue  
Da trama do tecedor.  
E neste planeta azul  
Fica a morada do amor.

## TRÍPTICO DA ROSA

De vez em quando o teu olhar obscuro  
repousa sobre mim, deusa evadida  
das esferas do tempo, ó doce veio  
dessas águas secretas da retina.

De vez em quando a rosa do futuro  
vai-se despetalando sobre a vida.  
O pássaro iminente flecha o seio  
morganático da louca dançarina.

De vez em quando a esfinge tenebrosa  
roça o teu rosto e foge de repente.  
Tremor de chuva em madrugada calma

ó rosa do futuro, ó incerta rosa  
desfolha sobre mim o olhar ardente  
da que, perdido o amor, ganhou minha alma.

## II

Ó rosa concebida sem pecado  
nas entranhas da terra, ó rosa que  
lembra o perfil do Cristo rebelado  
que está dentro de nós mas não se vê.

Ó rosa dos confins, do céu, dos ventos  
e das âncoras negras desses portos  
singrados de navios e elementos.  
Ó rosa suntuária para os mortos

e os afogados, para os esquecidos  
e os que tombaram nas sombrias lutas  
do destino, levados pela vaga

desse mares do tempo presumidos.  
Rosa para as volatas e as volutas  
e esse florir do amor que não se acaba.

III

Vens da noite, fantasma indecifrado  
arrastando os teus passos luarentos.  
Vens de um mundo remoto e sem fronteiras  
perdido entre as arcadas dos conventos.

Vens dos confins e passas pela porta  
mas a porta espectral não tem saída.  
Vens do nada, e os teus passos de estrangeiro  
vão cravando o mistério em nossa vida.

Vens no uivo dos cães, rosa interdita.  
Rosa de sete pétalas de areia  
desabrochada aos olhos desta rima.

Rosa da nossa dúvida infinita.  
Vens dos degraus do abismo para a ceia  
dos mortos sem memória de Hiroxima.

## **CANÇÃO DO EMPAREDADO**

Já te perguntaram, ó África  
serpente de pálpebra amarela  
que tigre incendeia os olhos  
de Néelson Mandela?

Já te miraste, ó África  
nesse olho veloz que vara a procela  
(olho que trespassa a nuvem)  
de Néelson Mandela?

Já te enamoraste, ó África  
da palpação que acende a estrela  
da tarde no peito em chamas  
de Néelson Mandela?

Já seguiste os duros passos  
da estúpida sombra da sentinela  
apontando o inútil fuzil  
para Néelson Mandela?

Já viste a ave, ó África  
rondando a intransponível cidadela  
onde os dias e as folhas caem  
sobre Néelson Mandela?

E o amargo perfil de ébano  
da cabeça que só o tempo cinzela?  
Já viste o sonho brotando  
das mãos de Néelson Mandela?

Já despetalaste, ó África  
um verso azul, alguma flor singela  
sobre a dor que não se curva  
de Néelson Mandela?

## **CANÇÃO DA MOENDA**

A moenda não cessa de moer  
este espectro de homem que procria.  
Mói-lhe o corpo de pedra, o veio e a veia  
onde o prodígio espera acontecer.  
Mói-lhe a raiva, a esperança que se adia  
e o bagaço da fome que incendeia.

Tem gosto de solidão e rapadura  
o mel desta moenda, espesso e amargo.  
Vem de que abismo a negra correnteza  
que ao sangue deste povo se mistura?  
O vento da abastança passa ao largo  
dos campos que já foram da pobreza.

O engenho esmaga a cana açucareira  
que se converte em doce alvenaria.  
O cortador de cana amola a foice  
para cortar o caule da fogueira.  
O bagaço da cana e a serventia  
migalhas para a ceia desta noite.

O rosto que mergulha no bagaço  
mergulha na incerteza da procura.  
O povo escreve a sua própria lenda  
semeia liberdade a cada passo.  
A tristeza dos homens se mistura  
ao sangue que transborda da moenda.

## POEMA GENÉRICO

Um pássaro ensaiou no fio elétrico  
a dança imponderável de uma flor.  
O uivo dos cães tem algo de profético.  
A alma, acorrentada ao seu andar

de areia, essa metáfora secreta.  
A alma ardendo em órbita imprecisa  
se não tem a evidência de uma seta  
chega a ser mais palpável do que a brisa.

O amor me atrai remorsos e castigos.  
A insígnia do pecado arde em meus olhos.  
Meu coração é um covil de mendigos  
que se enfeitam de enxames e piolhos.

O espírito estremece igual ao broto  
das vides que se plantam nos quintais.  
A chuva é certamente algo remoto  
que se mistura à infância de teus pais.

Cada fração de tempo é um signo escrito  
em nossa pele arcaica de xavante.  
Cem vezes morre o homem, fica o mito  
pregando ao vento a história do farsante.

Enquanto o sino toca um boi ruma  
talos de flor com movimentos graves.  
Alguém morreu de morte repentina  
na tarde insigne erguida pelas aves.

Leva a herança dos mortos para a aldeia  
onde as ovelhas pastam teus avós.  
É lá que o eterno tempo tece a teia  
de solidão do espírito veloz.

## CÂNTICO

### I

Conheço os limites da noite como os umbrais de minha casa.  
Só o poeta conhece as fronteiras da noite  
e sua música de harpas dilaceradas.

A noite caminha lentamente pela trilha dos caracóis  
e desliza em meu peito com seus regimentos  
de espantos e de estrelas suicidas.

Enquanto o uivo dos cães faz a lua em pedaços  
de cristal, a noite fita em mim seus olhos de centauro.

### II

A noite, madre ancestral, acende as alegorias do céu.  
Os pântanos calados respiram.

Em alguma dinastia do mar, peixes tocam alaúde  
à espera dos pássaros da aurora.

O poeta decifra as esfinges da noite  
e sai a recolher iguarias para os mortos  
e o sangue das constelações.

### III

A noite avança para as núpcias do mar  
e as gaivotas que o inverno assassinou.

A noite avança sobre os mapas salpicados de ópio  
essas rotas de solidão e papiro

Jamais violadas pelo fanal dos navios.

A noite avança sobre as aldeias de pedra e vento  
com seus sinos de alvenaria repicando  
e estrelas desfolhadas entre eucaliptos.

### IV

A noite é uma ilha de onde nunca se volta.

Os limites da noite são as portas do arcano  
e do esquecimento sem memória.

A noite é um rio de águas alucinadas  
que investe contra nós. Um rio de luas e âncoras  
de que nascem frios arquipélagos.

A noite nos arrebatava em seus dromedários  
de sombra e nos leva para um jardim de centúrias.



## V

Bebo a água da noite em seus negros mananciais  
e escuto as luas que velam pelos mortos.  
O cântico da noite mais fino do que um punhal  
e a infância clamorosa dos afogados.  
A noite e os cães viajam para o crepúsculo.  
Na pele a marca do presságio.

## VI

A noite, lá fora, é menos vasta  
do que a noite que se alastra dentro de mim.  
A noite que avança para o mar  
semelhante a um tigre assassino que foi domesticado.  
A noite, lá fora, acende a fantasia dos anjos  
a tempestade e o arco-íris.

## VII

A noite e os cães uivando para a lua  
(na pele as marcas do presságio).  
Por esses caminhos de orvalho, a noite arrastando  
a cauda sonolenta, o seu devaneio mitológico  
seu mistério e sua velhice cósmica.

## VIII

A noite e seus declives para o frio limiar  
a noite e seu secrete deslizar para um jardim de ausências  
a noite enroscada no caule dos rios  
a noite em suntuosa reverência diante do mar  
a noite, vinho derramado nas taças dos eucaliptos  
a noite promulgada nos palácios dos reis  
a noite ensopada pelo sangue dos mártires  
a noite incendiada pela respiração dos namorados  
a noite comida pelos canibais.

## IX

Em alguma dinastia do mar, peixes tocam alaúde  
pela ressurreição dos mortos.  
Pareço flutuar nas correntezas da noite.  
Ninguém jamais vislumbrou o país dos deuses mutilados

nem escutou o soluço dos seus clavicórdios.  
Ninguém jamais conheceu este país  
de búzios e quimeras, esses rostos decapitados  
onde toda a realeza se dissipou.

## X

Escuto o ruído da máquina infernal  
desta noite de ventos estivais como súplicas.  
Em alguma dinastia do inferno recomeça  
a dança metafísica dos escorpiões.

## XI

No silêncio abissal desta noite sem fim nem começo  
tão vasta é a solidão que se escuta  
a cinza dos mortos ressuscitando.

## XII

Enquanto o homem veste a mortalha de limo  
para o ágape dos canibais  
a noite vai germinando entre signos e algas.  
Signos e algas que restaram das pompas  
nupciais do mar, nesses crepúsculos de lendas  
desfolhadas e reminiscências mortas.  
Enquanto a alma do homem devaneia  
o seu bigode alça vôo sobre os epitáfios.

## XIII

A noite, lá fora, é uma guitarra cínica  
tocando enlouquecida pastoral.  
Bêbados semeiam utopias pelas ruas prateadas  
que a fantasia dos anjos desenhou.

## XIV

Respiro a noite e sua negra epiderme de ópio  
que tem cheiro de sangue e placenta.  
Respiro essa pulsação das vísceras da noite  
odor de madressilva e agapanto.  
A noite arrastando escórias de lascívia

sobre a anca da terra e o ventre de Deus.  
Respiro a noite e o seu abdômen de raízes  
onde germinam sonhos e procelas.  
A noite arrebatada em seu ataúde de folhas  
pelo uivo profético dos cães.

## XV

A noite sou eu, toda essa constelação  
de assombros que se articulam dentro de mim.  
A noite destroçada entre impropérios  
e entranhas podres. A noite farejada pelos  
cães ávidos de luas. A noite emporcalhada  
pelo vômito dos bêbados. A noite tantas vezes unguida  
pelo cântico feroz dos bandolins.

## XVI

Jamais vi o cadáver da noite ao relento  
boiando em correnteza de solidão.  
Jamais vi a flecha da tormenta  
trespassar as dinastias do albatroz.  
Jamais vi o incenso da arrogância subir os degraus  
da súplica e arder diante do holocausto.  
Jamais vi a cimitarra de um raio  
decepar a cabeça de deuses e déspotas.

## XVII

Não sou eu quem vai deter o pulso  
desatado desta noite de augúrios e apostasia.  
Não sou eu quem vai pastorar os demônios da utopia  
nem tanger os astros para o seu redil.  
Não sou eu quem vai despencar dos abismos da fala  
sobre as exéquias da noite metafísica.

## XVIII

Bebo a água da noite em seus negros mananciais.  
Recupero a máscara do assombro e o signo  
do pecado. Eis-me diante do espelho, da imagem  
cosmopolita que devaneia sobre o universo  
e os seus fenômenos reais. Um trem carregado

de absinto chega da Calábria. O Reno é esse rio  
que deságua num mar de âncoras e adeuses  
e atravessa os pontos cardeais. O apito do trem  
acorda o tropel dos centauros da noite  
em secreta cavalgada no peito dos mortos.

## XIX

A noite é uma ilha de onde nunca se volta.  
Uma ilha ancorada no ventre de Deus.  
A noite é uma barca de cristal  
levada pelo vento das asas do albatroz.  
Algum país de búzios e pedrarias  
pássaro do abismo que atravessou os mares  
do assombro e os cegos temporais.

## XX

Enquanto a Ursa crava os dentes de topázio  
na pele encardida da noite  
e a luz dos castiçais volta a arder  
sobre as cinzas de Ulisses e a trama de Penélope  
veste o homem a mortalha de limo  
e o seu bigode alça vôo sobre os epitáfios.

## MADRIGAL

Já te disseram que o vento  
carrega o ouro dos veios  
para enfeitar os teus seios?  
Já te disseram?

Já te disseram que os pássaros  
vêm comer restos de trigo  
na concha do teu umbigo?  
Já te disseram?

Já te disseram que o pêlo  
dourado de uma potranca  
é igual ao de tua anca?  
Já te disseram?

Já te disseram que as rosas  
coram de tanto vermelho  
quando te despes ao espelho?  
Já te disseram?

Já te disseram que as tuas  
coxas unguidas de esperma  
são cordas duma harpa eterna?  
Já te disseram?

Já te disseram que um deus  
arde no inferno por causa  
dos teus olhos de topázio?  
Já te disseram?

Já te disseram, pastora  
dos sonhos da minha vida  
que eu sou a ovelha perdida?  
Já te disseram?

## SONETO DOS ESPANTOS

A hora dos espantos se insinua  
na alvorada ilusória dos espelhos.  
Subitamente nos tornamos velhos  
mendigos, a cada estação da lua.

De repente o abandono de uma luva  
nos leva a recordar certo perfil  
de mulher. Certa audácia em certo abril  
de estrelas desfolhadas pela chuva

Somos a eternidade dos minutos.  
O gotejar da água e da elegia  
na pedra encanecida de algum pátio

onde os ciprestes rezam pelos justos.  
Finda a estação do sonho e da porfia  
tudo é silêncio à sombra do epitáfio.

## SE

Se te apraz a migalha que te dão  
se a mentira do cínico te consola  
Se não comes dos frutos da estação  
se os não recolhes dentro da sacola

Se semeias as terras do vizinho  
mas não colhes espigas para a ceia  
Se a beleza te oferta o seu carinho  
mas teces madrigais à mulher feia

Se dás ouvido à astúcia do perverso  
se te calas em face da injustiça  
Se não buscas as causas do universo  
se não és argamassa nem caliça

Se não protestas contra a norma espúria  
se te curvas às togas prepotentes  
Se não provas do vinho da luxúria  
porque dizem que o inferno range os dentes

Se em face da pobreza universal  
não te comoves nem te manifestas  
Se não fechas a porta ao temporal  
quando os duendes passam pelas frestas

Se a tua alma burguesa vai à missa  
se jejua três vezes por semana  
mas trapaceia a dúvida infinita  
e fecha os olhos para a dor humana

Se não possuis aquela chama acesa  
que abrasa o olhar e as vestes do profeta  
jamais serás um homem, com certeza.  
— Serás, meu filho, estúpido pateta.

## BALADA DAS TRÊS SOLTEIRONAS

As três solteironas moravam num casarão à antiga  
cercadas de reminiscências e alegorias  
com seus bandós, punhos de renda, gestos barrocos.

A que se chamava Raimunda morreu na segunda  
A que se chamava Vanessa morreu na terça  
A que se chamava Marta morreu na quarta.

Quando as picaretas começaram a demolir o casarão  
nuvens de pó bailavam no espaço  
como se fossem os corpos transfigurados das velhas.

E a poeira senil rodopiava no ar  
misturada às cinzas e à memória das velhas  
numa incessante ressurreição.

## **EXPLICAÇÃO**

Me dizem que sou poeta  
que os meus versos às vezes agradam.  
Alguns se queixam das minhas perplexidades metafísicas.

Como não falar da morte, meus amigos,  
se a morte é gêmea da vida?  
se a ela estamos presos por alguma misteriosa afinidade  
por alguma secreta caligrafia?  
se a morte é como o vento que atravessa as paredes  
e embaça a transparência dos espelhos?  
o vento que derruba catedrais e signos de mármore?

Como não falar da morte, meus amigos,  
se a morte bebe do nosso vinho  
e come da nossa ceia?

## **CANÇÃO DE TODAS AS MARIAS**

Maria da Glória  
Maria da Conceição  
Maria do Rosário  
Maria da Solidão.

Maria Anunciada  
Maria Aparecida.  
Por esta darei meu reino  
por aquela minha vida.

Maria de Portugal  
Maria de Andaluzia.  
Esta me amou em Sevilha  
aquela na mouraria.

Maria do Vento  
Maria da Praia.  
O fogo que escondes  
não te queima a saia?

Maria Madalena  
dos Anzóis Pereira.  
Com as ancas que tens  
ninguém que te queira?

Maria da Soledade  
Maria da Consolação.  
Qual delas é a dona  
do meu coração?

## **BALADA TRÁGICA**

A que se chamava Raimunda morreu na segunda  
A que se chamava Vanessa morreu na terça  
A que se chamava Marta morreu na quarta  
A que se chamava Jacinta morreu na quinta  
A que se chamava Violeta morreu na sexta  
O que se chamava Bernardo morreu no sábado  
O que se chamava Deolindo ressuscitou no domingo.

## **ORAÇÃO**

Ó meu São Francisco de Assis  
Santo da minha devoção.  
Não te peço felicidade nem riqueza.  
Te peço apenas o sol, que tu chamavas de irmão.  
O sol que alumia as almas tristes  
dos que vão morrer sem perdão.



Ó meu São Francisco de Assis  
que de humildade te cobres.  
Te peço apenas um verso cristalino como o sol  
para que eu possa repartir  
o vinho da minha solidão com os pobres.

## NOTÍCIA SOBRE O COMETA DE HALLEY

Cadê o Cruzeiro do Sul?  
cadê a luneta do mágico?  
cadê o horizonte de vidro  
e a estrela do pastoreio?  
cadê o prodígio no céu?  
Todos indagam perplexos  
pelo albatroz de cauda atômica.  
Porém o Halley não veio.

O café esfriou na xícara  
o ovo estrelado queimou  
o operário perdeu o ônibus  
o menino largou o seio  
o tempo parou na contramão  
a vida parou, o mundo parou  
pra ver o Halley passar.  
Porém o Halley não veio.

De repente os namorados  
deixaram de namorar.  
Os sinos das catedrais  
cessaram de repicar.  
O padre fecha o missal  
no instante do manuseio  
pra ver o Halley passar.  
Porém o Halley não veio.

A sopa esfria no prato  
o leite azeda no copo  
os sonhos ardem na cama  
o aluno esquece o recreio.  
Tudo pára de repente  
quando a noite vai no meio  
pra ver o Halley passar.  
Porém o Halley não veio.

## POEMA ASCENDENTE

Meu bisavô morreu de aneurisma  
minha bisavó morreu de senilidade  
meu avô morreu de colapso cardíaco  
minha avó morreu de solidão  
meu pai morreu de uma enfermidade misteriosa  
minha mãe morreu de nostalgia.

Todos estão dormindo.  
Todos estão mergulhados em sono profundo.  
Só não dorme o meu coração.

## BALADA DO SUICIDA NA TORRE

Salta João  
salta no espaço em diagonal  
como um pêssigo podre.  
Salta sobre a perplexidade da burguesia  
salta com a leveza do punhal  
que trespassou a carne.  
Salta com a rapidez do tigre  
que dilacerou a lebre.  
Salta com os cinco sentidos em pânico  
sobre este jardim de vísceras.

Salta João  
salta como se fosses um saltimbanco  
que se diverte com a platéia.  
Salta sobre os estilhaços da multidão  
salta com a possível ironia  
no trapézio do ar contaminado de problemas.  
Salta à esquerda e à direita  
salta com a imponderabilidade de um bêbado  
sobre este jardim de vísceras.

Salta João  
sobre a tumba do patrão.  
Salta do meridiano da solidão  
salta na arena do leão  
salta com toda a convicção

salta sem olhar para a nódoa de sangue no chão  
salta na concha da mão  
que te nega o trigo e te rouba o pão.  
Salta com uma gargalhada obscena  
sobre este jardim de vísceras.

Salta João  
salta sobre a máscara de vidro da hipocrisia  
salta na contramão  
como um bailarino enlouquecido que rodopia no ar  
salta como se fosses partir o cristal  
da tua indignação.  
Salta sobre o impudor que se diverte com tua agonia  
salta com irreverência e simetria  
sobre este jardim de vísceras.

Salta João  
salta depressa da torre  
para que te vejam naufragando no abismo.  
Salta sobre a eternidade em chamas  
salta como se fosses boiar  
no espinhaço ondulado de uma nuvem.  
Salta com os olhos abertos  
pra que possas ver onde começa e acaba  
o poço infinito da morte.

Salta João  
salta de improviso  
salta sem pedir licença  
salta sem ódio e sem aviso prévio  
salta de braços abertos num vôo rasante de asa delta  
sobre a escória da vida.  
Salta vertical sobre a indiferença da população  
que te acena do asfalto  
com seu hálito de verminose e cachaça.

Salta João  
salta em espiral  
salta pontiagudo e veloz  
salta como a flecha disparada pelo arco  
salta como se fosses cavalgar  
o alazão dos astros.  
Salta por cima do prodígio  
salta por dentro da encruzilhada do mistério  
salta a barlavento de Deus.

## **QUEM VIU AS TRÊS MULHERES DO SABONETE ARAXÁ?**

Para Antônio Girão Barroso

quem viu a estrela da manhã pousada numa árvore?  
quem viu a andorinha crucificada no céu?  
quem viu o pássaro escrever sua parábola no azul?  
quem viu as bodas dos pardais nos fios da rede elétrica?  
quem viu as três mulheres do sabonete Araxá?

quem viu a agonia de Hiroxima?  
quem viu o anjo apunhalado na soleira da porta?  
quem viu os passos do trãsfuga dilacerando  
os olhos e as artérias da areia?  
quem viu as três mulheres do sabonete Araxá?

quem viu o estigma de Deus no rosto imóvel?  
quem viu a tarde se consumir nas chamas da catedral?  
quem viu as asas da torre roçando o arco-íris?  
quem viu o perfil do demiurgo sangrando nas alturas?  
quem viu as três mulheres do sabonete Araxá?

quem viu a lua apodrecendo no fundo do pântano?  
quem viu o pântano florir para as núpcias dos répteis?  
quem viu a gaivota despetalar as asas no espaço?  
quem viu o veleiro iluminado como o festim de um rei?  
quem viu as três mulheres do sabonete Araxá?

quem viu o faraó com o deus esculpido no abdômen?  
quem viu a profanação das tumbas de linho?  
quem viu o mergulho abissal do homem?  
quem viu o homem acorrentado à placenta da morte?  
quem viu as três mulheres do sabonete Araxá?

## **BALADA DO HOMEM QUE SALTOU DA TORRE**

João se atirou da torre  
como um pássaro cego  
trespassado pela flecha  
veloz dum arqueiro negro.

Saltou do alto da torre  
sobre a evidência do asfalto.  
Saltou sem pedir a Deus  
perdão pelos seus pecados.

Saltou de um abismo pequeno  
para outro abismo maior.  
O povo dançava no espanto  
dos olhos do saltador.

João não achava emprego  
nem acertava na loto.  
Por isso é que resolveu  
fazer o jogo da morte?

João estava com medo  
de mergulhar nesse rio  
onde navega um barqueiro  
de rosto amargo e sombrio?

João estava com raiva  
do seu destino perverso?  
Raiva da vida insolúvel?  
raiva de todo o universo?

Em que pensava João  
no alto da torre esgula?  
Pensava no seu destino  
que aos poucos se consumia?

Pensava na namorada  
com seu perfil de bordel?  
pensava na casa escura?  
no dinheiro do aluguel?

Pensava no leite azedo  
de que se nutre a desgraça?  
No destino que usa botas  
quando a morte anda descalça?

Em que pensava João  
no seu delírio espectral?  
Pensava que além da morte  
cessa o bem e cessa o mal?

Pensava que a morte é breve  
como uma nuvem que passa?  
que o corpo vira lembrança?  
que a alma vira fumaça?

Pensava que a liberdade  
às vezes não desabrocha?  
A liberdade do homem  
acorrentada a uma rocha.

Pensava na boca enorme  
do poço do desvario?  
ou no braço que equilibra  
o coração no vazio?

Em que pensava João  
vendo a humanidade hostil?  
Pensava no seu remorso  
ou no desdém do Brasil?

## **BALADA DO RIO**

O rio tange as cordas  
de sua harpa de areia  
pela alma do afogado  
que nas estradas vagueia.

O rio estira os braços  
para abraçar o horizonte.  
A lua bóia no vento  
o céu nas águas da fonte.

O rio canta nas pedras  
o vento reza nas brenhas.  
Teus olhos são verdes como  
os das ovelhas que ordenhas.

O rio molha os teus pés  
e as casas brancas da vila.  
Cai o minguante do céu  
como um pedaço de argila.

O rio dorme de noite  
juntinho de tua porta.  
Rio, me devolve os negros  
cabelos da amada morta.

## PARÁFRASE DE MANUEL BANDEIRA

(No centenário de nascimento do Poeta)

Não quero um barco na ilha  
não quero a filha do rei  
não quero a estrela que sobe  
no firmamento de Alá.  
Não quero herança, tetarcarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero a mina de ouro  
não quero a mina de prata  
não quero o seio moreno  
das donzelas de Judá.  
Não quero honras, tetarcarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero campos de trigo  
nem puro-sangue da Arábia  
que é divindade por lá.  
Não quero a ceifa mais nobre  
dos vinhedos do tetarcarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero estátua de mármore  
não quero solar de pedra  
nem flor de moça fogosa  
dormindo no copiá.  
Não quero o andor do tetarcarca.  
Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero as plumas do bardo  
não quero o enigma da esfinge  
não quero a vaga esperança  
que não sei onde andar.  
Não quero insígnias, tetrarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero alfaias de luxo  
não quero adega repleta  
não quero amor de fidalga  
que o vento desfolhará.  
Não quero herdades, tetrarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero o brasão do papa  
não quero o trono de Espanha  
não quero os olhos acesos  
das pedras de Sabará.  
Não quero emblemas, tetrarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

Não quero haveres no cofre  
não quero gado no pasto  
não quero a incerta fortuna  
que em cinza se acabará.  
Não quero hinos, tetrarca.  
— Eu só quero as três mulheres  
do sabonete Araxá.

## **CANÇÃO DOS HETERÔNIMOS DE FERNANDO PESSOA**

Aos poucos o céu se alumia  
como um veleiro.  
Paira na tarde uma elegia  
de Alberto Caeiro.

A noite acende o seu fanal  
de pirlampos.  
Quem mais moderno em Portugal  
que Álvaro de Campos?



Pica o sol o alazão do rio  
com a sua espora.  
Vou-me embebedar ao Rocio  
com Antônio Mora.

Mergulhei na espuma ondulante  
duns seios de Lady.  
Me disseram que ela era amante  
do Barão de Teive.

O vento carrega uma estrela  
nas asas dos ares.  
Passeia defronte à janela  
Bernardo Soares.

Vi Pessoa com a namorada  
rumo da praia.  
E quem lhe acena dum sacada?  
— Rafael Baldaia.

O adeus de uma guitarra sobe  
ao céu português.  
Serenos e azul como uma ode  
de Ricardo Reis.

Vou ao Tejo de águas meninas  
pescar com as redes.  
Fui pescado pelas varinas  
Vicente Guedes.

## **CARROSSEL DE PARIS**

Meu coração é um pêndulo de areia  
Marca o tempo da sementeira e o tempo da ceifa.

Meu coração levanta os braços para o céu  
Os braços crucificados nos espinhos dos astros.

Meu coração tece sem cessar a sua teia  
Onde os astros ardem em suas núpcias de treva.

Meu coração vai a todas as partes  
Em busca do mistério trespassado como um punhal.

Meu coração decifra os enigmas do vento  
E toca a flauta de bambu dos rouxinóis da lua.

Meu coração carrega uma rosa vermelha a tiracolo  
para os cabelos da namorada atômica.

Meu coração afaga uma verruga na ponta do nariz  
Faz tempo que morreu num carrossel de Paris.

## **SALMO DO CORPO**

Teu corpo é de água  
Teu corpo é de fogo  
Teu corpo é de vento  
Teu coração morada provisória da agonia.

Enquanto dormes o invisível  
gado da morte rumina os teus sonhos  
a relva dos teus dias.  
Enquanto dormes o negro alazão do mistério  
galopa velozmente no teu peito.

As estrelas naufragam por cima de tua cabeça  
a vida se esfarela nos teus dedos  
como um pedaço de argila que restou da luxúria de Sodoma.  
Os sonhos são pássaros que emigram para o infinito  
onde os teus olhos se apagam  
e a tua solidão começa a germinar para sempre.

Teu corpo desenha a caligrafia da vertigem  
Teu corpo de água e vento e fogo  
Teu corpo esculpido na eternidade pelo sopro de Deus  
Teu corpo sepultura provisória da agonia.

## **TRATADO DE VERSIFICAÇÃO**

acontece que vamos entrar  
acontece que vamos sair  
acontece que vamos chegar  
acontece que vamos partir.

acontece que vamos dormir  
acontece que vamos sonhar  
acontece que vamos morrer  
acontece que vamos lembrar

acontece que vamos subir  
acontece que vamos descer  
acontece que vamos plantar  
acontece que não vamos colher

acontece que vamos passar  
acontece que vamos urdir  
acontece que vamos nascer  
acontece que vamos florir

acontece que vamos flamar  
acontece que vamos fluir  
acontece que vamos tecer  
acontece que vamos serzir

acontece que vamos ouvir  
acontece que vamos dizer  
acontece que vamos andar  
acontece que vamos arder.

## PRIMAVERA DOS MORTOS

Para

*Carlos Augusto Viana*  
*Fernando Mendes Viana*  
*Linhares Filho*  
*Rogaciano Leite Filho*

I

Quando a rosa  
de boca desdentada  
sorrir em tua janela

passarás incólume  
com teu jumento magro  
e teu cachorro

pela porta de areia  
da primavera dos mortos.

## II

Cães famintos disputarão  
com as aves de rapina  
os ossos de tua sombra.

Ninguém te seguirá  
pela estrada de espinhos.

Teu sangue rolará na planície  
como um rio indômito.

O arcanjo de orelhas silenciosas  
despejando ao sol  
as vísceras de tua mochila.

## III

Teu remorso deitará a cabeça  
sangrenta na pedra molhada de orvalho.

Teu remorso gritará em vão  
às portas do vingador.

Comerá o esqueleto do vento  
e as tripas da vindima.

Comerá as entranhas  
da própria fala.

Comerá o mistério entranhado  
na pele como um osso.

## IV

Serás expulso da terra  
com o vento e a lua  
e a tua solidão.

Serás crucificado  
na pupila cega  
de um poço esvaído.

Serás consumido  
pela labareda sagital  
da ventania acesa.

Serás banido da terra  
levando a memória  
nas veias desatadas.

## V

Teu cavalo de areia a galope  
entre esqueletos e enxames de poeira.

Teu cavalo sangrando  
sobre a carne pontiaguda da lua.

Teu cavalo de crinas desfiguradas  
pelo fulgor da madrugada atômica.

Teu cavalo vomitando fogo  
nas estradas coroadas de espinhos.

Teu cavalo com os pulsos abertos  
pelas esporas do vingador.

## VI

Os teus cabelos  
são raízes desentranhadas  
pela tempestade.

Teus pés acostumados  
à sonolência dos caminhos  
e à ternura das pedras.

Teus olhos de animal ferido  
desacostumados ao fel  
dos favos do amor.

## VII

Toma desta espada  
e rasga a tua mortalha de herói.

Puseram teu caixão de deserdado  
na ponta de um obelisco.

Os emissários do rei  
se embriagaram na tua cova.

Ninguém se lembrou da rosa  
comida pelos cachorros.

— A rosa que não te ofertaram  
na primavera dos mortos.

### VIII

Apunhalaram o teu soluço  
pelas costas.

O teu cadáver emasculado  
fitando o sol

lavado de sangue  
da primavera dos mortos.

### IX

Vou escrever uma ode  
na pele antiga da lua nova.

Vou plantar uma espiga  
de milho na tua lágrima.

Vou desfraldar minha túnica  
diante de tua porta.

Mas não vou acordar os pássaros  
na primavera dos mortos.

### X

O que resta da tua inocência  
foi devorado pelos cachorros.

O que resta da tua liberdade  
foi carregado pelo vento.

O que resta da tua memória  
foi dizimado pelas formigas.

O que resta do teu remorso  
foi pulverizado pelas vespas.

O que resta da tua esperança  
foi consumido pelo fogo.

O que resta do teu devaneio  
foi soterrado pelo dilúvio.

## XI

Vamos no encalço  
dos heróis  
de passos mutilados.

Vamos no encalço  
do sangue acorrentado  
que protesta.

Que fazer do silêncio  
dos heróis cimentados  
na pompa da pedra?

## XII

Os heróis somos nós  
que herdamos o espanto  
dos nossos avós.

Os heróis são os que  
passam incólumes  
pela arrogância

nem se sujeitam  
ao fascínio  
dos olhos do vingador.

## XIII

Vamos no encalço  
da prole deserddada.  
Rédeas ao seu cavalo  
de ferro e osso.

Eles são os heróis  
expulsos do obelisco.  
— Seus retratos germinando  
em todas as paredes.

#### XIV

Vamos perguntar ao rei  
que foi no enalço  
do triste Cavaleiro.

Todas as janelas  
de todos os povoados  
repicando os seus sinos.

Os chocalhos das cabras  
e o balir das ovelhas  
pelo triste Cavaleiro.

#### XV

Os heróis adormeceram num pântano de cinzas.  
A chuva apagou os passos dos heróis.

Mas a espada dos heróis  
atravessa a liberdade pelo meio.

Os seus cavalos ossudos  
relampejam às porteiras do sol.

As patas dos seus cavalos  
deitam por terra os muros das prisões.

#### XVI

A clarineta dos soldados  
derrama o seu vinho sobre a copa das árvores.

A diáspora ergue os braços para o céu  
e investe contra a fala dos arautos.

São os pobres que se rebelam  
em nome da esperança e da liberdade.

São os pobres juntando os cacos  
dos seus mitos de cristal.



## XVII

Os pobres nada esperam.  
— A não ser o vento  
que os dilacera.

Os pobres nada sonham.  
— A não ser uma estrada  
para a esperança.

Os pobres nada pedem.  
— A não ser que a memória  
lhes apague essa nódoa.

## XVIII

A nudez do triste Cavaleiro  
passa pela rua  
coberta de apodos.

Cessou para sempre a voz da canção.  
Só se ouvem agora  
tiros de espingarda.

Só resta aos pobres um punhado de cólera.  
E a foice desfraldada  
do pulso vigilante.

## XIX

Herói é aquele que se deita  
e se levanta sem remorsos.

Aquele que celebra o seu cavalo  
num obelisco de água.

Aquele que morre sete vezes  
e ressuscita na primavera dos mortos.

## XX

Os cavalos dos heróis  
dependurados na escharpa.  
Velozes cabeleiras  
de vento e profecia.

Celebremos os heróis  
expulsos do obelisco.  
— Os seus gritos germinando  
em todas as paredes.

## XXI

As bandeiras dispersas  
na alameda vazia.

Ao som dos tambores  
os mortos vão passando.

Ninguém te pergunta  
pelo desejo espúrio

que ficou enterrado  
numa cidadela de formigas.

## XXII

Já não te sentas à mesa  
para o mito da ceia.

Já não te despes na cama  
para a cavalgada sombria.

A carne já não te procura  
entre os recintos do orgasmo

Teu sangue já não circula  
nas veias do lençol.

## XXIII

A mentira fundou  
o seu reino de vidro  
em nossa casa.

Um rato rói  
o teu pensamento  
a noite inteira.

Levanta os braços  
e o riso escorre  
da ferida aberta.

XXIV

A lavoura do vento  
a palha da espiga  
tudo te foi negado.

A teta da terra  
o orvalho dos caminhos  
tudo te foi negado.

A prata da chuva  
o ouro do relâmpago  
tudo te foi negado.

A lua boiando nos campos  
o direito de não morrer  
tudo te foi negado.

XXV

Só resta aos pobres um punhado de cólera.  
E a foice desfraldada  
do pulso vigilante.

Só resta aos pobres o latifúndio do vento.  
E a liberdade se esvaindo  
pelas veias abertas.

XXVI

Os cavalos dos heróis foram pastar  
as barbas dos nossos avós.

Foram pastar o trigo da chuva  
a palha do vento e os mortos do obelisco.

Os cavalos dos heróis comeram as papoulas  
e as baionetas dos soldados.

Comeram as grinaldas dos funerais  
e as medalhas de bronze do vingador.

Comeram as insígnias dos generais  
e os ossos das catacumbas.

## XXVII

Os cavalos dos heróis  
foram devorados pelo mito veloz.

Os cascos rebelados  
galopando sobre as catacumbas

semeadas de baionetas  
e de girassóis atômicos.

Os cavalos dos heróis  
despencaram do abismo.

As crinas apunhalando  
o peito do vingador.

Os cavalos dos heróis  
pastando o nosso espanto e nossa voz.

## XXVIII

Um muro foi colocado  
diante de ti.  
Um muro de pedra e insônia  
do tamanho do silêncio  
e da tua liberdade.

Um muro de solidão  
passa sobre o teu corpo.  
Um muro corta a madrugada pelo meio  
e desaba para além da noite  
e da primavera dos mortos.

## XXIX

Os cavalos dos heróis  
chegaram da profecia  
as potranças relinchando  
sete noites sete dias.

Os heróis vinham montados  
em seus garanhões rebeldes.  
As insígnias germinando  
em todas as paredes.

XXX

Só resta aos pobres a escória do sonho.  
E a face encardida  
ressuscitando na areia.

Só resta aos pobres o banquete da súplica.  
E o vento desfraldando  
a triste memória.

Só resta aos pobres o punhal do vento.  
E as palavras brotando  
das veias abertas.

XXXI

Planta o sigilo das coisas  
na pedra acordada.  
O poeta não doma a palavra  
mas o poeta tece a liberdade  
como se fosse a tela de cristal  
do tempo futuro.  
O poeta acende a tocha das mãos  
para celebrar os ritos da esperança.  
O poeta semeia os dias do seu tempo  
sem esperar pelo aplauso  
dos que foram decretar  
a rendição nas praças públicas.

XXXII

Não te iludas  
com palavras mágicas.  
Semeia o trigo em tua porta.

Enquanto a prole dos robôs  
não governa o teu sonho  
semeia o trigo em tua porta.

O vento não carrega  
a lepra de tua pobreza.  
semeia o trigo em tua porta.

Não consintas que a vida  
se converta em sangue derramado.  
Semeia o trigo em tua porta.

Não permitas que o poema  
transforme a esperança em letra morta.  
Semeia o trigo em tua porta.

### XXXIII

Não troques a alma  
pelo mapa da mina  
a mina germina  
em cofres de ferro.

Cava a tua mina  
com as próprias mãos  
o ouro da mina  
corre em teu sangue.

O vento não carrega  
o mistério da mina  
o sangue da mina  
corre em tuas veias.

Corre em tuas veias  
o segredo da mina.  
A chave do tesouro  
em cofres de ferro.

### XXXIV

Os pobres vão despejar  
a escória de suas vidas no asfalto.

Os pobres não carregam estandarte  
os pobres se governam pela esperança.

Os pobres foram dizimados pelo fogo  
no limiar de um rio de leite e mel.

Os pobres foram expulsos dos seus antepassados  
levando a memória nas entranhas.

Os pobres foram convidados  
para a ceia da bomba atômica.

### XXXV

Herói não é aquele  
que investe contra as multidões  
com o seu cavalo de fogo.

Herói não é aquele  
que se sente contemplado  
do alto das pirâmides.

Herói não é aquele  
que se alimenta de sangue e pólvora  
e dorme abraçado ao fuzil.

Herói é aquele  
que faz do sangue derramado  
uma canção para todos os mortos.

### XXXVI

Há muito tempo houve um rei  
de opulência sem igual.  
Sete palácios de vidro  
outros sete de cristal .

O rei celebrando o amor  
e o povo passando mal.  
Sete mulheres de vidro  
outras sete de cristal

Vassalos em seus cavalos  
saudados por um jogral.  
Sete mentiras de vidro  
outras sete de cristal.

Quando o rei se divertia  
foi morto com seu punhal  
Sete vinganças de vidro  
outras sete de cristal.

### XXXVII

Os sinos estão dobrando  
pelos meninos da África.

Não são os sinos da América  
não são os sinos de Roma.

Os ventos estão chorando  
pelos meninos da África.

Não são os ventos da América  
não são os ventos de Roma.

As bombas estão caindo  
sobre os meninos da África.

Não são as pombas de Roma  
são as bombas da América.

### XXXVIII

Os meninos da África  
não brincam de ciranda.  
Os meninos da África  
brincam de morrer.

Os meninos da África  
comeram os ossos da noite  
as tripas do simum  
e as espigas do deserto.

Os meninos da África  
perderam a voz  
a estrada da liberdade  
e a canção de arroz.

### XXXIX

Os meninos da África  
não viram a estrela do pastor.  
— Viram o rastro de fogo  
da fome atômica.



Os meninos da África  
não viram a pomba da paz.  
— Viram a asa indômita  
da fome atômica.

Os meninos da África  
não viram a rosa orbital.  
— Viram o esporão ensangüentado  
da fome atômica

XL

Todas as verdades  
    todos os conflitos  
todos os arcanos  
    todos os mitos  
todos os dias  
    todas as noites  
todas as espadas  
    todas as foices  
todos os livros  
    todas as lavras  
todos os silêncios  
    todas as palavras  
todos os gestos  
    todas as falas  
todos os fuzis  
    todas as balas  
todas as idéias  
    todas as metafísicas  
todas as utopias  
    todas as místicas  
são inúteis.

## SINOS DA RESSURREIÇÃO

Para Horácio Dídimo

Ó sinos de Ouro Preto  
ó sinos de ouro e prata  
repicai todas as horas  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai ao meio-dia  
repicai de madrugada  
repicai à meia-noite  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai com toda a força  
sinos negros, sinos claros  
repicai alegremente  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai ao fim do dia  
repicai sem intervalo  
repicai setenta vezes  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai, sinos do vento  
sinos do fogo e dos astros  
repicai lá nas alturas  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai na sexta-feira  
principalmente no sábado  
repicai sempre aos domingos  
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai pelas feridas  
e os espinhos do sudário  
repicai setenta vezes  
pelo Cristo ressuscitado.

## **CÂNTICO PASCAL**

A procissão do Cristo Morto  
segue pelas ruas de Ouro Preto.

Homens vestidos de roxo  
Carregam o andor do Cristo Morto.

Anjos esbarram de leve nas vidraças  
para escutar os sinos da sexta-feira de páscoa.

O som da matraca assusta as andorinhas  
de todos os campanários de Minas.

A procissão do Cristo Morto  
segue pelas ruas a passo vagaroso.

Passa pelos caminhos do teu remorso  
a procissão do Cristo Morto?

Das janelas dos sobrados caem pétalas  
de rosas sobre as cinco chagas.

Sangue escuro como as águas de um poço  
verte das feridas do Cristo Morto.

Sinos de Ouro Preto, ó sinos de ouro e prata  
repicai pelo Cristo ressuscitado.

## POEMA SOBRE UM OVID

Que me importa o Halley  
que arrasta pelo céu o esplendor indomável  
de sua cauda magnética?

Que me importa essa maravilha errática  
que dança no espaço e no tempo  
indiferente à nossa insignificância dramática?

Que me importa esse albatroz das esferas  
se não posso flutuar na sua cauda metafísica?

Que me importa o Halley  
alazão veloz rumo à hierarquia dos anjos?

Que me importa esse brinquedo vertiginoso de Deus?

Que me importa essa velocidade flamejante  
se aqui na terra o homem faz guerra ao homem?  
se somos todos assassinos, se bebemos  
do mesmo sangue e da mesma pólvora, se ostentamos  
no rosto a mesma infâmia e a mesma cicatriz?

Que me importa o Halley  
se sei que vou sumir como um grão de pó  
arrastado pela correnteza cósmica?

Que me importa esse misterioso pássaro das alturas  
se me encontro perdido no meio das trevas?  
se a cada momento sou arrastado para o fundo do pântano?

Que me importa o Halley  
se tenho de beber a minha sopa de átomos?

Que me importa o Halley  
    rodopiando no infinito? o Halley atravessando  
    os sete portais da aurora rumo à eternidade?  
Que me importa esse diadema de fogo  
relampejando na cabeça dos astros?  
Que me importa essa divindade de cabeleira azul  
    perseguida pelas dinastias do céu  
se os meus olhos serão apunhalados pelo seu fulgor?

## CHAVE

a chave do reino  
a chave do cofre  
a chave do enigma  
a chave da porta.

a chave do vento  
a chave da água  
a chave do fogo  
a chave da morte.

a chave do pulso  
a chave da mão  
que chave abrirá  
o teu coração?

## MENTIRA

mentira no discurso  
mentira na política  
mentira no velório  
mentira na metafísica.

mentira no café  
mentira no almoço  
mentira na esperança  
mentira no remorso.

mentira na cama  
mentira na mesa  
mentira na alegria  
mentira na tristeza.

mentira na dúvida  
mentira na estética  
mentira na lírica  
mentira na épica.

mentira na lauda  
mentira na conversa  
mentira na estrutura  
mentira no alicerce.

mentira no éter  
mentira no vento  
mentira por fora  
mentira por dentro.

Tudo é mentira  
que engorda e procria.  
Menos a morte  
e a nossa utopia.

## O FALCÃO

Eu vi um falcão pousado  
À porta de minha casa.  
Tinha os olhos fulgurantes  
Perdidos na imensidade.

Nunca vi pássaro igual  
A este falcão sinistro  
Que me fitava do alto  
Como um demônio sombrio.

Era um falcão solitário  
Chegado de muito longe.  
Nos olhos a nostalgia  
Dos mares atravessados.

Longamente meditava  
Como um filósofo antigo  
Desses que as causas procuram  
Da morte como da vida.

De que país subterrâneo  
Veio o falcão solitário?  
— Em cada pluma do corpo  
Vestígios da eternidade.

De que país ou arcano  
De que reinado de espectros  
Veio essa ave sombria  
Como o barqueiro do Letes?

De que dinastia veio  
Além da noite infinita?  
De que império de soluços  
Veio essa ave fatídica?

Presumo que a ave insigne  
É o espírito de um bardo  
Que se evadiu das esferas  
Onde o eterno anseio arde.

Pois, com certeza, se trata  
De um falcão de nobre estirpe  
Este infante assinalado  
Saberá que a morte existe?

Saberá que a vida é um sonho  
O falcão de olhos de ouro?  
Saberá que os sonhos ardem  
Nas chamas do purgatório?

Saberá que Deus à espreita  
Além deste azul de cismas?  
Saberá que em nosso peito  
Sangra um tenebroso enigma?

Saberá que a minha sombra  
Me espera detrás da porta?  
Saberá o rei do zênite  
Que a vida verte da morte?

Saberá, essa ave ungida  
Pela coorte dos deuses  
Que mistério indecifrável  
Carrego dentro do peito?

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão etéreo  
Que veio lá dos confins  
Da noite arcaica das eras

Nunca vi uma ave assim  
Tão solene e pensativa!  
Será um deus rebelado  
Fugindo do paraíso?

Algum deus que se cansou  
Dos anjos e das esferas?  
Algum deus que veio à tona  
Dos seus profundos mistérios?

Um deus expulso de alguma  
Tenebrosa hierarquia?  
Um deus exposto ao sarcasmo  
Dos filhos da profecia?

Nunca vi uma ave assim  
Que ardesse de plenitude.  
O espanto lhe consumindo  
Os olhos de demiurgo.

Nunca vi uma ave assim  
Cercada de tanto brilho.  
Uma ave que ardesse tanto  
Dentro do próprio sigilo.

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão esbelto  
Que agasalhou o horizonte  
Dentro das asas abertas.

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão em chamas  
Que veio da eternidade  
Por sete rotas de sangue.

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão de Homero  
Que veio de sete mares  
Cruzando todo o hemisfério.

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão do empírio  
Que veio da sétima altura  
E atravessou o arco-íris.

Nunca vi uma ave assim  
Como este falcão dos Andes  
Que habita os rincões do fogo  
Junto da estirpe dos anjos.

Será que o pássaro insone  
Veio das bordas do abismo?  
Será que veio da neve  
Das montanhas de altos cimos?

Este falcão visionário  
Este falcão taciturno  
Será o espírito errante  
De algum príncipe do absurdo?

Será arauto de Deus  
Ou emissário do inferno?  
Vem de Sodoma e Gomorra  
Ou vem do eterno desterro?

Este falcão que medita  
Longamente à minha porta...  
Será sombra da minha alma  
Ou do anjo negro da morte?

## **DOIS LADOS**

Parto do lado direito  
Regresso do lado esquerdo.  
De um lado sou destemido  
Do outro já tenho medo.

Meu lado direito cala  
Meu lado esquerdo protesta  
Um anda à cata de sonhos  
Outro almoça e faz a sesta.



Meu lado direito ignora  
O que o lado esquerdo diz.  
Aquele vai ao enterro  
Este se alegra em Paris.

Meu lado direito fuma  
O esquerdo gosta de ópio.  
Um lê Álvaro de Campos  
Outro mergulha no ócio.

Um se veste de espavento  
Outro de espantalho verde.  
Será meu lado direito?  
Ou será meu lado esquerdo?

## CANÇÃO DAS AMADAS DE OUTRORA

Chuva de cristal caindo  
do céu de nuvens antigas.  
Onde as amadas de outrora  
louras como as espigas?

Chuva de cabelos frios  
tecendo lendas nas telhas.  
Onde as amadas de outrora  
com suas bocas vermelhas?

Chuva adejando no céu  
com sete vestes de linho.  
Onde as amadas esguias  
como uma taça de vinho?

Chuva de olhos compassivos  
como os de Nossa Senhora.  
Onde andarão as amadas  
com seu mistério de outrora?



# LIVRO V

---

*É a poesia é a sombra que nos espera  
de um outro tempo, de um outro tempo  
na chegada da noite.  
É a sombra que espera  
a chegada do vento.*

*Carlos Nejar*

*Sinto-me semente  
da infinita floração de Deus  
ao vento.*

*Fernando Mendes Viana*

*A máquina do mundo é bastante complexa para  
a simplicidade dos homens.*

*O sonho de um é parte da memória de todos.*

*Jorge Luís Borges*



## INVOCAÇÃO DO PERSA

Quer além do Jordão ou além do Indo,  
Quer o Mundo te seja feio ou lindo,  
Foge o Vinho da Vida gota a gota  
E as folhas uma a uma vão caindo.

*OMAR KHAYYAM*

*(Trad. de José Rebouças Macambira)*



1

O inverno açoita a chama da candeia  
E apaga o olhar dos mortos sob a areia.  
As nossas mais diletas utopias  
Não valem mais que as sobras de uma ceia.

2

Celebra o amor com madrigais e odes  
Mas nunca sejas êmulo de Herodes.  
Não pede ao sonho o verso consagrado  
Nem dês à vida aquilo que não podes.

3

Desfruta a amada e o seu secreto seio.  
Prova do amor, do trigo e do centeio.  
A foice da ceifeira infatigável  
Não cessa o seu sinistro pastoreio.

4

A morte vem dos ermos desolados  
Sem se importar com os vícios e os pecados.  
As estrelas velozes são fogueiras  
Em que arderão os dias consumados.

5

Somos irmãos dos anjos decaídos.  
A vida é um mar de provações e olvidos  
Em que nos afogamos para sempre  
Levados pela barca dos sentidos.

6

No altar de Vênus ou no andor de Orestes  
Se de estamenha ou púrpura te vestes  
— Tudo são devaneios da alma ardente.  
Pois vais dormir à sombra dos ciprestes.

7

Pastorador de estrelas solitárias  
És uma sombra entre milhões de párias.  
Mendigo ou rei, tudo se acaba em cinzas  
Sob o casco veloz das alimárias.

8

Onde passeia lerdamente o onagro  
Vai repousar o teu cadáver magro  
Onde as ovelhas pastam teus avós  
Leio agora as canções que te consagro.

9

Quando o sol das vindimas sazonar  
Espreme as uvas dentro do lagar  
Onde a chama do vinho resplandece  
Como um rubi no coração do mar.

10

O vinho acende o coração do poeta  
Como a candeia inflama a borboleta.  
Bebe em paz o teu cântaro de vinho  
A sombra dos augúrios do Profeta.

11

As mutações do Tempo considera  
E o giro eterno da incessante esfera.  
Vai-se o equinócio, os mortos ressuscitam  
Nas asas nupciais da primavera.

12

Considera que a vida é pouca e breve  
E que os sonhos se esfumam como a neve.  
Que as nossas utopias são vestígios  
De um reino que se quis e não se teve.



## 13

Enquanto as águas correm nestes rios  
 E vão levando os nossos desvários  
 O alazão do mistério te arrebata  
 Para o solar dos pórticos sombrios.

## 14

Bebe ao seio da amada quantas vezes  
 Puderes. Os dias, anos e meses  
 São como a espuma errática dos rios  
 Que se evapora ante o desdém dos deuses.

## 15

Celebra a formosura das donzelas  
 As rosas brancas, rubras e amarelas.  
 O seio ardente e o cântaro de vinho  
 Que te adormecem junto das estrelas.

## 16

Não te deslumbres com a volúvel fama.  
 Se o vento sopra desfalece a chama  
 Fugaz. Destino, enigma, vida e morte.  
 Tudo se liga ao centro dessa trama.

## 17

O carrossel dos meses e dos anos  
 Passa por nós, trazendo novos danos.  
 Sonhos e anseios mudam de repente  
 Como a espuma veloz dos oceanos.

## 18

Semeia a terra na Estação do amor  
 Para que o trigo desabroche em flor  
 E as pestanas da amada amadureçam  
 Aos olhos nupciais do plantador.

19

Ninguém resiste ao naufrágio da barca  
Das ilusões. Ninguém deixará marca  
Nas palavras velozes do epitáfio.  
Vidas são folhas do jardim da Parca.

20

Enquanto o céu dos mortos devaneia  
E o mar escreve lendas sobre a areia  
Rega com vinho o amor, que o amor é sábio.  
E apaga a luz dos olhos da candeia.

21

A porta azul da imensidade vasta  
E a verde relva onde a alimária pasta  
São configurações do mesmo abismo  
Que ao tropel das idades não se gasta.

22

Celebra o amor, pastora o teu rebanho  
À luz das estrelas. A perda e o ganho  
Fazem parte do jogo do Destino.  
O coração é um santuário estranho.

23

Que importa ao morto o badalar do sino  
Funhal cravado às costas de um menino?  
Os que o vão carregando para a cova  
São emissários negros do Destino.

24

O tédio é um cão que engorda e que procria  
Sob o dossel da vã filosofia.  
Expulsa essa Medéia do teu leito  
E escreve uma epopéia de alegria.

25

A sabedoria é a simplicidade  
E o coração o arauto da verdade.  
Sábios e estultos dormirão no olvido  
Ao galope veloz da Eternidade.

26

Eros, o deus do espaço dividido  
Vagueia nas esferas distraído.  
Procura a outra metade do seu corpo  
Nos bosques encantados da libido.

27

Mais vale a sedução deste momento  
Que um celeiro de espigas ao relento.  
Prefere o enleio dos clarins da aurora  
Às mais altas visões do pensamento.

28

Repara como a aranha tece a teia  
E como o sol dos mortos a incendeia.  
Repara como o orvalho se evapora  
Ao desdém do epitáfio sobre a areia.

29

Contempla a flor que brota no monturo.  
E que se aquece aos olhos do futuro.  
Repara no amoroso devaneio  
Da verde hera que se abraça ao muro.

30

Que sabes tu da essência dos obietos  
E dos seus paradoxos mais secretos?  
Os sábios mal conhecem pelo nome  
As articulações dos esqueletos.

31

O Tempo é algoz no seu tropel veloz  
Que esmaga o escravo e esmaga os faraós.  
Na ravina ondulada pelo vento  
Dormem profundamente os teus avós.

32

Se caminha apressado ou segue lento  
Se se move a favor ou contra o vento  
O destino do homem não se altera  
Nem vai mudar as leis do firmamento.

33

Mãos de cristal com dedos de rubi  
Vão regar as vindimas de Engadi.  
À sombra destas vinhas floresceu  
O amor de Betsabéia e de Davi.

34

A glória e a fama, nada disso importa  
Se o remorso te espreita atrás da porta.  
Enquanto o vinho alegra os comensais  
Erram fantasmas pela noite morta.

35

Bebe o teu vinho à sombra da imburana  
Alheio aos vaticínios da cigana.  
Pelas estradas espectrais da lenda  
O Destino conduz a caravana.

36

À sombra da mesquita o muezim  
Contempla as rosas do espectral jardim.  
A tarde de açucenas desfolhadas  
Desfalece entre orgias de cetim.

37

Estas cabras pastando sobre o monte  
Vêm das odes frugais de Ariacreonte.  
O azul do céu clareia as alimárias.  
Canta o arrabil das águas de uma fonte.

38

Escuta o muezim quando anuncia  
Que no ocidente se esfumou o dia.  
Escuta o céu para que não suceda  
Que te percas nas trevas da agonia.

39

Os golpes do Destino deixam rastros  
Cruéis no coração dos insensatos.  
Molha com vinho os lábios da incerteza  
E vai dormir com a música dos astros

40

Semeia a terra, doma os bois e o arado  
Para que o trigo cresça sem cuidado.  
Atenta para a nuvem quando emigra  
Pelo céu, como um pássaro assustado.

41

Quando o inverno chegar, acende a chama  
À porta do palácio ou da choupana.  
Nenhum homem terá fortuna e glória  
Longe dos olhos negros de quem ama.

42

Guarda a memória do ancestral severo  
Que foi dormir o sono derradeiro.  
À luz da chama que agoniza ao vento  
Recorda os versos imortais de Homero.

43

Abomina os escravos da avareza  
E da ambição. Foge da correnteza  
Que abala o cedro e os deuses da montanha.  
Se o coração te arder, medita e reza.

44

Guarda-te das verdades sedutoras.  
Longe o impostor da casa em que tu moras.  
Escuta o coração dos oprimidos  
Que se espedaçam no tropel das horas.

45

Os sonhos, as tristezas e as fadigas  
Serão depois recordações antigas.  
A lua ensangüentada dos heróis  
Clareia a cimitarra sem que o digas.

46

O Destino, esse algoz, arma o seu laço  
Sobre os heróis curvados de cansaço.  
O homem sábio leva a taça à boca  
E vai sonhar pelos confins do espaço.

47

Se a existência te pesa como um fardo  
Corre ao velho Khayyam, profeta e bardo.  
Bebe as estrofes imortais do persa  
Que te incendeiam como um vinho amargo.

48

Os doutos e filósofos austeros  
Não te ensinam caminhos verdadeiros.  
Desconfia dos tomos sibilinos  
E aprende o amor nas pálpebras de Eros.

49

Eros, o deus da eterna mocidade  
Te iniciará nos ritos da verdade.  
Eros nasceu da primordial semente  
Que fecunda o universo e a humanidade.

50

Nas estantes repletas de alfarrábios  
Dormem profetas, menestréis e sábios.  
Quando as asas do tédio pressentires  
Molha com vinho a harpa dos teus lábios.

51

Do tédio afasta a venenosa garra.  
Goza da vida a esplêndida fanfarra.  
Alheia a nós, a argila do crescente  
Ergue o perfil de eterna cimitarra.

52

Todas as glórias e fortunas. Todas  
Essas dádivas do acaso são modas  
Que os caprichos do vento apagarão.  
Pálida escória que restou das bodas.

53

Passa a fortuna, passa o encantamento  
Como ovações levadas pelo vento.  
Um pouco de memória, outro de areia.  
— Eis tudo o quanto resta desse invento.

54

Que tenebrosa força te governa?  
Que é que te induz a uma existência eterna?  
Procura o emblema do imortal Dioniso  
E o encontrarás às portas da taberna.

55

A esfera não se move a teu império.  
O cipreste espectral do cemitério  
Pastora os mortos e a agourenta lua.  
Teu coração é um poço de mistério.

56

Nas tardes frias a andorinha passa  
Desfraldando estandartes de fumaça.  
Sonhos e anseios passam pela vida  
Como os raios do sol pela vidraça.

57

Pergunta ao que trabalha na olaria  
Pela argila fecunda que procria.  
O artesão te dirá que a alma do barro  
A todo instante acaba e principia.

58

Com vinho e amor teu coração se alegra  
E o mais alto dos bardos te celebra.  
Deita a cabeça à sombra das vindimas  
E olvidarás a feiticeira negra.

59

O louro sol prossegue o seu caminho  
Alheio à dor e ao cântaro de vinho.  
Procura o amor à sombra da mansarda  
E não nas cartas fúteis do adivinho.

60

O homem sábio sabe que é imperfeito  
Ou quando reza ou quando está no leito.  
Enquanto dormes, o alazão da morte  
Passeia velozmente no teu peito.



61

Nossa existência é alguma hospedaria  
Onde o viajor dencansa ao fim do dia.  
Entre um gesto e outro gesto perecemos.  
— Tudo o mais é incerteza que se adia.

62

A aurora desfraldou seu estandarte  
Para saudar o nômade que parte.  
Mas toda estrada vai findar na cova  
A sombra do cipreste a consolar-te.

63

A vã ciência com desdém te olha.  
A presunção dos sábios se desfolha  
Como a rosa esquecida da utopia.  
Esse lenho arderá como essa folha.

64

Flor que se acende, estrela que trescala  
Candeia ardente que perfuma a sala.  
— Tudo faz parte do assombroso arcano  
Que o teu lábio arremeda quando fala.

65

Passa pela oficina desse oleiro  
Que modela o esqueleto verdadeiro.  
O barro com que imita a divindade  
Enche o universo de aprazível cheiro.

66

A ciência dos homens é mais vã  
Do que a espuma do mar. O vinho e a lã  
Têm mais valor na trama do universo  
Que as belas utopias do amanhã.

67

A dor humana, a desventura alheia  
O odor veloz da fada horrenda e feia.  
A fome, a peste, a guerra e o desatino.  
Não te enredes nas malhas dessa teia.

68

O pólen da existência se dispersa  
Na esfera inacessível. Toda essa  
Constelação secreta das essências  
Palpita nas metáforas do persa.

69

Eros te diz que as formas passageiras  
Do amor são como a cinza das foqueiras.  
Não queima o incenso do teu sonho breve  
No eterno funeral das carpideiras.

70

Tu vais a pé, a morte anda a cavalo.  
Quando, alta noite, ouves cantar o galo  
É que a esfinge espectral já se aproxima  
Com seu perfil de foice e seu badalo.

71

Segunda ou quarta ou sábado ou domingo  
Vive em paz com teus deuses e o cachimbo.  
Antes boiar nas águas do remorso  
Que mergulhar na escuridão do limbo.

72

O coveiro a cavar toda a semana  
Para que passe a eterna caravana.  
O coração da insone carpideira  
Com a mortalha dos vivos se engalana.

73

Se a razão não possui sólidas pernas  
Só te dará verdades subalternas.  
Nos altares do vinho, ó forasteiro  
Dissiparás as dúvidas eternas.

74

Quando a tarde se inclina no ocidente  
O muezim se curva humildemente.  
Da sombra da mesquita olha o universo  
Passando pelo abismo indiferente.

75

Dardeja no ar o sazonado outubro.  
A vaca encrespa a relva com seu ubre.  
Na vertente escondida arrulham pombas.  
Fermenta no lagar o vinho rubro.

76

Quase não dorme o lúgubre coveiro.  
Trabalha sem descanso o tempo inteiro.  
A pá veloz não cessa de carpir  
Como se fosse um pássaro agoureiro.

77

Essa pá tenebrosa não descansa.  
Nunca se acaba sua sinistra dança.  
Mas o coveiro não pergunta ao menos  
Quem pesa mais nos pratos da balança.

78

Com essa pá, que desconhece as leis  
Cavou a tumba de setenta reis.  
Enterrou Salomão e as concubinas  
E foi dormir à sombra dos bordéis.

79

Arrogante e falaz sabedoria  
Que não decifra o enigma da olaria.  
Toda impostura é vã. Somente o vinho  
Espanta as sombras da melancolia.

80

O vinho acende os olhos dos mortais  
E nos envolve num fulgor de paz.  
O vinho acorda o espírito da ceia  
E desvenda o universo aos comensais.

81

O sigilo do Céu não se desvenda  
Aos olhos dos mortais. Verdade ou lenda  
Tu vais dormir num leito de agonia  
Amortalhado em crepes de oferenda.

82

O avarento só pensa na abastança  
Do celeiro de espigas e da pança.  
Mas o coveiro não pergunta ao menos  
Quem pesa mais nos pratos da balança.

83

O avarento se mede pelo cheiro  
E pelo odor da túnica do herdeiro.  
A pá veloz não cessa de carpir  
Seu funeral de pássaro agoureiro.

84

Se encontras o impostor, dobra o caminho.  
Não te arrisques a tê-lo por vizinho.  
As mãos inacessíveis do avarento  
Valem mais que os augúrios do adivinho.

85

O outono aflora em árvores antigas.  
Moças em flor vão desfolhar espigas  
Ao vento. Teus antepassados dormem  
Na catedral de areia das formigas.

86

A verdade do vinho nunca muda.  
Gerações o celebram desde Buda.  
Medita o sábio à sombra das vindimas  
E o visionário tristemente estuda.

87

Estuda Matemática, Geometria  
Mistérios da Cabala e da Alquimia.  
Estuda o teorema e a hipotenusa  
Mas a alma no peito está vazia.

88

Estuda as leis da Trigonometria  
E os rouxinóis que vão raiar o dia.  
Estuda os mil disfarces da matéria  
Mas a alma no peito está vazia.

89

Se no vinho, ó mortal, não achas paz  
No tomo insigne não a encontrarás.  
Perde o sábio a razão, perde a inocência  
Mas não se iguala aos deuses imortais.

90

O que julgavas fosse um demiurgo  
Será talvez algum pavor noturno.  
Na mesma palha em que o mortal se aquece  
Medita um deus de cenho taciturno.

91

O sigilo dos mortos é indiviso  
E a sombra dos avós no paraíso.  
Celebra a insignia da mulher amada  
O seio ardente e as conchas do sorriso.

92

Celebra o vinho e o luminoso arcano  
Dos pássaros que emigram todo ano.  
Celebra a adolescência aventureira  
As vitórias do grego e do troiano.

93

Celebra o eterno mar e a eterna vaga  
E o coração, que a todo instante indaga.  
Canta o andarilho atento à caravana  
Indiferente à ventania aziaga.

94

O sol que ofusca, o vinho que fermenta  
O touro erguido e a vaca sonolenta.  
Canta as asas velozes das espigas  
E o pastor que as ovelhas apascenta.

95

Canta as éguas douradas pelos campos  
E o devaneio azul dos pirilampos.  
A pá veloz não cessa de carpir  
Pelos órfãos de todos os espantos.

96

Eros, o deus imberbe, odeia o siso  
E desdenha do amor se for preciso.  
Na carruagem dos deuses imortais  
Quem mais frugal que o lépido Dioniso?

97

No céu do hebreu a lua afaga o olvido  
Com seu perfil de arcanjo distraído.  
O simum corta ao meio as caravanas.  
As núpcias da taberna te convido.

98

Nunca se volta do País sombrio.  
Troca por vinho a astúcia e o desvario.  
Vai-se o tempo em perpétua correnteza.  
Morres de sede à beira desse rio.

99

Pitágoras descobre a hipotenusa  
Enquanto Galileu brinda a outra Musa.  
Idéias são serpentes enlaçadas  
Devorando os cabelos de Medusa.

100

O mar explode à sombra dos rochedos  
Mas ao céu não revela os seus segredos.  
Cala os teus danos, cala essa esperança  
Que te escapa das mãos por entre os dedos.

101

O instante é uma ilusão que se evapora  
Como as vestes rosadas desta aurora.  
À sombra dos ciprestes vão passando  
Os teus avós com seus perfis de outrora.

102

Quando a alvorada dos umbrais souo  
O espírito de Khayyam me visitou .  
Veio montado no alazão dos mortos  
E uma taça de vinho me ofertou.

## **HORA DO POEMA**

A hora do poema é a hora da verdade.  
A hora do testemunho e do sangue  
do compromisso e da expiação.  
A hora do poema é a hora de começar  
a abrir teu coração, como se ele fosse um jardim de palavras  
para florescer na memória dos outros.

A hora do poema é a hora da ceia da alma.  
Acende os castiçais do verso  
para que o canto se ilumine como uma sala  
onde todas as coisas e o silêncio estão mergulhadas  
na obscuridade do crepúsculo.

A hora do poema é a hora de amolar  
o alfange da dúvida.  
A hora de ficar à espreita da palavra  
que arde como a asa do espírito e o êxtase de Deus.  
A hora do poema é a hora de vestir  
a túnica dos inocentes. A hora de escutar  
a solidão como um ranger de dentes.

A hora do poema é a hora de partir para longe  
e de voltar para perto.  
A hora de entrar e de sair  
A hora de acender e de apagar  
A hora de germinar do lado direito  
A hora de reverdecer do lado esquerdo.  
A hora do poema é a hora de morrer e de ressuscitar.

## **POEMA DAS MÃOS VAZIAS**

Tenho as mãos vazias  
de todas as coisas que amei.  
Tenho as mãos vazias  
e contudo desejo te ofertar  
os olhos desta canção.



Já desfiei um rosário de palavras  
diante do teu santuário.  
Já somei todos os dias do tempo  
para com eles tecer  
minha túnica de paz e areia.  
Dentro do meu coração passa uma rua  
de árvores desfolhadas.

Tenho as mãos vazias  
e contudo os meus passos vão florescendo  
como se fosse possível  
refazer os caminhos que juntos semeamos  
com o sangue dos nossos pés.  
Como se fosse possível  
não morrer aos punhais de tua voz.

## **POEMA CRUCIAL**

Chega um momento em que é preciso  
cortar a veia para que o sangue proteste

Chega um momento em que é preciso  
desatar os pulsos para que a vida transborde

Chega um momento em que a liberdade  
não pode conviver com a baioneta do déspota

Chega um momento em que o silêncio  
golpeia a hipocrisia com a rapidez de um látigo

Chega um momento em que vomitas  
todas as palavras e a cólera das entranhas

Chega um momento em que é preciso  
enterrar a memória e recomeçar tudo outra vez

Chega um momento em que a mentira de cada um  
prevalece sobre a verdade de todos

Chega um momento em que as tuas retinas  
sangram, fantasmagorias de cristal

Chega um momento em que é preciso apagar  
o remorso como se fosse uma cicatriz

Chega um momento em que o amor se evapora  
como se nunca tivesse existido

Chega um momento em que a tua solidão  
troca o alaúde pelo punhal

Chega um momento  
em que a palavra não basta.

## **SEMPRE**

Sempre haverá um dia depois do outro  
sempre haverá uma aurora trespassando os olhos da treva  
sempre haverá um corvo te agourando detrás da porta  
sempre haverá um vento de dedos frios pelos cabelos da  
amada morta  
sempre haverá um cão lambendo o fantasma da lua  
sempre haverá um barco à espera do afogado  
sempre haverá um gesto de adeus à espreita do suicida

sempre haverá uma estrela sazoadada caindo do céu  
sempre haverá um homem repartindo a solidão com outro  
homem

sempre haverá uma mulher de pálpebras acendidas pelo amor  
sempre haverá um pastor à procura da ovelha desgarrada  
sempre haverá um regato tocando sua flauta de areia  
sempre haverá um sino dobrando pela alma do sol  
sempre haverá andorinhas desfolhadas no azul  
sempre haverá pardais se amando nos fios elétricos  
sempre haverá uma rosa desabrochando na tarde cinzenta  
sempre haverá a memória de um morto te apunhalando  
pelas costas.

Sempre haverá uma placa no lugar da rua  
sempre haverá uma rua por onde ninguém passou  
sempre haverá a lembrança de uma rua assim  
sempre haverá uma pessoa atravessando essa rua  
sempre haverá uma lua ladrando aos cães dessa rua  
sempre haverá uma tabuleta à porta da tabacaria  
sempre haverá um bêbado sonhando sob os lâmpões dessa rua  
sempre haverá uma janela na sacada que nunca existiu  
sempre haverá uma namorada te acenando dessa janela.

## **ESTIGMA**

A solidão do morto  
te acompanha debaixo da pele  
e te marca para sempre  
com o seu estigma de fogo.

Não te iludas com essa voz  
de fada que te chama do fundo das esferas.  
A fatalidade nos persegue  
como um cão uivando para a face da lua.

Teu coração morre todos os dias  
teu sangue se corrompe a cada segundo  
tua memória rodopia na areia  
como a folha tombada.

Não te iludas com essa voz  
que te chama da profundidade das entranhas.  
O tempo é um punhal de remorso  
com que a solidão nos mata.

## **POEMA DA OBSTINAÇÃO**

Os olhos alagados de espanto  
continuarei te esperando.

A boca dilacerada pelo adeus  
continuarei te esperando.

As mãos acorrentadas ao sangue do morto  
continuarei te esperando.

A memória estraçalhada pelos cachorros  
continuarei te esperando.

O coração partido como um santuário de areia  
continuarei te esperando.

As chaves atiradas aos répteis no fundo do poço  
continuarei te esperando.

A maldição te roçando como a asa de um corvo  
continuarei te esperando.

As aves de rapina celebrando o funeral das estações  
continuarei te esperando.

## HERANÇA

A paisagem áspera  
A terra crucificada numa grinalda de espinhos  
São herança do morto.

As altas vigas de cedro  
A eternidade alvorecendo nas têmeoras  
São herança do morto.

A faiança e os pratos de ágata  
A grande mesa de jacarandá  
São herança do morto.

Os esteios do alpendre  
As aldravas e as fechaduras das portas  
São herança do morto.

Os castiçais apagados  
A memória escorrendo dos retratos  
São herança do morto.

A maldição germinando nas paredes  
A nódoa de sangue no ladrilho  
São herança do morto.

A solidão destas salas e o clamor  
Destas asas velozes que descem da cumeeira  
São herança do morto.

O ranger do vento nos gonzos  
E os passos do fantasma descendo a escadaria  
São herança do morto.

## COMPROMISSO

O poema é o meu compromisso de sangue  
com todos os fantasmas  
que pelejam dentro de mim.  
O poema é o cio  
da loba que amamenta a eternidade veloz.  
O poema é a efígie do ancestral  
sobre os esteios da casa.  
O poema é o sangue  
do estrangeiro derramado na soleira da porta.  
A chave secreta da porta  
que só se abre para a ventania.  
O poema são os passos  
do fantasma na escadaria negra.  
O poema é esse grito  
que nasce das entranhas feito raiz.

O poema é o meu compromisso com a paisagem  
o magnetismo da minha bússola  
o meu protesto e a minha lei  
meu remorso e meu diadema  
meu portulano de espuma do mar  
meu anzol de pescar solidão  
meu santuário de cedro  
meu ícone de areia  
meu orago de pedra de ágata  
o barro de esculpir a memória de Deus  
minha argila com febre  
minha liberdade coroada de espinhos  
meu alaúde partido  
minha harpa de cordas de prata  
meu bandolim mouro  
meu pergaminho azul, meu garanhão árabe.

## CÂNTICO DO FILHO

Vou gerar um filho no teu ventre.  
Um filho com o fulgor do raio  
e a mansidão da pedra.

Vou gerar um filho no teu sexo de cristal.  
Vou gerar um filho de corpo veloz  
nas tuas retinas ensolaradas.

Vou gerar um filho nas entranhas da amada  
para que ela o amamente  
com os seus peitos de pêssego.

Vou gerar um filho na tua carne áspera.  
Um filho de braços possantes  
para que possa domar os temporais.

Vou gerar um filho de músculos de pedra  
para que ele mame a eternidade  
nos teus peitos de loba.

Vou gerar um filho nas tuas ancas  
para que ele incendeie o céu  
como o albatroz.

## **SONETO DE UMA CORDA SÓ**

Enquanto me assassino neste recinto  
de burocratas embalsamados, sinto  
que a vida se esvai no horizonte indistinto.  
O jeito é prosseguir e apertar o cinto

sem perguntar pelas pombas de Corinto.  
É preciso reviver o sonho extinto  
sorrir candidamente para o distinto  
público e mergulhar no labirinto.

Herói não sou. Tal pompa não me consinto.  
Só te digo a verdade quando não minto.  
Meu sonho passeia num cavalo faminto.

Não tive herança nem brasões. Tive helminto.  
Costumo embebedar-me de vinho tinto  
enquanto os bardos da corte bebem absinto.

## ODE AO CORPO E ALMA DO VINHO

I

Corpo de vinho e corpo de mulher  
esculpidos no corpo de uma taça.  
Flutuam na indolência que trespassa  
o cedro esguio que acabou de arder.

Corpo de vinho, acorde para o adágio  
subir ao céu nas asas desta chama.  
Corpo que acende os olhos de topázio  
dos seios da mulher que a gente ama.

Corpo e alma do vinho, corpo em núpcias  
de cristal com os pássaros do vento.  
Corpo ofertado aos deuses da volúpia  
numa taça de areia em movimento.

Corpo que acende o signo das esferas  
onde os astros levitam noutros corpos.  
Corpo a sangrar pelas veias abertas.  
— Corpo de Deus que ressuscita os mortos.

II

Corpo e alma do vinho. Ó puro frêmito  
da vida. Ó espírito que se move  
sobre as águas. Ó limpidez serena  
das esferas mais altas, quando chove

o ouro das galáxias sete vezes.  
Ó corpo fecundado desde a origem.  
Ó túnica de fogo com que os deuses  
se vestem para a ceia da vertigem.

Corpo e alma do vinho. Ó rosa mística  
da oferta solar se repartindo  
com os setenta arautos da falange  
que habita a sexta aurora metafísica.

Corpo e alma do vinho, corpo em chamas  
como a espada do arauto e o seu presságio.  
Corpo em metamorfose para o arcanjo.  
Ó pomba alvorecendo sobre as águas.

### III

Vinho para o amor, vinho para as bodas  
dos anjos, nas esferas cristalinas.

Vinho para os menestréis e os rapsodos  
que fazem serenatas nas esquinas

da solidão. Vinho para os bastardos  
esquecidos na soleira das portas.

— Vinho para os deuses e para os bardos  
que tornam vivas as lembranças mortas.

Vinho para o que tece o seu destino  
com as próprias mãos. Vinho para o que veio  
da argila azul de um sonho pequenino  
guardado inteiro no cantil de um seio.

Vinho do amor, vinho feito dos bagos  
sazonados no tempo da vindima  
para Camões — o mais gentil dos bardos  
e os tristes namorados de Hiroxima.

### IV

Vinho do amor, ensolarado vinho  
que os deuses bebem na azulada esfera.

Vinho despetalado sobre o linho  
do tempo neutro que se faz espera.

Vinho do amor dormido nas retinas  
cheias de sol das divindades gregas.

Vinho ardente das facas assassinas  
que faiscam nos olhos das adegas.

Vinho da liberdade, repartido  
com a esperança indômita das turbas.

Vinho que jorra em paz, como um balido  
de ovelha iluminando as horas turvas.

Vinho sazonal dos festins de Apolo  
para os nossos desejos e os alheios.

Vinho com que me esqueço e me consolo.

Vinho a escorrer das vides dos teus seios.



## V

Vou brindar ao profeta dos espantos  
que encheu de vinho as taças nupciais.  
A Cesário Verde e Alvaro de Campos  
a Drummond e Vinícius de Moraes.

Ao tecelão de devaneios brancos  
a Manuel Bandeira e Jorge de Lima  
a Mário Quintana e Augusto dos Anjos.  
— Brindo a todos com a taça desta rima.

Brindo a Camões, brindo a Florbela Espanca.  
A Neruda brindo setenta vezes.  
Brindo ao cantor da luminosa Espanha  
com o vinho insigne do lagar dos deuses .

Faço um brinde a João Guimarães Rosa.  
Faço um brinde de honra a Saint-John Perse  
cujo verso é uma estrada de esperança  
atravessando o corpo do universo.

## VI

Bebe o vinho dos deuses, que transborda  
da taça da vida. Súbito passa  
a caravana das horas — e a horda  
dos teus sonhos se converte em fumaça.

Bebe o vinho das caladas botelhas  
que enxergam o tempo com as retinas cegas.  
Vinho que às vezes ressuscita as velhas  
memórias veludosas das adegas.

Bebe o vinho que embala essa criança  
que ao teu cansaço docemente assoma.  
Vinho que acorda as asas da lembrança  
velozes como as asas da paloma.

Bebe o vinho do favo das abelhas.  
Bebe o vinho da vida enquanto podes  
pastorar o rebanho das estrelas.  
Cantar o amor em luminosas odes.

## DESENHO CREPUSCULAR

A tarde vai caindo devagar  
Sobre as árvores longas do passeio.  
Andorinhas flutuam num cismar  
Azulado. E o seu puro devaneio  
na memória dos olhos permanece.  
Permanece o mistério deste dia  
Que se desfaz em signos de quermesse  
Cinza de encantamento e nostalgia.  
A tarde vai caindo sobre a torre  
Da igreja. Vai caindo devagar  
Num soluço agônico de quem morre  
trespassado pelo alfanje lunar.  
Declina a tarde com seu caule esguio  
E o seu clarão de mastros de navio .

## POEMA PARA ESCREVER NO ASFALTO

agora eu sei o quanto basta à ceia do coração  
e o quanto sobra do naufrágio  
das nossas utopias

agora eu sei o que significa a fala dos mortos  
e esta parábola soterrada  
que jorra das veias da pedra

agora eu sei o quanto custa o ouro das palavras  
e este pacto de sangue  
com as metáforas do tempo

agora eu sei o que se passa no coração da treva  
e do homem que morre mendigando  
a própria liberdade

agora eu sei que o pão da terra nunca foi repartido  
com a nossa pobreza  
e com a solidão de ninguém

agora eu sei que é preciso agarrar a vida  
como se fosse a última dádiva  
colocada em nossas mãos.

## PARÁFRASE DE UMA CANÇÃO DE ISAÍAS

Meu pai plantou sua vinha  
onde a terra era mais fértil  
e as águas da vertente  
jorravam cristalinas  
dos seios da pedra.

Meu pai regou a sua vinha  
com o suor do rosto e o orvalho do céu.  
Seus olhos insones velavam  
pelos brotos da vinha  
com o mesmo zelo com que o amado  
pastora os olhos da amada.

Meu pai plantou a sua vinha  
no cimo azul dos dias  
para que fosse contemplada  
pelos olhos das águas.  
Quando, porém, chegou o tempo da ceifa  
só produziu uvas amargas.

## POEMA DOS GESTOS OBSCUROS

Os grandes acontecimentos ignoram se estou vivo ou se morri  
só o vento vespertino vindo do mar sabe o meu endereço  
não tive grandes amores nem orgasmos célebres  
amei muito mais a nuvem que me visitava solenemente  
ao crepúsculo  
os grandes eventos passaram indiferentes por mim  
os frutos de tentadoras formas não foram feitos para o afago  
de minhas mãos  
as moedas que me entregaram para o cofre do orago  
eu as perdi irresponsavelmente no jogo.

Fui pastor de cabras que deram crias ao vento  
toda a minha fortuna se resumiu num arruinado castelo de areia  
andei de casa em casa procurando os olhos das paredes  
os caminhos que me foram ensinados me conduziram a um  
jardim de portas fechadas  
os bêbados me atiravam pedras se eu os cumprimentava

as prostitutas zombavam do meu cinismo imberbe  
as moças me conservavam prudentemente à distância  
dos seus joelhos.  
os assassinos olhos negros que me acertaram as suas flechas  
eu os perdi irresponsavelmente na vida.

Não tenho ambições, além de saber que estou vivo.  
Na rua de paredes caiadas onde moro, os acontecimentos  
são repetidamente iguais, enfadonhamente iguais  
como este céu cor de cinza e a respiração das fábricas.

## RENDEIRA

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com as mãos  
tece com a voz  
tece com a sede  
tece com a fome  
tece com o frio  
das águas do rio?

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com a vida  
tece com a morte  
tece com a rosa  
tece com o espinho  
tece com algodão  
tece com o linho?

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com a água  
tece com o fogo  
tece com o vento  
tece com a chuva  
tece com os cabelos  
de mulher viúva?

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com o passado  
tece com o futuro  
tece com o silêncio  
tece com a palavra  
tece com o riso  
tece com a lágrima?

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com os olhos  
tece com os braços  
tece com a boca  
tece com os seios  
tece com o ouro  
dos dias alheios?

Que renda é essa  
que a rendeira tece?  
tece com os bilros  
tece com a fala  
tece com o corpo  
tece com a alma  
tece com o frio  
das águas do rio?

## POEMA DA CEIA

Garçom, me traga uma garrafa de vinho  
do tonel mais antigo que houver  
para eu celebrar  
o aniversário da minha solidão.

Garçom, me traga uma garrafa de vinho  
e uma taça de cristal.  
Quero brindar à irreverência  
do meu ser paradoxal.

Garçom, me traga uma garrafa de vinho  
que a vida passa depressa  
no seu alazão dourado.

Garçom, me traga uma garrafa de vinho  
que eu tenho convidados  
à ceia do coração.

## ANTROPOEMA

Estes homens humilhados  
— quantas fomes caminharam?

Estes homens carrancudos  
— de que solidão se matam?

Estes homens deserdados  
— quantas messes lhes tomaram?

Estes homens oprimidos  
— quantas mãos os expulsaram?

Estes homens apressados  
— de que verdade eles fogem?

Estes homens que não riem  
— de que infâncias desertaram?

Estes homens que não falam  
— de que mistério se cercam?

Estes homens que se perdem  
— de que sonho regressaram?

Estes homens que não sonham  
— de que mito se abastecem?

Estes homens mutilados  
— de que morte ressuscitam?

Estes homens que não dormem  
— de que lenda se recordam?

Estes homens que não amam  
— de que saudade eles morrem?

## INQUÉRITO

de quem é o pão  
    que o padeiro amassa?  
de quem é a terra  
    que ninguém semeia?  
de quem é o alimento  
    que o estrangeiro importa?  
de quem é o vento  
    que incinera os dias?  
de quem é a chuva  
    que envenena os campos?  
de quem é o fogo  
    que dissolve a noite?  
de quem é o pássaro  
    que extermina as casas?  
de quem é a bala  
    que atravessa o corpo?  
de quem é a fome  
    que amortalha a infância?  
de quem é o mito  
    que empobrece o homem?  
de quem é o braço  
    que derruba os astros?  
de quem é a fala  
    que decreta a morte?

## CANÇÃO DO SEMEADOR

Semeia os passos do homem  
e os gestos do seu clamor.  
Semeia a herança do morto  
— Semeia, semeador.

Semeia tempo e alegria  
Semeia o pólen da flor  
Semeia as asas do dia  
— Semeia, semeador.

Semeia o trigo do verso  
Na cova do vingador.  
Semeia aurora e esperança  
— Semeia, semeador.

Semeia alguma canção  
Semeia seja o que for  
No coração dos que sofrem.  
— Semeia, semeador.

Semeia o riso onde há choro  
Semeia a paz onde há dor  
Semeia o pão da justiça  
— Semeia, semeador.

## **BALADA CUBANA**

Numa quarta-feira amarga  
Quando a alba despontar  
Será o tempo da morte  
De Santiago Nasar.

O sangue dos assassinos  
Amola a faca nas veias.  
Começa o clamor dos sinos  
Pendurados nas aldeias.

Santiago vai morrer  
Na manhã ensolarada.  
O Bispo vai rezar missa  
Nas sete igrejas da estrada.

As moças plantarão lágrimas  
Na cova de Santiago.  
Sete noites, sete dias  
Por esse moço fidalgo.

Os galos acordarão  
Os cães que pastoram luas  
Na hora em que Santiago  
For morrendo pelas ruas.

Todas as portas fechadas  
Em sinal de espanto e luto.  
Esta manhã Santiago  
Vai despencar como um fruto



## **ANATOMIA DO AMOR**

O amor é feito de gestos repetidos  
de ilusões que prosperam na carne  
de solidões que rastejam nos espelhos.

O amor é feito de cansaços que se abraçam  
de ternuras que se repelem  
de pulsações que germinam na sombra.

O amor é feito de cristais que se partem  
de silêncios que resplandecem  
de palavras que se dilaceram na boca.

O amor é feito de vícios obscuros  
de memórias que se entrelaçam no coração  
de cios que sangram na pele.

O amor é feito de carne rebelada  
de gritos que se calam na treva  
de palavras que se dilaceram na boca.

## **SONETO AOS OLHOS DA VACA**

Vaca de olhos aflitos e pressagos  
teus olhos são os olhos sonolentos  
da noite debruçada sobre os lagos  
da estrela submergida pelos ventos.

Vaca de andar lavado pela chuva  
e por duzentas léguas de mormaço  
o corpo azul da madrugada ruiva  
reverberando em cima do espinhaço.

Vaca de garupa lunar, o estio  
mama o leite dourado do teu seio  
de olhos fitos nos olhos da miragem.

Vaca alargando o espaço luzidio  
da aurora ensangüentada de onde veio  
celebrar os funerais da paisagem.

## CANÇÃO DA IMPOSSIBILIDADE

Não posso domar os acontecimentos  
com as minhas mãos  
não posso deter o fluxo dos dias  
com as minhas idéias  
não posso mudar o rumo das estações  
com as minhas palavras  
não posso agarrar as colmeias do vento  
com a minha túnica  
não posso estancar a linfa da vida  
com os meus desejos  
não posso iludir o apelo do sangue  
com os meus protestos  
não posso impedir os ritos do homem  
com os meus propósitos  
não posso obscurecer a rota da estrela  
com as minhas retinas  
não posso esmagar o enigma da rosa  
com os meus sapatos  
não posso abolir a insígnia da morte  
com a minha irreverência.

## ALIENAÇÃO

vão-se as horas como répteis  
assustados  
e nem reparamos na vida.

O amor celebra o corpo com seu devaneio  
de água teimosa  
e nem reparamos na vida.

Os olhos das pessoas se despetalam  
à nossa passagem  
e nem reparamos na vida.

As rosas machucadas na pedra  
entre apelos de sangue  
e nem reparamos na vida.

As pessoas apascentando solidões  
desesperadas com as mãos  
e nem reparamos na vida.

Os pobres restaurando gestos destroçados  
pela água dos minutos  
e nem reparamos na vida.

As mandíbulas negras dos arranha-céus  
ruminando a memória do grito  
e nem reparamos na vida.

O amor nos esmagando de encontro  
à mola de ouro do mito  
e nem reparamos na vida.

A eternidade nos roçando com a sua asa  
de pássaro iminente  
e nem reparamos na vida.

## **MOURÃO MOURÃO**

Mourão mourão  
toma este dente podre  
e me dá outro são.

Toma este olho insone  
cego de solidão  
e me dá outro são.

Toma este corpo aflito  
fanado pela estação  
e me dá outro são.

Toma este sangue esvaído  
dos rios da minha mão  
e me dá outro são.

Toma este rosto pálido  
de morto sem remissão  
e me dá outro são.

Toma este braço inerte  
cortado pela explosão  
e me dá outro são.

Toma este verso esmagado  
pelo adeus dos que vão  
e me dá outro são.

Mourão mourão  
toma este mundo podre  
e me dá outro são.

## **PALAVRAS**

As mais belas palavras  
foram escritas  
pelas mãos entrelaçadas das raízes

As mais belas palavras  
foram pronunciadas  
pela boca da pedra cancerosa.

As mais belas palavras  
foram sussurradas  
pelo mar aos ouvidos do abismo.

As mais belas palavras  
foram gravadas  
a sangue e fogo na soleira da nossa porta.

As mais belas palavras  
são de pedra  
e continuam reverberando na fala do apocalipse.

As mais belas palavras  
nos foram ensinadas  
pelos olhos pontiagudos dos mortos.

As mais belas palavras  
foram ditadas ao coração  
pelo silêncio que ficou sem resposta.

As mais belas palavras  
foram preservadas  
pela solidão de todos os ritos do homem.

## LATITUDE

debaixo da ponte  
o apelo extraviado das águas

debaixo da ponte  
a barba de limo dos antepassados

debaixo da ponte  
a vertigem de ouro dos alevinos

debaixo da ponte  
a eternidade boiando nas pilastras

debaixo da ponte  
o esquecimento germinando nas pedras

debaixo da ponte  
a escória do que ficou sem memória

debaixo da ponte  
os peixes comendo as frases do suicida

debaixo da ponte  
a última latitude do homem.

## BALADA DO BAOBÁ

Sombras do Passeio Público  
o tempo estancou por lá.  
O vento zumba nos pulsos  
de ferro do Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

À sombra deste ciclope  
já não suspira a sinhá.  
O espectro de Mororó  
e o espanto do Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

Esta linfa que ainda escorre  
da fonte que já não há.  
A noite encosta a cabeça  
nos ombros do Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

Estátuas de maresia  
este arcabuz e esta pá.  
Pendem cordas desatadas  
dos galhos do Baobá.  
— Os mortos rondam por lá

Este passado está morto  
mas seu clamor não está.  
Este sangue ensopa a areia  
e o choro do Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

Estes galhos retorcidos  
não são de jacarandá.  
— São os braços do enforcado  
libertando o Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

Este silêncio e este augúrio  
se alastram no copião.  
O braço longo da Parca  
não abarca o Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

Estas pedras sabem lendas  
jamais ouvidas por cá.  
A eternidade começa  
onde acaba o Baobá.  
— Os mortos rondam por lá.

## **DISCURSO DO BAOBÁ**

Meus passos nestas pedras predicaram.  
Das arcadas deste obscuro crepúsculo  
hão de emergir os rostos decepados  
daqueles que em seu tempo nos amaram.

Este sangue abraçado ao Baobá  
evoca tantas lendas, tanta insígnia.  
— Um fantasma passeia nesta efígie  
que a memória dos mortos vingará.

Na pedra ardente um anjo rococó  
ergue à altura do mar seu arcabuz.  
Das arcadas deste senil crepúsculo  
pende o afoito perfil de Mororó.

A chuva sai cantando do algeroz  
uma canção às vestes do martírio.  
Meus passos nestas pedras predicaram  
espectros acordados dos heróis.

## **GOSTO NÃO SE DISCUTE**

Há os que se matam por desvelo  
e dor-de-cotovelo.

Os que se atiram do oitavo andar  
por causa dum olhar.

Os que se embriagam de pinga  
pelos olhos de uma linda.

Os que oferecem ramalhetes  
em lugar de sorvetes.

Os que preferem gim com soda  
ao jeans da moda.

Os que se apunhalam ou se deprimem  
por amor dum hímen.

Os que declamam fábulas de Kafka  
para a namorada pornográfica.

## **A VIDA / A DÚVIDA**

que linfa é a vida  
que jorra em nós?

que fera é a vida  
que não se doma?

que barca é a vida  
que não regressa?

que trama é a vida  
que não se desata?

que lêvedo é a vida  
que nos embebeda?

que sede é a vida  
que não se sacia?

que porta é a vida  
que não se abre?

que vento é a vida  
que nos arrebatá?

que chama é a vida  
que nos incendeia?

que pássaro é a vida  
que tão cedo emigra?

## **CANÇÃO DA DÚVIDA**

Onde fica o amor  
quando parte o amador?

Onde fica a esperança  
quando acaba a infância?

Onde fica a memória  
quando o mito soçobra?



Onde fica o espaço  
quando emigra o pássaro?

Onde fica o homem  
quando perde o nome?

Onde fica a plebe  
quando a onda se quebra?

Onde fica o Norte  
quando o vento sopra?

Onde fica a face  
quando a foice passa?

Onde fica o orvalho  
quando canta o galo?

Onde fica a palavra  
quando a rosa abre?

Onde fica o pobre  
quando o sino dobra?

Onde fica o morto  
sem a alma e o corpo?

Onde fica o poema  
sem o seu diadema?

## **A CASA DO PAI**

De quem é esta casa  
escorrendo do algeroz?  
— a casa com o seu silêncio?  
-- a casa com a sua voz?

De quem é esta casa  
de geometrias precisas?  
— a casa com os seus abraços  
e as suas despedidas?

De quem é esta casa  
aberta a todas as messes?  
— a casa com o seu passado  
brotando dos alicerces?

De quem é esta casa  
solidamente de pedra?  
— a casa com seus alpendres  
e seus esteios de cedro?

De quem é esta casa  
de argamassa e imburana?  
— a casa de alvenaria  
com sete janelas brancas?

De quem é esta casa  
voltada para o Leste?  
— a casa toda azulada  
com o seu frontal em festa?

De quem é esta casa  
de cumeeira sombria?  
— a casa como um punhal  
no peito da sesmaria?

De quem é esta casa  
com suas varandas calmas?  
— a casa ressuscitando  
os passos dos seus fantasmas?

De quem é esta casa  
de areia e maçaranduba?  
— a casa como uma barca  
relampejando na chuva?

De quem é esta casa  
boiando nas horas mortas?  
— a casa abarcando o tempo  
com suas duzentas portas?

## ESCAVAÇÃO

A memória de Pedro Nava

cava a aurora galopando em sua potranca alva  
cava Pedro Nava  
cava o ouro da nave fechado a sete chaves  
cava Pedro Nava  
cava o magma alvorecendo na lava  
cava Pedro Nava  
cava a larva do mistério sem palavra  
cava Pedro Nava  
cava o crânio coroado da lua calva  
cava Pedro Nava  
cava a memória da infância com raiva  
cava Pedro Nava  
cava a porta estreita da morte larga  
cava Pedro Nava  
cava o tempo no relógio de água  
cava Pedro Nava  
cava a sepultura da aeronave  
cava Pedro Nava  
cava a rocha da tumba fidalga  
cava Pedro Nava  
cava o passado e o silêncio da alga  
cava Pedro Nava  
cava o clamor da noite na aldrava  
cava Pedro Nava

## SONETO DO TEMPO DO MINUETO

guarda o teu soneto  
e a tua sonetice  
para quando chegarem os tempos  
lustrosos da calvície.

guarda o teu soneto  
de rimas raras e ricas  
para o desdém rotundo  
das damas capitalistas.

guarda o teu soneto  
de rebuscadas rimas  
no teu baú de fantasmas  
cheirando a naftalina.

guarda o teu soneto  
de decassílabos sáficos  
para adubar o latim  
e a grama dos epitáfios.

guarda o teu soneto  
do tempo do minueto  
teu soneto obsoleto  
como a soma dos quadrados do cateto

guarda o teu soneto  
com hemistíquio e tudo  
para que as traças sintam  
o gosto de tua virtude.

## **PERU PILANTRA**

era uma vez um peru  
de gravata azul

fazia rodas  
às vésperas das bodas

pelo quintal  
todo vermelho episcopal

fazia pose  
com a cauda aberta em close

ouro e estampa  
da majestade do pilantra

plumas de bardo  
— tudo acabou em molho pardo.

## TODOS SOMOS DESIGUAIS

O soldado e o general  
o vassalo e o rei.  
— Todos somos desiguais  
perante a lei.

O rico e o pobre  
a elite e a grei.  
— Todos somos desiguais  
perante a lei.

O juiz e o réu  
o cônego e o frei.  
— Todos somos desiguais  
perante a lei.

O macho e a fêmea  
a moça e o gay.  
— Todos somos desiguais  
perante a lei.

## MINUETO

Noite espúria  
do sonho.  
— O coração é uma pobre  
âncora podre.

Noite de estrelas  
capturadas.  
É preciso morrer aos ventos  
da liberdade.

Noite incólume  
dos puros.  
Madrugadas de pólvora clareiam  
perfis bastardos.

Noite de concha  
paleozóica.  
O amor é um rio de incesto  
que deságua em nós.

Noite angulosa  
dos bêbados.  
— Os sinos do vento estão dobrando  
pela última vez.

## **SIGILO**

guarda o teu corpo  
do mito veloz

guarda o teu corpo  
da morte no asfalto

guarda o teu corpo  
da bomba de nêutron

guarda o teu corpo  
do fogo do inferno

guarda o teu corpo  
do pacto de sangue

guarda o teu corpo  
do muro sem portas

guarda o teu corpo  
da espada do vento

guarda o teu corpo  
do grito iminente

guarda o teu corpo  
do orgasmo obscuro

guarda o teu corpo  
do vício da morte.

## **OS GATOS**

gatos cordatos  
de pêlos abstratos  
gatos literatos  
cercados de artefatos

gatos mentecaptos  
de volúveis hábitos  
gatos pacatos  
burgueses natos

gatos insensatos  
que gozam de status  
muitos contactos  
e fofos anonimatos

os gatos e seus atos  
os gatos e seus aparatos  
os gatos e seus olfatos  
os gatos e seus sobressaltos.

## **METAMORFOSE**

cara de plástico  
    boca de plástico  
nariz de plástico  
    queixo de plástico

peito de plástico  
    pernas de plástico  
braços de plástico  
    coração de plástico

orelhas de plástico  
    língua de plástico  
coxas de plástico  
    sexo de plástico

seios de plástico  
    ventre de plástico  
pescoço de plástico  
    espinhaço de plástico

homem de plástico  
    mulher de plástico  
amor de plástico  
    solidão de plástico.

## BALADA DOS CAVALOS BRANCOS

Para a Dra. Elizabeth Loibl

No condado de Berkshire  
Quando é noite de luar  
Passam cavalos fantasmas  
Num sombrio galopar.

São lindos cavalos brancos  
Como as areias do mar.  
Dizem que o vento os acorda  
Quando é noite de luar.

Reza a lenda que os cavalos  
Não cessam de galopar  
Como se fossem movidos  
Por algum deus milenar.

Pelas terras do condado  
Dizem que é certo nevar  
Quando os cavalos fantasmas  
Começam de galopar.

São lindos cavalos brancos  
Como o trigo de ceifar.  
Dizem que o vento os acorda  
Quando é noite de luar.

## MITOLOGIA DO CORPO

O corpo, sua asa  
e seu canto  
seu mistério, suas metáforas  
o corpo me esconde  
o cristal do seu acalanto.

O corpo, seu hemisfério  
de luz e espanto  
seu fulgor de pedra e punhal  
o corpo me arrebatava  
o cristal do seu acalanto.



O corpo, sua memória  
e seu amaranto  
suas arcadas e seus arcanos  
o corpo me sonega  
o cristal do seu acalanto.

O corpo, seu girassol  
e seu helianto  
suas conchas e metamorfoses  
o corpo me oculta  
o cristal do seu acalanto.

## **O TEMPO E O VENTO**

O vento apaga a candeia  
o tempo escreve na areia.

O vento assusta os cristais  
o tempo não volta mais.

O vento traz a mudança  
o tempo leva a esperança.

O vento dança uma rumba  
o tempo acaba na tumba.

O tempo passa veloz  
o vento espera por nós.

## **ESTRATÉGIA**

Se queres falar da morte  
fala sem rodeios e mistificações.  
As metáforas, as perífrases e os subterfúgios  
são pobres máscaras de vidro  
com que procuramos esconder o real.

Se queres falar da morte  
fala como se falasses com teu inimigo:  
— olho dentro do olho.  
A morte é chata, horizontal, repugnante, feia.

## POEMINHA PRA VERA MOSSA

Vera moça  
Vera Mossa  
Vera tonta  
de tanta bossa.

Vera em Verona  
Vera em Toscana  
Vera pantera  
de Copacabana.

Vera no vôlei  
e na paquera  
Vera que passa  
por prima Vera.

Vera veloz  
dos olhos de fera  
Vera de espuma  
Vera de vera.

Vera na praça  
Vera na roça  
Vera moça  
Vera Mossa.

Pinta de deusa  
jeito de fera  
Vera que passa  
por prima Vera.

## CUSTO

Não custa nada ser irmão  
não custa nada apertar a mão  
não custa nada dar um pedaço de pão  
não custa nada expulsar o ladrão.

Não custa nada distribuir os frutos da estação  
não custa nada sucumbir à tentação  
não custa nada protestar em vão  
não custa nada pedir aumento ao patrão.

Não custa nada trocar a pólvora pela plantação  
não custa nada ser capitalista padrão  
não custa nada mandar tudo às favas  
e apodrecer no caixão.

## POTRO NO PASTO

Desiste de compreender a vida  
suas tradições e contradições.  
A vida é um mistério que não se desvenda  
(ou só em parte se desvela).  
Cessa de procurar o sentido da vida  
e o sentido da morte.  
Vive como se não fosses morrer.  
Morre como se não tivesses vivido.

Desiste de espreitar a vida.  
Deixa a vida correr selvagemmente  
como um potro no pasto.  
Deixa a vida relinchar  
seu cântico de égua libertada.  
Deixa a vida fluir em paz  
como um regato acorrentado à montanha.

Desiste de compreender a vida.  
A vida não é menos enigmática  
do que a morte desenhada em tua pele.

## MEMORANDO

Estou cercado de engrenagens  
e de sorrisos eletrônicos.  
Há dois mil anos escrevo memorandos cabalísticos  
para autoridades cabalísticas  
que não sabem meu nome  
e nunca ouviram a minha voz.

Prezados senhores  
aproveito a oportunidade  
para lhes comunicar que morri  
de solidão e de tédio.

Morri sem saber que do outro lado  
do muro das lamentações  
a vida passeia indiferente  
às nossas gravatas e às nossas bravatas.

Morri sem pedir permissão  
ao chefe da repartição.  
Morri de esferográfica na mão  
sem muita convicção.  
Morri entre orgasmos e organogramas  
entre secretárias de seios burocráticos  
e as nádegas irreverentes das datilógrafas.

Prezados senhores  
comunico a Vossas Senhorias  
que ninguém morre ou deixa de morrer  
senão em virtude da lei.  
Revogadas as disposições em contrário.

## **CANTEIRO DE OBRAS**

No canteiro de obras  
    não desabrocham rosas.

Desabrocham rosas de pedra  
    rosas de inanição e de lágrima.

No canteiro de obras  
    cresce a lavoura do suor dos pobres.

Cresce a lavoura cinzenta  
    das vigas de cimento armado.

Cresce a messe dos andaimes  
    com seus sinos de soluçados dobres.

No canteiro de obras  
    cresce a desesperança dos pobres.

Cresce a madrugada capitalista  
    com todas as suas manobras.

## CONSTRUÇÃO

Carregamos pedra para os nossos túmulos  
carregamos tijolos e palavras  
para a construção do poema.

Carregamos a insônia para os olhos do lençol  
carregamos o êxtase no ventre  
carregamos a liberdade nas entranhas  
carregamos o corpo ensangüentado  
da aurora em nossas mãos.

Carregamos areia e remorso para as catedrais  
carregamos a solidão em nossos ombros  
carregamos a tempestade nos ossos  
carregamos no sangue a marca do incesto  
carregamos o morto na memória.

Carregamos a multidão na pele  
carregamos nas tripas o trigo dos deserdados  
carregamos nos pés a maldição de Caim  
carregamos em cada veia dos nossos passos  
o sangue derramado de Hiroxima.

Carregamos a esperança no grito esfacelado  
carregamos o assombro e as iguarias  
da grande ceia atômica.

## PASTORAL PARA PENÉLOPE

Tece os dias do herói  
Penélope  
tece as velas das naus homéricas  
tece a solidão de Telêmaco  
tece a mortalha de linho  
enquanto Ulisses  
não volta.

Tece a túnica de lã  
para a travessia de Laertes  
tece a paciência  
Penélope  
tece a mortalha de linho  
enquanto Ulisses  
não volta.

297

so tece  
o regresso  
de Ulisses.

Tece o infortúnio e a esperança  
Penélope  
tece a tristeza de Telêmaco

## TECELÃ DE AUSÊNCIAS

Penélope, mãe de Telêmaco  
teceu vinte anos de ausência  
teceu as rugas do rosto  
e as barbas brancas de Laertes.

Penélope, esposa de Ulisses  
teceu a esperança do herói  
as nuvens e as crinas dos cavalos  
tangidos para a guerra de Tróia.

Penélope, às caladas da noite  
desmancha a mortalha do rei  
e assim vai tecendo outra malha  
com que ilude o inimigo veloz.

Penélope, mãe de Telêmaco  
e esposa do filho de Sísifo  
enquanto os deuses bebem vinho  
vai tecendo o regresso de Ulisses.

## CANTO DA FIDELIDADE

enquanto  
a engenhosa Penélope  
tece e destece  
a mortalha de ouro  
do rei Laertes  
que haverá de mergulhar  
nas águas velozes  
do rio Letes  
negras como crepes  
enquanto  
a silenciosa Penélope  
tece a teia  
de ausência e lágrimas  
tece a cólera  
e tece o desespero  
dos pretendentes  
ao leito intacto do herói  
Ulisses tece  
com o linho áspero do exílio  
o seu regresso.

## POEMA EM HONRA DO CORPO

o corpo suporta o peso da vida  
o peso da maldição de Caím  
o peso dos sete pecados capitais  
o peso dos cinco sentidos  
o peso dos sonhos desmoronados  
o peso da solidão  
o peso da mentira capitalista.

o corpo suporta o peso do mundo  
o peso das noites e dos dias  
o peso da sobrevivência  
o peso do polvo e da pólvora  
o peso da guerra e da bomba atômica  
o peso da sensualidade  
o peso do suor e da lágrima.

o corpo suporta o peso da eternidade  
o peso do mito e da pedra  
o peso do silêncio e da tumba  
o peso da injustiça e do sarcasmo  
o peso do incesto e da memória  
o peso do latifúndio  
o peso do esquecimento veloz.

## GLÓRIA

A glória dos que se governam pelo brilho  
da celebridade e do heroísmo

A glória dos que se entregam à embriaguez  
da sabedoria e do vinho

A glória dos que mergulham na cinza do passado  
em busca das pegadas do ancestral

A glória dos que sacrificam a própria vida  
pela volúpia de um minuto de poder

A glória dos que voltam dos campos de batalha  
ungidos pela benevolência dos deuses

A glória dos que repartem com as próprias mãos  
os frutos da liberdade

A glória dos que se transformam em monumentos  
de pedra nas praças públicas

A glória dos que envelhecem iluminados  
pela alvorada das multidões

A glória imperecível dos bardos que celebram  
pastores, divindades e heróis

A glória dos sábios, dos filósofos, dos conquistadores  
de povos e de nações.

Nenhuma glória se compara  
à indefinível glória do amor.

## **FÁBULA DO HOMEM E DA PEDRA**

O homem constrói fortalezas de pedra  
cercadas de muralhas de pedra

o homem edifica cidadelas de pedra  
para o seu sono de areia

o homem planeja catedrais de pedra  
para purgar os seus remorsos de pedra

o homem entroniza deuses de pedra  
no seu coração de pedra

o homem inventa solidões de pedra  
para dormir com seus mitos de pedra

o homem semeia monumentos de pedra  
no meio das árvores

o homem derruba as árvores  
e planta em seu lugar túmulos de pedra

o homem vai-se dilacerando pela vida afora  
com se não fosse eterno.



## **CANÇÃO DA ROTINA**

Me levanto cedo  
para tomar café  
com torradas atômicas.

Me levanto cedo  
para o mesmo ofício  
de morrer desta morte química.

Me levanto cedo  
para ver a estrela da manhã  
apodrecendo no fundo do quintal.

Me levanto cedo  
para expulsar a morte  
dos braços do lençol.

Me levanto cedo  
para o rito arcaico  
de apagar as nódoas do amor.

Me levanto cedo  
para a missa de sétimo dia  
do mundo capitalista.

Me levanto cedo  
para os funerais  
das sete amantes do rei.

Me levanto cedo  
para ver a ferida aberta  
da vida sangrar mais uma vez.

## **VERDE QUE TE QUERO VERDE**

Verde que te quero verde  
para a vida e para a morte  
para o enigma do punhal  
para o cavalo a galope.

Verde que te quero verde  
para o verso e para a rima  
para o vento e para a chuva  
para o orvalho na vindima.

Verde que te quero verde  
para o grito e para a fala  
para a rosa sobre a pedra  
para o defunto no asfalto.

Verde que te quero verde  
para os olhos desta face  
para o sangue deste evento  
para a ovação desta praça.

Verde que te quero verde  
pra liberdade do homem  
para o trigo e para a foice  
para a sede e para a fome.

Verde que te quero verde  
para a estrela e para o pássaro  
para o inverno e para o estio  
para o tempo dominado.

## **SONETO COM RIMAS FRUTAIS**

Se a fruta é nêspera, rima com Vêesper  
Se jabuticaba, rima com baga  
Se fruta-do-conde, rima com seio  
E se romã, rima com tua boca.

Se carambola, rima com memória  
Se tamarindo, rima com infância  
Se tangerina, rima com saudade  
Se manga-rosa, rima com desejo.

Se jenipapo, rima com teu corpo  
Se morango, rima com tua face  
E se amora, rima com teu sorriso.

Se pitanga, rima com esperança  
Se goiaba, rima com paladar  
E se abricó, rima com minha avó.

## SONETO DO TEMPO LUNAR

Lua de Delfos, lua de Agrigento.  
Lua dos ventos, lua de Cartago.  
Lua do inferno, lua de Palermo.  
Lua de Esposende, lua de Nápoles.

Lua de Patmos, lua de Luanda.  
Lua de Londres, lua de Segóvia.  
Lua de Veneza, lua das gôndolas.  
Lua de Julieta e de Desdêmona.

Lua de Tarragona. Lua trágica  
De Andorra desfolhando profecias  
Na tumba de Ignacio Sánchez Mejias.

Lua ensangüentada dos touros. Lua  
Dos holocaustos, lua de Toledo.  
Do punhal desta lua tenho medo.



## ÍNDICE

BARCA DOS SENTIDOS (Apresentação de Sânzio de Azevedo). . . . . 7

### BARCA DOS SENTIDOS

LIVRO I . . . . . 11

Ode Visionária, 13; Poema do Homem Atômico, 28; Transformação do Poema, 28; Sono de Pedra, 29; Tarde de anjos como bardos bêbados, 30; Veia da Vida, 30; Hora Incrédula, 31; Santuário de Cristal, 31; O Lugar do homem, 32; Homem não é de pedra, 32; Chuva, 33; Presságio, 33; A Morte no ventre, 34; Ponte de ausências, 34; Vertente, 35; Ressurreição, 36; Elegia da Busca, 36; Poema do natal atômico, 37; Cântico do boi, 38; Elegia do regresso, 39; Mesa de jacarandá, 39; Casa do ancestral, 40; Onde jaz o homem, 40; Cântico, 41; Solidão, 41; Madrigal, 42; Canção, 42; Esfinge veloz, 43; Coração, 44; Coração/II, 45; Mulher das águas, 45; As Faces do poema, 46; Poema do natal?, 47; Germinação do vento, 48; Três sonetos, 49; Madrigal bossa velha, 50; Estrela de morfina, 51; A Casa do homem, 52; Anzol de Deus, 52; Balada da forca, 53; Soneto do enforcado, 54; Cântico do enforcado, 54; Balada para Benjamin Moloise, 55; Soneto a J.L.B., 55; Balada das moças esguias, 56; Palavra, 58; Canção do dia seguinte, 58; Se eu me chamasse Raimundo, 59; O Dia seguinte, 59; Correnteza, 61; Cântico do filho pródigo, 62; Retrato do artista quando jovem, 63; Cathedral, 64; Soneto evocando Ascendino Leite, 64.

LIVRO II . . . . . 65

Poema do Acontecer, 67; Passos secretos, 83; Serpente, 83; Anjo bêbado, 83; Chama viva, 84; Mitologia do pássaro, 84; Esta hora erguida como espada, 85; Soneto evocando Rilke, 85; Vaca de espinhaço azul, 86; Anzol de velocidade azul, 87; Canção para Agostinho Neto, 89;

Canção n.º 2, 89; Canção n.º 3, 90; Elegia para Joaquim Cardozo, 90; Chuva de caju, 91; Os cavalos de Teruz, 92; Penélope, 94; O Tecedor, 94; Cantiga bovina, 97; Soneto de Águeda, 99; Canção do homem sem terra, 99; 100 haicais, 100; Canção da expectativa atômica, 109; Jandira e o tira, 109; Minueto do vento, 110; Insônia de cristal, 110; Olhos de safira, 111; As uvas amargas, 111; Anjo cego, 112; Canção de alguma esperança, 112; Elegia veloz, 113; A vida é pura trapaça, 113; As Pirâmides, 114; O Peixe, 115; Poema para Maza de Palermo, 116; Thomas Merton, 119; Soneto do remorso, 120; A Mulher de Urias, 120; Quando o Halley voltar, 121; Memorando, 121; Soneto da neurose urbana, 122; O Poeta e sua natureza, 122; Soneto de outubro, 123; Balada do espantalho, 123.

LIVRO III ..... 125

O País do Ser, 127; Canção do espantalho, 140; Soneto da oferenda, 141; Horóscopo, 142; Canção para Santa Teresa, 143; Canção da andorinha, 143; As Serventias do amor, 144; Diário sentimental dum cínico, 144; Liturgia da pedra, 145; Olaria, 146; Conjugação da pedra, 146; Marinha, 147; Canção marinheira, 148; Epitáfio, 148; Elegia de Canoa Quebrada, 149; Soneto memorial, 149; Poema dos signos, 150; Ode polissêmica, 150; Cântico da aeromoça, 151; Cântico da pedra, 152; Barco do corpo, 153; Canção do airbus, 153; Jogo de palavras, 154; Mão, 155; Vai Rute aos campos de Booz, 155; Juízo Final, 156; Soneto de Granada, 157; Rio de Heráclito, 158; Segundo poema da aeromoça, 158; Poema da assimetria, 160; Soneto do abutre, 160; Canção marítima, 161; Outdoor n.º 3, 161; Outdoor, 162; Exercícios poéticos, 162; Outdoor, 164; Pária, 164; A Testemunha, 165; Retrato do artista quando velho, 165; Serpente, 165; Éden, 165; Feira feérica, 166; Lavoura, 166; Soneto da pedra, 167; Terra da promessa, 167; Estudo sobre a alma, 168; Alma, 169; Poema da criação, 169; Poema da confiança, 170; Elegia da procura, 171; Canção da procura, 171; Poema, 172; Balada para América Vicunha, 173; Sinal, 173; Soneto a um velho poeta, 174; Minicântico, 175; Ode a um falcão, 175; Canção do quarto de Manuel Bandeira, 176.

LIVRO IV ..... 177

Ode itabirana, 179; Rio, 188; Jardim de rosas dissipadas, 188; Mercado para morrer, 189; Poeminhas velozes, 189; A Nave chamada terra, 191; Tríptico da rosa, 192; Canção do emparedado, 193; Canção da moenda, 194; Poema genérico, 195; Cântico, 196; Madrigal, 200; Soneto dos espantos, 201; Se, 202; Balada das três solteironas, 202; Explicação, 203; Canção de todas as Marias, 203; Balada trágica, 204;

Oração, 204; Notícia sobre o cometa de Halley, 205; Poema ascendente, 206; Balada do suicida na torre, 206; Quem viu as três mulheres do sabonete araxá?, 208; Balada do homem que saltou da torre, 208; Balada do rio, 210; Paráfrase de Manuel Bandeira, 211; Canção dos heterônimos de Fernando Pessoa, 212; Carrossel de Paris, 213; Salmo do corpo, 214; Tratado de versificação, 214; Primavera dos mortos, 215; Sinos da ressurreição, 229; Cântico Pascal, 230; Chave, 232; Mentira, 232; O Falcão, 233; Dois lados, 236; Canção das amadas de outrora, 237.

LIVRO V ..... 239

Invocação do persa, 241; Hora do poema, 260; Poema das mãos vazias, 260; Poema crucial, 261; Sempre, 262; Estigma, 263; Poema da obstinação, 263; Herança, 264; Compromisso, 265; Cântico do filho, 265; Soneto de uma corda só, 266; Ode ao corpo e alma do vinho, 267; Desenho crepuscular, 270; Poema para escrever no asfalto, 270; Paráfrase de uma canção de Isaías, 271; Poema dos gestos obscuros, 271; Rendeira, 272; Poema da ceia, 273; Antropoema, 274; Inquérito, 275; Canção do semeador, 275; Balada cubana, 276; Anatomia do amor, 277; Soneto aos olhos da vaca, 277; Canção da impossibilidade, 278; Alienação, 278; Mourão mourão, 279; Palavras, 280; Latitude, 281; Balada do baobá, 281; Discurso do baobá, 282; Gosto não se discute, 283; A vida / a dúvida, 284; Canção da dúvida, 284; A casa do pai, 285; Escavação, 287; Soneto do tempo do minueto, 287; Peru pilantra, 288; Todos somos desiguais, 289; Minueto, 289; Sigilo, 290; Os Gatos, 290; Metamorfose, 291; Balada dos cavalos brancos, 292; Mitologia do corpo, 292; O tempo e o vento, 293; Estratégia, 293; Poeminha pra Vera Mossa, 294; Custo, 294; Potro no pasto, 295; Memorando, 295; Canteiro de obras, 296; Construção, 297; Pastoral para Penélope, 297; Cartilha grega, 299; Tecelã de ausências, 300; Canto da fidelidade, 300; Poema em honra do corpo, 301; Glória, 301; Fábula do homem e da pedra, 302; Canção da rotina, 303; Verde que te quero verde, 303; Soneto com rimas frutais, 304; Soneto do tempo lunar, 305







Composto e Impresso  
na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932, Caixa Postal, 2600  
Fortaleza-Ceará-Brasil

